

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE UNIÃO DA VITÓRIA
PROFILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

HELAYNE CÂNDIDO

**O DIÁRIO FILOSÓFICO COMO EXPERIÊNCIA DO SENTIR
REFLEXÕES ACERCA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A SENSIBILIDADE NOS
ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I, DURANTE A PANDEMIA**

UNIÃO DA VITÓRIA – PR

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE UNIÃO DA VITÓRIA
PROFILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

HELAYNE CÂNDIDO

O DIÁRIO FILOSÓFICO COMO EXPERIÊNCIA DO SENTIR
REFLEXÕES ACERCA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A SENSIBILIDADE NOS
ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I, DURANTE A PANDEMIA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Estadual do Paraná, Campus de União da Vitória, como exigência para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Renata Noyama.

UNIÃO DA VITÓRIA – PR

2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Cândido, Helayne

O diário filosófico como experiência do sentir.
Reflexões acerca de uma educação para a
sensibilidade nos anos finais do ensino fundamental
I, durante a pandemia. / Helayne Cândido. -- União
da Vitória-PR, 2023.
105 f.: il.

Orientador: Renata Noyama.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Filosofia) -- Universidade
Estadual do Paraná, 2023.

1. Filosofia e Infância.. 2. Ensino de filosofia
no contexto da pandemia.. 3. Educação estética.. I -
Noyama, Renata (orient). II - Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE UNIÃO DA VITÓRIA
PROFILO – MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

BANCA EXAMINADORA

Dissertação intitulada “O diário filosófico como experiência do sentir. Reflexões acerca de uma educação para a sensibilidade nos anos finais do ensino fundamental I, durante a pandemia.”, de autoria da mestranda Helayne Cândido, apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^ª Dr^ª. Renata Noyama – Orientadora – UNESPAR

Prof^ª. Dr^ª. Patrícia del Nero Velasco - UFABC




Prof. Dr. Samon Noyama – UFABC

ATA DE DEFESA DE MESTRADO

No dia 06 do mês de março do ano de 2023, às 14h, no Laboratório de Filosofia Antiga (sala 31), foram instaladas as atividades pertinentes à Defesa da dissertação da mestranda Helayne Cândido, intitulada: “O diário filosófico como experiência do sentir. Reflexões acerca de uma educação para a sensibilidade nos anos finais do Ensino Fundamental I, durante a pandemia”, sob orientação da Profª. Drª. Renata Noyama. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia, núcleo da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de União da Vitória, foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. Samon Noyama (UFABC | UNESPAR PROF-FILO) e Profª. Drª. Patrícia Velasco (UFABC). A presidência iniciou a sessão, sendo que coube a candidata expor o tema de sua dissertação dentro do tempo determinado. Após exarado os pareceres dos membros da Banca Examinadora e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final que decidiu pela **aprovação**. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 16h30m e eu, Profª. Drª. Renata Noyama, presidenta da banca, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Banca Examinadora e pela candidata. A candidata está ciente de que deve entregar a versão final, com as devidas correções se necessário, dentro do prazo de 90 dias, considerando as normas do Programa.

União da Vitória, 06 de março de 2023.

Banca Examinadora:

Nome	Instituição	
Profª. Drª. Renata Noyama	UNESPAR	 Documento assinado digitalmente RENATA IBESBO TAVARES DA SILVA NOYAMA Data: 10/04/2023 18:57:17-0300
Prof. Drª. Patrícia Velasco	UFABC	 Documento assinado digitalmente PATRICIA DEL NEIRO VELASCO Data: 10/04/2023 21:42:55-0300 Verifique em https://validar.jf.gov.br/
Prof. Dr. Samon Noyama	UFABC UNESPAR	 SAMON NOYAMA Data: 10/04/2023 17:06:03-0300 Verifique em https://validar.jf.gov.br/

Candidata	Assinatura
Helayne Cândido	 Documento assinado digitalmente HELAYNE CANDIDO Data: 22/04/2023 14:24:00-0300 Verifique em https://validar.jf.gov.br/

Universidade Estadual do Paraná
R. Cel. Amazonas, S/n - Centro, União da Vitória - PR, 84600-185
Telefone: (42) 3521-9100

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia por me oportunizar repensar minha prática em sala de aula.

Ao Professor Charles Santiago, pelo incentivo à entrada no mestrado Prof-filo.

Ao professor Thiago Stadler pelas aulas inspiradoras e pela dica do livro para desenvolver o projeto.

Ao professor Samon Noyama pela sempre gentil troca de ideias e por nos apresentar Augusto Boal.

Ao professor Daniel Santos da Silva pelas aulas leves e descontraídas e pelo bate-papo na praça a incentivar num momento de caos.

À minha professora orientadora Renata Noyama por me inspirar a enxergar a filosofia nas miudezas da vida, por compartilhar angústias durante a pandemia, por sua fala sempre pontual e certa quando eu já não sabia para onde ir e por me acolher no mundo da filosofia e acreditar em mim.

Ao professor e amigo Jonas Vicenzi por aceitar dar vida a este projeto.

À professora e amiga Karoline Fin, por ouvir meus desabafos e pelas palavras de calma.

À minha escola por ter me permitido colocar em prática este projeto.

Aos meus meninos e minhas meninas, crianças as quais levarei para sempre em minha memória por terem vivenciado comigo um período tão turbulento da história da humanidade.

Ao meu filho Henrique e minha filha Heloyse, por compreenderem minhas ausências, meus momentos de aflição e pelas trocas de ideias.

À minha mãe, pelos cuidados na primeira infância e que se estendem até hoje.

A todos os meus professores e professoras que passaram por mim e me marcaram em seus ensinamentos, desde o jardim de infância até o momento.

Dedico este trabalho ao meu pai, professor Dário Cândido (in memorian) que sempre me ensinou que a educação é o maior tesouro que alguém pode ter.

E à minha tia Noeli Cândido (in memorian), também professora, que me foi amparo e escuta.

[...] quero apenas experimentar até onde me leva a trilha descoberta. Se não me levar diretamente à meta, ainda assim não está de todo perdida a viagem pela qual se busca a verdade.

Friedrich Schiller (1759 – 1805)

RESUMO

O DIÁRIO FILOSÓFICO COMO EXPERIÊNCIA DO SENTIR REFLEXÕES ACERCA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A SENSIBILIDADE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I, DURANTE A PANDEMIA.

A proposta deste trabalho visa refletir sobre a ausência da disciplina de filosofia nos anos iniciais do ensino fundamental, em contraste com a percepção do quanto ela está presente nas falas das crianças. Inspirado na obra “*O Mundo de Sofia*”, de Jostein Gaarder, algumas inquietações apresentadas no livro foram adaptadas e chegaram até as crianças por meio de vídeos. O percurso enfrentado durante a pandemia reduziu nosso espaço de saber e nossas possíveis interações às telas de celulares. O diário filosófico, chamado pelas crianças de “*Caderno de ideias*”, foi a materialização do pensar e sentir, durante este momento de isolamento. Conforme avançamos, percebemos a filosofia como muito mais que uma disciplina, um modo de ver e viver nesse mundo. Filosofia e infância possuem características muito próximas, e exercitar a prática filosófica com crianças é compreendê-las como seres questionadores no mundo, que pensam e sentem. Considerando os escritos de Friedrich Schiller, Alejandro Cerletti, Giuseppe Ferraro, Walter Kohan, Paulo Freire, entre outros, vivenciamos uma escola do sonho possível e compreendemos a infância não somente como um tempo cronológico, mas como uma possibilidade de investigar o mundo. Muito mais que ensinar teorias filosóficas, o objetivo do projeto foi manter viva a inquietude infantil, própria da filosofia, e proporcionar tais momentos foi ouvir aqueles que, por vezes, a escola não ouve.

Palavras chave: educação, filosofia, infância.

ABSTRACT

THE PHILOSOPHICAL JOURNAL AS AN EXPERIENCE OF FEELING REFLECTIONS ON AN EDUCATION FOR SENSITIVITY IN THE FINAL YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION I, DURING THE PANDEMIC.

The purpose of this work is to reflect on the absence of the discipline of philosophy in the early years of elementary school, in contrast to the perception of how much it is present in the children's speeches. Inspired by the work "Sophie's World", by Jostein Gaarder, some concerns presented in the book were adapted and reached the children through videos. The journey faced during the pandemic has reduced our knowledge space and our possible interactions to cell phone screens. The philosophical diary, called by the children "Notebook of Ideas", was the materialization of thinking and feeling during this moment of isolation. As we move forward, we perceive philosophy as much more than a discipline, a way of seeing and living in this world. Philosophy and childhood have very similar characteristics, and exercising philosophical practice with children is understanding them as questioning beings in the world, who think and feel. Considering the writings of Friedrich Schiller, Alejandro Cerletti, Giuseppe Ferraro, Walter Kohan, Paulo Freire, among others, we experience a possible dream school and understand childhood not only as a chronological time, but as a possibility to investigate the world. Much more than teaching philosophical theories, the objective of the project was to keep alive the childhood restlessness, characteristic of philosophy, and to provide such moments was to listen to those that, sometimes, the school does not listen.

Keywords: education, philosophy, childhood.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - POR UMA FILOSOFIA DA SENSIBILIDADE	19
1.1. ESCOLA DA ESCUTA - POR UMA FILOSOFIA DO DIÁLOGO	19
1.2 AS CONTRIBUIÇÕES DE SCHILLER, O PENSADOR DA SENSIBILIDADE	30
1.3 POR UMA FILOSOFIA MENOS BARBUDA E MAIS INFANTE	34
1.4 O TEMPO DO PERGUNTAR	38
CAPÍTULO II – O FILOSOFAR EM TEMPO DE PANDEMIA	42
2.1 POR UMA FILOSOFIA DA PERGUNTA	42
2.2 COMO PEQUENAS SOFIAS	44
2.3 COMO FOLHAS NO OUTONO E O FRIO DO INVERNO.	48
2.4 PRIMAVERA, ASSIM COMO AS FLORES, AS CRIANÇAS RETORNAM...	55
2.4. VERÃO E O NOVO COTIDIANO	58
CAPÍTULO III – A CRIANÇA, A INFÂNCIA E O FILOSOFAR	73
3.1. CRIANÇAS, ESTES PEQUENINOS SERES.	74
3.2. INFÂNCIA, A POTÊNCIA DO SABER.	77
3.3. O FILOSOFAR E/OU DA EDUCAÇÃO	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS:	90
ANEXOS	92

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Caderno de Ideias	45
Figura 2 - Tales (professor Jonas Vicenzi) e Urso, seu cachorro.	46
Figura 3 - Vídeos feitos por Tales (professor Jonas Vicenzi)	47
Figura 4 - Modo de envio dos vídeos de Tales	47
Figura 5 - Tentativa de chamada no Google Meet com a turma.	48
Figura 6 - Relato de um estudante.	51
Figura 7 - Relato de um estudante.	52
Figura 8 - Relato de um estudante.	53
Figura 9 - Professora Helayne, de volta à sala de aula, com os devidos cuidados contra o vírus, durante entrega e recebimento de atividades remotas.	56
Figura 10 - Sala de aula durante o ensino híbrido.	57
Figura 11 - Desenho de um estudante durante o ensino presencial.	60
Figura 12 - Desenho do mesmo estudante, durante o ensino remoto.	59
Figura 13 - Relato de um estudante.	61
Figura 14 – Relato de um estudante.	62
Figura 15 - Relato de um estudante.	63
Figura 16 - Desenho de uma estudante retratando sua nova realidade.	64
Figura 17 - Relato e desenho de um estudante.	65
Figura 18 - Relato de uma estudante.	67
Figura 19 - Roda de conversa com as crianças.	68
Figuras 20 e 21 - Modelagem com argila - Expressão do eu.	68
Figuras 22, 23 e 24 - Pintura em tela - expressão livre.	69
Figuras 25 e 26 - “Mito da caverna” e “A menina e o fósforo”, respectivamente.	69
Figura 27 - “Respeito às diferenças” - <i>Bullying</i> .	69
Figura 28 - Professor Jonas caracterizado como <i>Tales</i> na sala de aula com as crianças.	71
Figuras 29 e 30 - <i>Tales</i> com as crianças.	71
Figuras 31, 32 e 33 - Professora Helayne, <i>Tales</i> e uma estudante realizando a atividade da <i>Cápsula do Tempo</i> .	72
Figura 34 – Cão ao visitar a sala.	81
Figura 35 e 36 – Trabalhos com argila e pintura de quadros realizados pelas crianças.	82

INTRODUÇÃO

Para iniciar esta escrita, preciso voltar no tempo. O tempo de minha infância. Volto meus pensamentos à memória mais evidente que possuo da primeira fase de minha vida: minha infância. Quando pequenina, sempre ouvia as pessoas adultas comentarem sobre mim. Lá em meados de 1985, recebia adjetivos como “muito teimosa”, “parece um menino”, “endiabrada”, “desobediente”, entre outros.

Já no início da vida escolar, momento em que algumas crianças choravam porque não queriam ir à escola, eu implorava para ir. Isto porque como meu aniversário é no fim do ano, ainda não tinha idade para acompanhar minha prima, que já frequentava o chamado “prezinho”. A insistência foi tanta que lá fui eu, aos cinco anos, para o pré-escolar.

Nesta mesma turma, onde a mesa da professora me parecia gigante, ao passo de eu precisar inclinar a cabeça para trás ao me aproximar dela, certa vez, a criançada, em especial os meninos, estava bem agitada e a professora resolveu solucionar tal situação separando as crianças bagunceiras das crianças comportadas.

Num lado da sala, em pequenas mesas formadas em grupos, ficaram as crianças comportadas, que no caso foram as meninas da turma. E do outro lado, nas outras mesinhas, os mais agitados, ou podemos dizer como a própria professora nomeou: os bagunceiros. Eu, é claro, fiquei ao lado dos bagunceiros, onde só havia meninos.

Tenho nítida a minha imagem, sentada naquela pequenina cadeira, com os cotovelos apoiados na mesa e as mãos no queixo a me perguntar: seria eu, então, um menino? Teria sido nesse momento que tive meu primeiro questionamento sobre minha presença no mundo?

Os anos passam, e agora já tenho dez anos, deitada em minha cama, pensava sobre a existência de Deus, se lobisomem existia, pensava sobre as normas impostas na sociedade, pensava se haveria vida fora deste planeta e pensava na possibilidade de cavar um buraco no jardim da casa de meus pais para chegar ao Japão. Pensava!

Questionamentos simples, logo tomados pelo processo de crescer.

Os anos se passaram, mas a inquietude continua a incomodar aquela que agora, tendo findado sua fase de criança, tem como profissão o trabalho com elas. Quando nos tornamos adultos, a infância fica numa vaga lembrança. Eu mesma tenho poucas memórias da minha. Mas o que tenho muito bem lembrado é essa fase do perguntar:

perguntar sobre minha existência, perguntar sobre o porquê de certos acontecimentos, perguntar de onde vim e para onde vou. Se é que um dia eu vou.

Neste sentido, para se trabalhar com crianças, antes de entender e dominar todas as técnicas, acredito que seja necessário voltar nosso olhar para nosso eu criança. Recordar nossa infância e ressignificá-la para melhor acolhermos nossos pequenos. É o que tanto se fala: colocar-se no lugar do outro. Parece que algumas professoras/es, esquecem que um dia também foram crianças e não se colocam no lugar delas. Compreender que as crianças não são criaturas vazias a receber tudo o que lhes dizemos é abrir espaço de escuta, de diálogo e de criar laços. Giuseppe Ferraro (2018, p.26) explica que:

A filosofia não é terapêutica na maneira que se pode entender o curar esta ou aquela coisa, este ou aquele jovem. A cura em filosofia é “epimelética”, não terapêutica. Não cuida do outro, mas cuida que o outro tenha cuidado de si. Não cuida do outro, mas tem carinho por ele. Não será, portanto, nem mesmo um processo de identificação, de empatia, como seria um percurso de tradução. Tratar-se-á de um laço. Não um *transfer*; não uma transferência, é algo como um deslocamento. Educamo-nos. Percorremos o caminho juntos.

Para nos entendermos como professoras/es, precisamos revisitar todas as influências que tivemos e que nos tornaram o que somos hoje. Influências positivas e negativas. Observar o que de bom contribuiu para nossa formação e o que teve de ruim. Estar consciente disto, deste processo constante de formação nos torna mais atentas/os a real função da escola. Paulo Freire (1999, p.32) ressalta:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino [...] Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

A vida no magistério é um constante pensar e repensar a nossa prática. Isso envolve o questionamento de nossa real função e objetivo dentro dela. Ou ainda, o que fazemos com o tempo da escola? Com o tempo que passamos dentro dela? Que espécie de tempo estamos proporcionando para nossas crianças dentro das salas de aula? Nos fechamos no tempo do relógio ou marcamos um tempo da/na memória? Somos constantemente cobradas/os com prazos, notas, tabelas, relatórios, índices, e a escola esquece o que poderia ser: uma escola humanizadora, onde as vivências poderiam ter

mais relevância, ou como Ferraro (2018, p. 36) nos encanta, uma “*Escola dos Sentimentos*”:

Passa-se o tempo na escola. Troca-se e doa-se tempo. O corpo leva os seus sinais. Quem ensina entrega-se a si mesmo. O seu saber. As horas passadas sobre as páginas. Do lado de fora da escola. Quando se chega atrasado ou quando se demora com os colegas. Sentado diante da banca da prova, tropeçando nos exercícios difíceis, conquistando novos conhecimentos. O próprio tempo e sua idade. Os próprios sentimentos. Quem apaga tudo isso fechando-se em uma função não ensina, não deixa sinais, não convida a saber, é inóspito. A relação ensinante é uma relação de geração: entre gerações diferentes para gerar um tempo inesperado no presente.

A escola que conhecemos e que a maioria da sociedade entende como boa é uma escola engessada, presa, dominadora, autoritária e sem diálogo. Uma escola onde a hierarquia das disciplinas impera e onde as disciplinas que envolvem as ciências humanas, como história, filosofia e arte, são vistas como menos importantes.

Uma sociedade que não aprendeu a apreciar o belo e a questionar o que se passa à sua volta é uma sociedade em declínio. Uma escola que diz que crianças precisam apenas ler e contar é reflexo desta sociedade. E vice-versa. É necessário resgatar a boniteza da vida, o encantamento pela escola e pelo saber, mantendo viva a esperança. Freire argumenta (2014, p. 214),

[...] Para mim, sem esperança não há como sequer começar a pensar em educação. Inclusive, as matrizes da esperança são matrizes da própria educabilidade do ser, do ser humano. Não é possível ser um ser indeterminado, como nós somos, conscientes dessa inconclusão, sem buscar. E a educação é exatamente esse movimento de busca, essa procura permanente.

Nossa prática pedagógica tem como interferência os professores e professoras que tivemos. Exemplos bons e outros nem tanto. Envolve nossa tomada de consciência sobre nosso papel: o de professoras tarefeiras ou de profissionais realmente engajados na formação de pessoas melhores para a sociedade.

A necessidade de nos olharmos e de compreendermos o contexto em que vivemos é fator preponderante para pensarmos que escola almejamos. Eu, por exemplo, quando entrei na escola, este país ainda vivia uma ditadura militar, e resquícios de uma educação autoritária daquela época permanecem vivos em muitos discursos, inclusive de professoras/es, até hoje. O importante era decorar datas, nomes, fórmulas, regras gramaticais, etc. Decorar era sinônimo de aprendizagem, de ser excelente aluno ou aluna. Eu mesma nunca fui.

E embora nunca tenha sido uma aluna exemplar, sempre gostei de estudar. Talvez pela sensata influência de meu pai, que sempre me dizia que o estudo era o maior tesouro que eu poderia ter e que ninguém me roubaria. Este mesmo pai, que teve a janela de seu fusca branco invadida por uma de minhas professoras, para ouvir a reclamação de que eu estaria agitando a turma com a existência ou não do lobisomem - afinal, era uma sexta-feira 13 de um mês de agosto, e eu tinha que levantar tais dúvidas.

Ora, não entenda esta escrita como uma escrita egocêntrica, mas como uma oportunidade para você que me lê, de também fazer esse exercício, de se reviver criança, buscar ela dentro de si, e se for professora ou professor que trabalha com crianças, que você se revise e, assim, olhe com mais ternura para aqueles que lhe são confiados por algumas horas do dia.

Esta escrita não tem como objetivo trazer uma fórmula pronta de como se trabalhar filosofia *com* ou *para* crianças. Mas, sim, refletir sobre as contribuições possíveis para um bom desenvolvimento do pensamento crítico e sensível, que vai além da grade curricular, porque além dela, não instigamos o conteúdo, mas a postura do deslumbramento, atitude genuinamente filosófica, e por que não, infantil, que deveria nos acompanhar ao longo da vida. Seria, como afirma Kohan (p. 18, 2011), pensar a infância já não como idade cronológica, mas como uma possibilidade afirmativa do pensar, como uma metáfora da gênese de um novo pensar.

Desejo trazer uma reflexão sobre o que acontece dentro da escola, como estamos recebendo nossas crianças, como estamos auxiliando no crescimento delas e que marcas estamos deixando, e, para além disso, perceber a arte como uma expressão de veras humana e essencialmente filosófica.

Marcas que serão registradas nas memórias destas crianças, e também desta professora, onde a educação precisou se reinventar tendo que enfrentar uma pandemia que assolou o mundo, e de maneira particular e precária nosso país. Onde ensinar e aprender tornaram-se um desafio e tanto, num período em que vários questionamentos ganharam força e que frente às dificuldades apresentadas, a valorização da vida tomou um novo sentido frente à banalização da morte.

Isto porque percebemos que durante essa crise sanitária muitas mazelas de nosso país foram escancaradas, e onde podemos perceber que a empatia está em falta nas relações humanas, tamanhas as atrocidades e devaneios que ouvimos, que lemos, que assistimos, vindo de pessoas do nosso meio e até mesmo do representante maior da nação imitando alguém com falta de ar.

A pandemia nos mostrou que precisamos evoluir muito: seja na saúde, seja na ciência, na política, na educação e/ou como sociedade num todo. O que estamos fazendo para que todas as pessoas tenham a garantia de uma vida digna em todos os aspectos? Como está nosso senso de coletividade? A educação tal como é posta educa para isto? Estamos preparados para enfrentar uma nova pandemia? Ou vamos seguir banalizando a morte das pessoas?

A proposta desta professora que vos escreve era trabalhar filosofia com crianças, numa perspectiva do uso das artes como instrumento de expressão de seus pensamentos e sentimentos. Mas a pandemia nos privou do convívio, nos privou do contato, do abraço, do olhar. Como tornar a relação humana próxima tendo o afastamento como ordem?

Os piores sentimentos assolavam nossos pensamentos, e ainda assim tentamos levar leveza e tranquilidade para as aulas remotas, numa esperança sempre presente de que todo aquele momento passaria. E o que ficaria? O sentimento de que superamos, a tristeza em saber que muitos não tiveram a mesma oportunidade de continuar e a esperança que se renova, como a filosofia em cada novo perguntar de uma criança. Kohan (2000, p. 10), na apresentação de sua obra *“Filosofia na escola pública”*, faz uma analogia nos lembrando que sempre é possível recomeçar:

A filosofia é uma velha, velhíssima tentativa de pensar estas perguntas. Como toda velha, às vezes cansa, expressa fadiga, precisa renovar seu ar. Outras vezes, também como todos os velhos, ela é destinada a um canto, desatendida, esquecida, segregada. [...] Até que chega a criança e se aproxima da velha. Brinca com ela, tira-a de sua cadeira, a faz pular, andar, rir... E a velha gosta, se dá bem com a criança, comemora o encontro, a constatação de que a vida é sempre um caminho aberto, não importa a distância em que nos espera a morte.

Esta pesquisa caminhou muito mais como um respiro de esperança, como um fôlego para continuar do que como qualquer outra tentativa de provar alguma teoria. Nossas ações partiram da tentativa de não se deixar quebrar o vínculo entre a escola e as famílias; entre professora e crianças, entre o aprender e o lúdico, entre a memória e a fantasia.

Eu, que quando criança queria chegar até o outro lado do mundo cavando um buraco no chão, agora só almejava retornar para minha sala de aula, com meus alunos e minhas alunas, em segurança, vacinada e com saúde, mantendo viva em mim a menina *meio teimosa, desobediente e endiabrada*, como assim um dia me rotularam.

O caminho trilhado durante este percurso teve como inspiração a obra literária *“O Mundo de Sofia”*, de Jostein Gaarder, professor norueguês. Sua primeira publicação foi

em 1991, e desde então é uma excelente referência para quem quer iniciar no mundo da filosofia ou reencontrar e reviver seus questionamentos sobre os mistérios da vida, assim como eu o fiz.

O desenrolar da estória acontece com trocas de cartas entre uma menina chamada Sofia e seu professor. Nestas cartas, a menina curiosa é levada a manter vivo seu interesse pelos acontecimentos do mundo.

E foram esses questionamentos, esse maravilhamento sobre nossas vivências que tentamos manter vivo durante o ano de 2021, período em que mais do que nunca as reflexões sobre a nossa existência estiveram tão presentes, durante uma educação num tempo de pandemia.

Foi um convite a mudar o foco e voltar nossos olhares e principalmente o das crianças para o encantamento pela vida.

CAPÍTULO I

POR UMA FILOSOFIA DA SENSIBILIDADE

1.1. ESCOLA DA ESCUTA - POR UMA FILOSOFIA DO DIÁLOGO

O início desta escrita não se dá neste momento. Ela teve início dentro de uma sala de aula qualquer ouvindo as crianças, ou num pátio escolar durante um intervalo, e até mesmo numa reunião pedagógica debatendo sobre a importância de uma feira de artes. Esta escrita se inicia nos anos de magistério em que, refletindo sobre o real sentido de ensinar, busca-se respostas para nossa função de professoras e professores e sobre que caminhos a educação deste país está tomando.

Busco minha formação em História e não posso deixar de examinar as razões do passado que levaram este país ao momento que estamos. Vivemos em um Estado que há poucos anos deixou de viver uma ditadura e que na sua possível reconstrução ainda luta por uma educação de qualidade e laica para todas e todos que nessas terras habitam.

Darcy Ribeiro já dizia que “A crise na educação é um projeto”. Projeto este que segue em destruição de um sonho por uma educação que alcance a todas as pessoas, acontecendo de forma concreta na falta de estruturas em nossas escolas, na má remuneração de profissionais e, por fim, na exclusão das disciplinas de Sociologia, Artes e Filosofia¹.

Alejandro Cerletti, professor na Universidade em Buenos Aires, ressalta a importância de um olhar cuidadoso para esta situação, em que temos a escola ainda nos moldes estruturais de séculos anteriores, mas que também é nela, que conscientes desta estrutura, combatemos a educação depositária e desejamos que ela se transforme num espaço do pensamento. Diz ele (2009, p. 69):

[...] A escola atual não se afastou, de maneira substancial, da sua configuração moderna, motivo pelo qual é possível reconhecer nela, com algumas modificações, a estruturação clássica surgida no século XIX. O ensino filosófico nos situa, de maneira explícita ou implícita, diante dos limites educativos institucionais. Em virtude das decisões que sejam tomadas com respeito ao sentido outorgado ao ensino da filosofia, pode ocorrer que não se vá mais além da reprodução dos saberes estabelecidos ou se abra a possibilidade de construir nas aulas um espaço para o pensamento.

¹ Medida Provisória 746/2016, restringe a obrigatoriedade do ensino da arte e da educação física à educação infantil e ao ensino fundamental, tornando as facultativas no ensino médio.

Nossa educação ainda segue sendo autoritária e excludente, com seus padrões de seleção e uma enxurrada conteudista com o propósito de se “ser alguém na vida”, como se nossos alunos e nossas alunas já não o fossem. Prepara-se para o amanhã e não se pensa nas experiências do agora. Ensina-se como se nesse amanhã as pessoas só precisassem de letras e números e conceitos, como se a sensibilidade e o olhar para o belo fossem secundários. Ensina-se a ser adulto, sem experienciar a infância.

Quando olhamos para nossa sociedade e a vemos doente, precisamos buscar o cerne deste problema, e ele passa pela educação. Precisamos refletir sobre por quê, para quem e como estamos desenvolvendo o processo educacional e sobre nossa contribuição na formação de diversas pessoas. Ferraro (2018, p. 43) comenta que “Educar é um modo de amar. E se a educação está em crise também a relação de amor está em crise.”.

Um olhar criterioso nos faz compreender o porquê do desmonte na educação e o profissional engajado com seu propósito em ensinar procurará meios de burlar as amarras de um sistema que nos quer engessados, burocráticos, frios e sem alegria. Perceber o papel da escola na sociedade, que é a de um ambiente disciplinador e normativo, nos remete à questão levantada por Cerletti (p. 70, 2009): “[...] é pensável uma expressão ‘livre’ da filosofia nas instituições educativas?”.

O autor chama a atenção para o cuidadoso olhar que devemos ter quando nos apresentam a filosofia como uma disciplina a serviço do estado, para formar bons cidadãos. Isso não passa de um discurso utilitarista dos tempos modernos, tentando justificar a existência da filosofia nas escolas. Esta posição individualista de formar o cidadão nos priva do que temos de essencialmente humanos, que é conviver em sociedade, pois somos seres de relação, e desta forma convivemos uns com os outros. O adoecimento da sociedade que tanto vemos está na base dessa educação que não pensa no todo, no social, no convívio com o outro a partir do diálogo, mas na competição, na realização do indivíduo em sobreposição a outras pessoas. Educa-se para a soberania de sujeitos livres ou, em contrapartida, para formar cidadãos obedientes. Cerletti comenta (2009, p.71):

[...] A vontade de construção simultânea de uma “formação ética” e uma “formação cidadã” mostra, mais do que uma preocupação filosófica, uma intencionalidade prática de construir um vínculo essencial entre ética e política, baseado fundamentalmente nas ações e nas decisões individuais, mais do que nas coletivas. Naturaliza-se a passagem do julgamento moral individual e pessoal para o resultado da ação pública, o que dilui o sujeito político (que é coletivo) no sujeito moral (que é individual). Quando se procurou que a filosofia tivesse um sentido educativo de justificativa moral, que pudesse ser

aplicado à política, acabou-se por debilitá-la de maneira substancial já que, como adiantamos, ela foi instrumentalizada para permitir a reprodução de um Estado dominante.

Escola é ambiente de troca, de convivência, de brincar, de aprender, de se exercitar, de pintar, de cantar, de dançar, de interagir, de respeitar, de se solidarizar, de ajudar, de ouvir histórias e de contar; ou seja, é, ou deveria ser, o espaço em que deixamos aflorar o que nos torna humanos, nossa sensibilidade.

Embora existam muitas críticas referente à estrutura e funcionamento da escola, ainda é nela que podemos enxergar uma saída para a crise que assola o mundo e modificar a vida daqueles que passam por ela. As pessoas se tornaram brutas, insensíveis para com a dor alheia, com dificuldades para entender o diferente, sem abertura para o diálogo, desconfiadas da ciência e sem ver sentido no que aprendem na escola, resumindo sua passagem por ela em aquisição apenas de letras e números, ou seja, ler e contar. Quando sabemos que possuímos habilidades diversas, podemos ver a escola como uma propulsora de aprendizagens realmente significativas, um ambiente de possibilidades, apesar de todos os limites institucionais impostos. Cerletti (2009, p. 73) nos aponta as possibilidades de tornar a escola um ambiente realmente acolhedor e de experiências humanas realmente significativas.

[...] o que tentamos fazer nesta parte é, fundamentalmente, mostrar que o ensino de filosofia, ao tentar exercer-se livremente, encontra-se com limites que tocam o institucional. A questão é que esse reconhecimento de limites não se consuma em mera reelaboração de conteúdos filosóficos para fazer com que eles concordem com as normativas da vez, mas se refere ao próprio filosofar. O fato de que o atual professor de filosofia seja um funcionário do Estado pode definir um papel institucional mais ou menos importante na reprodução do estado de coisas, mas não esgota necessariamente a fertilidade do lugar em que se inscreve. As escolas, ou as instituições educativas em geral, são lugares de encontros entre as pessoas, saberes, tradições, pensamentos. Portanto, a dimensão eventual de toda prática educativa, e da filosófica em especial, constitui o suplemento permanente de toda repetição, por mais intensa ou fechada que aparente ser. Todo saber está sempre exposto a ser interpelado e nisso a filosofia joga sua condição de possibilidade.

Deixaremos para um outro momento pensarmos na estrutura das escolas, a disposição das salas, paredes e seus banheiros, seus espaços de lazer ou parquinhos, existentes ou não. Mas vamos, sim, pensar como podemos atuar e modificar pensamentos engessados por uma educação realmente libertadora, alimentando sonhos e nos enchendo de esperança, tornando possível o impossível, no ambiente que possuímos.

Para tal, voltamos nossa reflexão para os escritos de Paulo Freire (1921 - 1997), pensador da pedagogia e patrono da educação deste país, no intuito de afirmar que para além das condições estruturais, o que realmente importa é a postura do professor ou da professora frente ao seu aluno ou aluna. Seria uma conduta de perceber e receber aquele ou aquela com todas as suas particularidades, respeitar e acolher, para estreitar laços de convivência e aprendizagem mútua. Freire comenta (p. 89, 2014)

[...] uma das virtudes necessárias de um educador democrático, que é preciso saber ouvir, ou seja, saber como ouvir uma criança negra com a linguagem específica dele ou dela como a sintaxe específica dele ou dela, saber como ouvir o camponês negro analfabeto, saber como ouvir um aluno rico, saber como ouvir os assim chamados representantes de minorias, que são basicamente oprimidas. Se não aprendermos como ouvir essas vozes, na verdade não aprendemos realmente como falar. Apenas aqueles que ouvem, falam.

Sendo professora de ensino fundamental I, com formação em pedagogia, não posso me furtar de um olhar criterioso às práticas que acontecem nas salas de aulas de crianças em seus primeiros anos de vida escolar. Estas salas estão cheias de emoções e de curiosidade por aprender. Esta curiosidade é a força propulsora da aprendizagem. É a vontade de conhecer o novo, de experienciar, de dialogar, de brincar. Ela possui uma força subjetiva da qual a professora ou o professor precisam estar atentos e prontos a ouvir. Será ela que impulsionará qualquer aprendizado, porque deixa de ser uma posição passiva, de recebimento, para se tornar uma postura de vida, pela vontade da descoberta, no caso, uma postura filosófica. Nas palavras de Cerletti (2009, p. 80),

A responsabilidade do professor é conseguir que esse breve momento de contato com a filosofia seja significativo na vida escolar de um aluno. Se essas circunstâncias permitem, como viemos propondo, que os alunos cheguem a compartilhar o olhar sobre o mundo que os filósofos têm ou comecem a adquirir uma atitude filosófica, grande parte do esforço do professor-filósofo estará justificado.

Nesse sentido, aos professores e às professoras, cabem um constante olhar criterioso acerca de sua formação, seu papel na sociedade e dentro da escola e principalmente, sua influência na vida de crianças e adolescentes. O sistema nos aprisiona nos cobrando uma burocracia sem fim, como se a educação tivesse que, de alguma maneira, apresentar resultados como no barracão de uma fábrica. E ele nos acorrenta. Esquece que lidamos com pessoas e não com peças. É enfadonho e cansativo, e nos priva da criatividade pedagógica também cobrada num tempo recorde e humanamente

impossível de realizar. Mas é necessário o movimento da teimosia. Ser professor ou ser professora é um constante aprender – desaprender – reaprender. No exercício desta profissão avaliamos e reavaliamos nossa didática e nossas metodologias, refletimos nossa práxis. E esta nunca é neutra. Segundo Cerletti (2009, p. 72),

As instituições educativas não são lugares neutros. Conformam o cenário de permanentes e múltiplas disputas políticas, econômicas, sociais e culturais. Tampouco os saberes que circulam por ela são ingênuos.

Não é à toa que nossa profissão é atacada e disciplinas como Filosofia e Artes são consideradas secundárias e até mesmo desnecessárias, porque, para o mundo do mercado, os sonhos não têm espaço e os pensamentos não têm motivos. É preciso exatidão, rapidez e lucro. Nesse sentido, Marilena Chauí (2000, p.16), filósofa brasileira e professora da Universidade de São Paulo, destaca que a experiência humana de existir não deve se resumir à utilidade de tudo e todos. Neste mundo mercadológico onde tudo precisa ter um valor monetário, a filosofia aparece na contramão e toma para si o direito de não servir para nada do que este tal mundo contemporâneo espera ou dita para nós.

O senso comum de nossa sociedade considera útil o que dá prestígio, poder, fama e riqueza. Julga o útil pelos resultados visíveis das coisas e das ações, identificando utilidade e a famosa expressão “levar vantagem em tudo”. Desse ponto de vista, a Filosofia é inteiramente inútil e defende o direito de ser inútil.

Voltaremos nossa escrita para a união da filosofia e da arte como possibilidades propulsoras de dignidade humana e, de maneira mais objetiva, ao ensino de ambas no Ensino Fundamental I. A primeira não aparece na grade curricular de ensino das escolas públicas do meu município, e a segunda não explora todas suas possibilidades e muitas vezes é reduzida apenas ao caderno de desenho. Com essa perspectiva, procuramos desenvolver um projeto de filosofia envolvendo as artes como expressão do pensamento e, por que não, dos sentimentos?

E neste momento sou pega pela cobrança interna de não possuir a graduação em filosofia e ainda assim ter me arriscado neste projeto, que nasceu após tantos apontamentos e divagações sobre a educação, mas que teve seu estopim na fala de uma pequena menina de seis anos: “Por que as mulheres quando crescem precisam ser mães?” A aula não era minha. Eu havia adentrado a sala apenas para pegar alguns cadernos para

a correção e a professora que assumia a turma naquele momento pediu para que eu a ajudasse na resposta, e foi o que fiz.

Eis a impulsão pelo aprender, a curiosidade que nos é genuína, a florada na pergunta de uma criança. Naquele momento você para, reflete, responde e instiga a pensar além. Naquele momento não era minha aula, mas foi onde me dei conta de que as crianças querem nos perguntar para além de conteúdos programáticos. Elas querem saber sobre a vida que corre fora dos muros da escola. Dentro dela é o espaço que temos para instigar tais saberes. Gadotti (p.23, 2000) afirma na obra “Filosofia para crianças: em debate”,

Na sociedade da informação a escola deve servir de bússola para navegar nesse mar do conhecimento, superando a visão utilitarista de só oferecer informações “úteis” para a competitividade, para obter resultados. Deve oferecer uma formação geral na direção de uma educação integral. O que significa servir de bússola? Significa orientar criticamente, sobretudo as crianças e jovens, na busca de uma informação que os faça crescer e não embrutecer.

Longe de mim, assumir um título de “salvadora da pátria”. Sou apenas uma professora do ensino fundamental I, que viu nos últimos anos um aumento expressivo de crianças fissuradas em telas de celular e, em sua maioria, apáticas em sala de aula. Preocupada com a direção dos caminhos para onde a educação está indo, seja ela tecnológica, robótica, financeira, empreendedora, me parece faltar o mínimo, o básico para que tenhamos uma formação realmente plena, digna e humanitária.

E foi essa busca que me trouxe até aqui. Este incômodo por enxergar a educação apenas como forma de transmissão de conteúdos não reverbera nas potencialidades humanas a que todos e todas deveriam ter direito. Se tenho a fórmula para tal? Já disse que não. Mas me aproprio da citação de Cerletti (2008, p. 86), quando evoca Rancière, e este diz: *“mestre é quem mantém a busca em seu rumo, em seu caminho pessoal de busca, não o que diz o que há que pensar e fazer.”*

Sabemos que a escola está estruturada no modo cronológico do tempo, onde o relógio marca o compasso de cada momento, mas a criança ainda vive o tempo do brincar, do sentir prazer ao que se vive, sem pensar no que virá depois ou no que aconteceu antes. Ela apenas vive em sua plenitude o momento do agora. O tempo *aion*² que fica suspenso

² Do grego, αἰών, o tempo aion, explica Campillo (1991, p. 39-40, apud HAUBERT, 2019, p. 58), é a “vida como sempre viva, sem começo nem fim”. Trata-se da eternidade em estado puro, “concebida como uma totalidade simultânea de todos os tempos”. (Idem) O αἰών é o tempo indeterminado, sem limitações ou bordas. É o eterno - sem começo, meio ou fim. Ao citar Heráclito, Campillo (1991, p.4, apud HAUBERT, 2019, p. 58) argumenta que para o mesmo “o tempo é uma criança brincando”. Sendo assim, o autor entende que o mais antigo é ao mesmo tempo o mais novo, e acrescenta: “Para Heráclito, o sol é sempre o mesmo,

na eternidade de suas lembranças ou que se perderá em sua memória ficando indeterminado. Isto é muito visível no ensino fundamental I e, nesse sentido, filosofia e crianças se dão muito bem, pois ambas se entregam e se debruçam frente ao que pretendem descobrir, viver, aprender ou sentir, o que nos faz pensar que práticas filosóficas dentro da escola só têm a contribuir para uma melhor aprendizagem, mas para além disso, na contribuição para formação de pessoas melhores, ou ainda, crianças mais felizes na escola. Crianças que tenham sua passagem na vida escolar marcada de maneira significativa em suas lembranças, como um tempo em que suas inquietações foram ouvidas e, ainda, que elas puderam externar seus pensamentos e sentimentos. Ferraro (p. 38, 2018) afirma que

A relação ensinante é uma relação de vozes. [...] O escutar também é dado pela voz. Não se escuta com o órgão da audição, escuta-se quando a palavra do outro, da outra, ressoa na própria voz interior que a repete no gesto da imagem que dá corpo à memória.

A proposta, então, foi o desenvolvimento de um projeto com uma postura filosófica de uma professora que acredita no protagonismo das crianças. Relembrando as palavras de Cerletti (p. 61, 2009), que cita o lema de Píndaro³: “*Venha a ser o que tu és*”, me amparando nas palavras dele, mesmo sem diploma, para “*ser a professora de filosofia que já és*”.

A escola pode ser vista como espaço colonizador ou libertador, e neste sentido a filosofia vem na contramão do que se vê praticado nas escolas, principalmente no primeiro ciclo do ensino fundamental, quando se tenta enquadrar as crianças em padrões de comportamentos esperados.

Estabelecendo uma relação com a filosofia nesses primeiros anos, as crianças poderão perceber que realizar perguntas é algo inerente à sua natureza e que colocá-las em prática lhes faz conhecer um universo de possibilidades.

Mas quando nos referimos ao ouvir as crianças, muitos são os olhares de reprovação daqueles que prezam por uma educação tradicional e rígida. Resquícios de uma educação catequizante e colonizadora, herança dos jesuítas. Ora, quem conhece o processo educativo, quem entende de metodologia e didática ainda são as professoras e os professores, e nesse sentido espera-se que estes desenvolvam um trabalho orientador

e, porém, é novo a cada dia. Do mesmo modo, o eterno é ao mesmo tempo o instantâneo, o mais velho é ao mesmo tempo o mais jovem, o mundo inteiro está começando a cada instante.”

³ Píndaro foi um poeta grego. A ele se atribui a frase: “*Homem, torna-te no que és.*”

do processo de aprendizagem. Orientar é diferente de ditar. E é essa diferença que almejamos. Orientar diz respeito a conduzir, e nesse movimento está intrínseco o respeito pelas potencialidades do ser humano que nos foi concedido; o direito de conviver e ensinar, como avalia Ferraro (2018, p. 37): “A relação ensinante é uma relação de geração: entre gerações diferentes para gerar um tempo inesperado no presente.

Mas afinal, para que serve ensinar filosofia para crianças? Num mundo tão globalizado, de que serve ensinar filosofia para crianças que possuem tanto acesso às tecnologias e de maneira tão precoce? Que filosofia pretendemos ensinar para as crianças?

Partindo dessas questões, o primeiro ponto que devemos examinar é o de que não se pretende ensinar uma única corrente filosófica para que, assim, tenha-se discípulos. O que se julga necessário no ensino de filosofia para crianças é que a filosofia contribua nas maneiras de perceber e questionar o mundo que as cerca. Como afirma Cerletti (2009, p. 18),

Em qualquer situação de ensino de filosofia, o que emerge sempre, quer se queira ou não tornar evidente, é o contato que com ela mantém quem assume a função de ensinar. Um curso[...] Se nos remetemos, como é habitual fazê-lo, à etimologia da palavra filo-sofia, o que ela indica é fundamentalmente uma *relação*. De maneira específica, a palavra faz referência a uma relação com o saber e, em particular, a um vínculo de amor como aspiração ou desejo de saber, mais que ao domínio de um saber determinado.

Crianças e filosofia possuem uma característica própria: a inquietude. E é nesse sentido que o ensino de filosofia vem auxiliar no desenvolvimento do pensamento crítico, alimentando, portanto, a característica problematizadora da infância. Então, para além de conteúdos filosóficos, o que se pretende é manter viva a chama de um olhar de descoberta, que sempre quer saber mais, quer aprender mais, manter vivo o espanto pelo saber, e, como escreve Gadotti (p. 28, 2000), “[...] se a filosofia nos ajudar a pensar e a transformar o mundo, já terá dado uma grande contribuição.”

Outro ponto importante é o fato de que embora estejamos vivendo um mundo tecnológico, este não garante avanços no campo da humanidade. Haja vista o atual momento, marcado por uma pandemia que escancarou e denunciou a falta de acesso de muitas crianças, famílias e escolas a tais tecnologias, o que acabou gerando distanciamento do ambiente escolar que tem como uma de suas funções o cuidar. Boaventura Santos, em “*A cruel pedagogia do vírus*”, denuncia que (2020, p.21)

[...] a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam. Acontece que tais assimetrias se tornam mais invisíveis em face do pânico que se apodera dos que não estão habituados a ele.

Quando pensamos para que serve a filosofia, especialmente durante a infância, refletimos sobre quão perturbadora ela é. Embora o primeiro pensamento seja de que esta palavra define a *'amizade pela sabedoria'* e a busca da razão, que razão é esta que procuramos? Será possível alcançar a razão apenas pelo viés da racionalidade? Será a filosofia realmente necessária nos dias atuais? Será que posso apresentar autores da filosofia para crianças? Será que posso ter a arte como aliada no ensino de filosofia, neste caso, para crianças? Será possível despertar o interesse pela aprendizagem através da filosofia? Será oportuno possibilitar novas maneiras de ver e agir no mundo? Será possível uma filosofia libertadora dentro das quatro paredes de uma sala de aula?

Podemos começar com a abertura ao diálogo que deve iniciar entre nossos pares para refletirmos sobre que tipo de educação almejamos. Parece simples, mas não é. É uma conversa necessária e algumas vezes difícil, num ambiente onde encontramos professores ou professoras que ainda flertam com o autoritarismo, marca deixada pela ditadura neste país, levantando a bandeira de que crianças e jovens já não respeitam nada e que a presença de militares no ambiente escolar seria a solução.

O discurso que acompanhamos é o de que a Filosofia e as Artes são disciplinas menos importantes e vemos pais e mães afoitos pela educação financeira que adentra os currículos escolares, como se esta fosse a solução para os problemas do país que não dá conta de salvar seu povo com uma renda mínima digna durante uma pandemia, e onde crianças vão para a escola para terem pelo menos uma refeição por dia - verdade denunciada ao vermos famílias buscando kits de alimentação nas escolas.

Não é de hoje a luta pelo ensino destas disciplinas no nosso país, e quando adentramos no universo do conhecimento percebemos a real intenção dos que querem desmerecê-las. Filosofia e Arte nos fazem questionar a ordem vigente, nos despertam o senso crítico, nos humanizam, e isso não atende a logística do mercado e geração de lucros. Porém, não podemos ser inocentes e acreditar que somente elas são a solução, haja vista que já nos perguntamos por aqui que tipo de filosofia queremos ensinar, pois existem filosofias autoritárias e excludentes. Então, devemos pensar: sobre o quê e para quê educamos? E então assumiremos uma postura filosófica que abrange a responsabilidade por deixar pessoas melhores para esse mundo.

E pensar em pessoas melhores para esse mundo é pensar na infância e em como ela é tratada dentro da escola. Esse tempo escolar precisa despertar o encantamento pela música, pela literatura, pela filosofia e pelas artes, porque são elas que, na maioria das vezes, fazem pensar, refletir e permitem expressar o que sentimos.

Cerletti explica que a função do professor/a é a de aproximar as pessoas de saberes filosóficos, não esperando que seus alunos ou alunas tornem-se filósofos, mas que percebam a característica que nos é evidente, que é a de se admirar pelas descobertas do mundo, dos acontecimentos que nos rodeiam, manter a curiosidade acesa e buscar por saberes. (2009, p.87) E é esta admiração, esse espanto, a *thaumazein*⁴, que queremos manter vivos desde a mais tenra idade. Cerletti continua:

A filosofia não é uma questão privada, ela se constrói no diálogo. Ensinar significa retirar a filosofia do mundo privado e exclusivo de uns poucos para colocá-la aos olhos de todos, na construção coletiva de um espaço público. Por certo, em última instância, cada um escolherá se filosofa ou não, mas deve saber que pode fazê-lo, que não é um mistério insondável que apenas alguns atesouram. E, nisso, o professor tem uma tarefa fundamental em estimular a vontade.

Faz-se necessário um olhar crítico e reflexivo para a educação brasileira que tem, como já dissemos, como seu patrono Paulo Freire, um dos maiores educadores da história, e ao mesmo tempo, tem uma população que o desconhece, e até mesmo professores e professoras que não conhecem a fundo sua prática, que para além de alfabetizar milhares de brasileiros e brasileiras, sonhou com um país que saísse de sua consciência ingênua e partisse para a consciência crítica, mudando assim as estruturas deste país. Freire (1996, p. 77) já disse que:

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de *aprender*. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir uma *lição dada*. Aprender para nós é *construir, reconstruir, constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

Essa curiosidade criticizada nos faz buscar as bases das desigualdades sociais em nosso país, que teve que criar a lei 10.639/2003 para que o ensino da história e da cultura Afro-brasileira se realize dentro das escolas. Num país que tem sua origem no sangue

⁴ Do grego θαυμάζειν, Thaumazein é o espanto e o assombro que o mundo causa, sendo um impulso inicial à filosofia e ao filosofar.

derramado por essas mesmas pessoas em sua construção, faz-se necessário perceber e questionar por que essa cultura foi tão negligenciada dentro das escolas por tanto tempo.

É preciso olhar para as contribuições e histórias desse povo na formação deste país para além da data de 20 de novembro e contextualizá-la durante todo o ano letivo dentro da escola, e isso se faz filosofando sobre ela, perguntando e refletindo sobre qual a proposta de não a ver presente.

Renato Nogueira (2014, p. 13,) comenta que existe a “ideia corrente do senso comum sobre a filosofia: ela não serve para “nada” e isto não seria somente *charme*, mas o que a diferenciaria e a desobrigaria de estabelecer relações explícitas com a realidade.” O que nos faz refletir sobre que caminhos devemos seguir para atingir nossos estudantes com o ensino de filosofia. Que filosofia estamos ensinando que não atinge nossos jovens e adolescentes? Não atinge porque a maioria da população que, pasmem, passou pela escola, abraçou um discurso racista, entre outros, e o elegeu. Seria possível uma filosofia afro-brasileira?

[...] Essa hegemonia, no caso da colonização do continente africano, passou a desqualificar e invisibilizar os saberes tradicionais, proporcionando uma completa desconsideração do pensamento filosófico destes povos. Neste sentido, o racismo antinegro assume uma categoria específica que se denomina racismo epistêmico. (2014, p. 27)

Para Nogueira, refletir sobre esses fatos é perceber o quanto o discurso colonizador reduziu nossa herança africana a credulidades ou “pseudosaberes”, estabelecendo o que seria válido ensinar (no caso, a educação eurocêntrica).

Biteti e Moraes (2019, p. 89) analisam:

[...] o centro sempre ocupou um lugar de centralidade e de segurança para uma estrutura e um pensamento. Entretanto, essa centralidade na figura da unidade sempre promoveu uma violência ao empurrar a margem para fora, despotencializando e desvalorizando seus aspectos, que são plurais.

Sendo assim, podemos constatar que nosso olhar e nossa escuta são condicionados para o que aprender. E muitas vezes precisamos parar e perceber o que tem a nossa volta para ser aprendido, se almejamos uma educação descolonizadora. A escola, como um espaço que recebe pessoas plurais, precisa ser a força impulsionadora para estas se firmarem no mundo, buscando suas próprias raízes, suas histórias! E para que possam criar novas histórias no presente.

E quando pensamos numa educação que priorize as potencialidades humanas e desenvolva a criticidade das pessoas, retornamos ao fato de o que é ensinar filosofia e como realizar? Existiria um único método para tal feito? Seria necessária uma estrutura específica? É possível criar o desejo pela filosofia? É possível aprender esse desejo?

Para Cerletti (2009, p.18), o ensino de filosofia é uma *relação* e, portanto, uma atitude. É preciso criar condições para que ela aconteça e isto vai além do simples repasse de conteúdos, mas envolve o engajamento do/a professor/a, numa postura filosófica de como este/a profissional enxerga a educação, seus estudantes, a escola e a vida. Para este autor, “[...] o que não se deverá deixar de lado é que o tipo de vínculo que se estabelece com a filosofia é substancial a todo o ensino.” (Idem). Sendo relação não se faz sozinho e por isso o autor ainda afirma (2009, p. 83):

[...] Se considerarmos o ensino de filosofia como filosófico, o professor deverá ser um filósofo que cria e recria cotidianamente um conjunto de problemas filosóficos e suas tentativas de respostas, e isso ele não fará sozinho, mas com seus alunos.

E é este vínculo que enxergamos nas séries iniciais do ensino fundamental I, que desejamos aproveitar para aprofundar o ensinamento de uma educação filosófica expressada pelas artes.

1.2 AS CONTRIBUIÇÕES DE SCHILLER, O PENSADOR DA SENSIBILIDADE

Schiller talvez tenha sido um dos primeiros filósofos a preocupar-se com o fato de que a sociedade de seu tempo estava transformando homens e mulheres em seres com a sensibilidade embotada, cujo discurso ético enraizado em argumentos estritamente racionalistas – ou kantianos, na melhor das hipóteses – era um engodo. Em última instância, passavam a funcionar somente como engrenagens do Estado, sem um olhar sensível para a beleza e focados em objetivos utilitários. Isto no século XVIII. Estamos em 2021 e ainda ouvimos o discurso de que a escola deve servir apenas para o desenvolvimento da razão; logo, podemos constatar que muita coisa permanece igual. E mais; podemos perceber o quanto os pensamentos de Schiller, um poeta que hoje é um dos maiores e mais reverenciados da Alemanha, mas que foi enterrado numa vala comum, tem para contribuir no desenvolvimento de uma educação que envolva uma sensibilidade que ampare os princípios da razão.

Para Schiller, quanto mais cedo o ser humano for exposto a uma educação estética, mais próximo ele estará de uma educação moral, e para isso o acesso ao lúdico se faz necessário. Pois, se com a razão a pessoa se torna séria, com o lúdico ela brinca, joga e vê beleza. E, infelizmente, não é o que presenciamos em muitas escolas, onde sabemos que *ler e contar* são importantes, mas até nesses processos podemos proporcionar a visão do belo. O que vemos é uma escola focada na sua utilidade para servir o mercado de trabalho, sem tempo para a liberdade que somente as artes e o pensar filosófico podem proporcionar. Schiller (2017, p. 23), na Carta II, ao seu *mecenas*, atenta:

[...] A utilidade é o grande ídolo do tempo; quer ser servida por todas as forças e cultuada por todos os talentos. Nesta balança grosseira, o mérito espiritual da arte nada pesa, e ela, roubada de todo estímulo, desaparece do ruidoso mercado do século.

O que se pretende com esse projeto é esperar uma educação reflexiva e mais humana, tendo o pensamento de Schiller sobre como aquilo que ele chamou de educação estética⁵ poderia contribuir para a formação humana?

Para Schiller, apenas com uma educação estética é possível unir razão e a sensibilidade, para o desenvolvimento livre e pleno do ser humano. Como leitor de Kant, Schiller concordava com a necessidade de desenvolver a moralidade, e também estava imbuído dos princípios iluministas, assim como se identificava com os ideais da Revolução Francesa. Contudo, ele observou com estupor a violência com que estes ideais foram postos em prática. E entendia que com uma educação exclusivamente racional, esta moralidade seria um discurso vazio. A moralidade era para Schiller, assim como para outros autores de seu tempo, o objetivo da educação. Mas, como poeta e teatrólogo, tinha uma consciência que diferia das dos filósofos, isto é, a de que sem o desenvolvimento da sensibilidade, este ideal jamais seria alcançado.

Inquieto com um mundo sedento pela racionalização e uma sociedade embrutecida, Schiller volta sua atenção para uma educação pautada entre a arte, a estética e a moralidade. Aprofundou seus estudos nos pensamentos de Kant e sem negar as contribuições deste, disse (2017, p. 21):

Falarei de um objeto que está em contato imediato com a melhor parte de nossa felicidade e não muito distante da nobreza moral da natureza humana. Defenderei a causa da beleza perante um coração que sente seu poder e o

⁵ Para Schiller, apenas com uma educação estética é possível unir razão e a sensibilidade, para o desenvolvimento livre e pleno do ser humano.

exerce, e que tomará a si a parte mais pesada de meu encargo nesta investigação que exige, com igual frequência, o apelo não só a princípios, mas também a sentimentos.

Podemos perceber que, para Schiller, o alcance da razão passaria pela cultura estética, para assim atingirmos a humanidade plena. Ora, se a educação escolar é parte importante do processo de formação de pessoas melhores na sociedade, não há o que compreender na ausência de uma educação pautada na filosofia e nas artes. Para Noyama (2009, p.19),

Schiller vai intensificar a relação entre a sua reflexão filosófica e a sua produção artística, e fica nítido como essa reflexão interfere na sua concepção de arte, em geral, e na maneira como ela pode efetivar sua participação na formação cultural da humanidade.

Os caminhos que nos trouxeram até aqui mostraram-nos que nem só de razão se faz um ser humano. Podemos observar que a escola tem falhado quando ouvimos falas de que “não serve para nada” aprender determinado assunto ou estudar determinada disciplina, neste caso a filosofia, quando podemos apreciar beleza até mesmo nesse *não servir para nada*. A problemática se encontra nesse tempo da escola que serve o tempo do mercado e para tal precisa servir para algo. Chauí, (2000, p.11) nos alerta para o fato de que:

Para dar alguma utilidade à Filosofia, muitos consideram que, de fato, a Filosofia não serviria para nada, se “servir” fosse entendido como a possibilidade de fazer usos técnicos dos produtos filosóficos ou dar-lhes utilidade econômica, obtendo lucros com eles; consideram também que a Filosofia nada teria a ver com a ciência e a técnica.

Almejamos então, uma escola que *não sirva para nada*, uma escola aberta ao diálogo e principalmente, uma escola da escuta. Uma escola aberta às diferenças e que saiba que nenhum saber é melhor que outro. Uma escola que desenvolva o prazer por aprender e o prazer também por ensinar, pois nesse processo intimamente humano nos tornamos melhores e melhoramos ao outro/a. Uma escola de utopia. Freire (2014, p. 77) comenta:

Nunca falo da utopia como uma impossibilidade que, às vezes, pode dar certo. Menos ainda, jamais falo da utopia como refúgio dos que não atuam ou [como] inalcançável pronúncia de quem apenas devaneia. Falo da utopia, pelo contrário, como necessidade fundamental do ser humano. Faz parte de sua natureza, histórica e socialmente constituindo-se, que homens e mulheres não

prescindam, em condições normais, do sonho e da utopia. As ideologias fatalistas são, por isso mesmo, negadoras de gentes, das mulheres e dos homens.

Quando vemos o bruto personificado na existência daquele que é o chefe maior de uma nação, nos damos conta de que o trabalho é árduo e muito ainda temos para desenvolver e caminhar por uma educação que volte seu objetivo na formação de pessoas melhores e humanizadas. Falhamos miseravelmente seguindo os padrões já estabelecidos da razão somente. E como Schiller (e tantos outros de seu tempo) e, aqui no Brasil, Freire e tantos outros há anos lutam por uma educação da sensibilidade, crítica e libertadora, e ainda, denunciam as falácias desse sistema rígido educacional.

Para Freire (2014, p.73),

A educação é simultaneamente uma certa teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético. Essas três dimensões estão sempre juntas, momentos simultâneos de teoria e prática, de arte e política. [...] se ao educador se tornarem cada vez mais claras essas características do ensinar, ele ou ela pode melhorar a eficácia do seu ato de ensinar, sua pedagogia. A clareza com relação à natureza política e artística da educação tornará o professor um melhor político e um melhor artista. Nós fazemos arte e política quando ajudamos na formação dos estudantes, sabemos disso ou não. Saber o que nós estamos de fato fazendo nos ajuda a fazer isso melhor.

Isto quer dizer que professores e professoras conscientes de sua função e com um olhar crítico sobre sua prática, sabem que o educar não é uma atividade neutra. Ela vem impregnada de intenção e quando refletimos sobre que educação almejamos, que atitude filosófica possuímos perante a vida e que olhares temos sobre a arte, isto é decisão política. Velasco (p.79, 2019) comenta:

As reflexões sobre o ensino de filosofia estarão, sempre, imbricadas por perspectivas filosóficas, não havendo imparcialidade docente na seleção de conteúdos e métodos de ensino, nem tampouco nas discussões sobre estes últimos.

Lutamos contra a hegemonia de um estado que nos quer engessados e produtivos. Encontrar um meio para burlar esse sistema é a maneira que temos de deixar para as futuras gerações novas formas de ver e sentir o mundo, ou como o próprio Schiller disse (p. 31, 2017), tornar possível trocar o “Estado da privação pelo Estado da liberdade”.

Por fim, o projeto buscou a formação crítica de nossas crianças e o olhar sensível sobre a vida, tentando manter ou resgatar o espírito inquieto próprio da infância. Muito embora não saibamos quais os resultados surtirão desta experiência com o projeto, assim

como Schiller (2017, p. 10), desejamos “[...] experimentar até onde me leva a trilha descoberta. Se não me levar diretamente à meta, ainda assim não está de todo perdida a viagem pela qual se busca a verdade”.

1.3 POR UMA FILOSOFIA MENOS BARBUDA E MAIS INFANTE

Quando pensamos no ato de filosofar logo nos vem à mente senhores barbudos e de idade avançada, com um semblante sisudo e de difícil acesso, visto que seus conhecimentos parecem inatingíveis.

Foi assim durante séculos, onde pessoas comuns não poderiam ou não tinham a oportunidade de refletir sobre suas vidas, seu tempo e suas vivências; tendo então, suas vidas pré-determinadas por um seleto grupo de pensadores – os senhores barbudos.

Porém, em todos esses anos também teve muita gente teimosa por pensar, por refletir, por problematizar, e que foram silenciadas porque seus pensamentos eram considerados subversivos para a época. Ainda há um grupo que, dentro da filosofia, sofre com olhares desconfiados sobre sua possibilidade de participação, que são elas: as crianças.

Não é de hoje a insistente luta por uma educação acessível a todos e todas. E embora muitas conquistas tenham sido alcançadas, ainda há muito o que se almejar para além da simples presença em uma sala de aula.

Pois bem, anos se passaram e o direito à educação é uma conquista. Porém, não podemos deixar de lado o fato de uma pandemia que escancarou as desigualdades sociais ainda em nosso tempo, desde acesso às tecnologias como a um simples prato de comida.

A escola é o ambiente do cuidado, não tenho dúvidas. Mas esse cuidado precisa extrapolar o cuidado apenas do corpo e preocupar-se com o íntimo, com as inquietações e pensamentos de nossas crianças; se não, continuaremos a ser os homens ranzinzas de barba a olhá-las com superioridade.

Esta escola que se tornou acessível estruturalmente precisa tornar-se próxima da criança no sentido de lhe proporcionar o desenvolvimento do senso crítico, através do diálogo e da amorosidade. Seria o pensar com sensibilidade. Isto porque somente a racionalidade almejada por nossos colegas barbudos do passado não nos basta mais. É necessário olharmos para nossa sociedade e percebermos o quanto ela está doente. E todo

esse pessoal adulto que a compõem, um dia também foram crianças e frequentaram a escola - o que deu errado, então?

Paulo Freire já almejava uma escola que, embora séria, jamais fosse sisuda, sofre ataques de uma sociedade que ainda não entendeu seu método libertador de aprendizagem. É possível vermos discursos de pessoas da própria categoria do magistério sem compreender o verdadeiro legado deste homem. Isto é fruto de uma educação que por anos foi cheia de autoritarismo, que tem suas raízes na catequização jesuíta e na colonização dos corpos.

Ora, há não muito tempo, iniciamos a década de 80 sob as amarras da ditadura e existe quem reivindique sua volta hoje, pois tudo o que foge do padrão aceito visivelmente pelo “cidadão de bem” precisa ser escondido ou aniquilado, e desta forma, qualquer um que ouse questionar essa ordem será punido. Mas que ordem é essa que não pode ser questionada? Que desejo é esse por pessoas que só dizem “*sim, senhor!*”? Que educação financeira é essa que só serve pro pobre aprender a contar suas moedas?

Chegamos, então, ao ponto: podem crianças filosofar? Podem questionar? Estão preparadas para isso? Possuem amadurecimento para tal? Não estaríamos forçando uma adultização do pensamento?

Quando se fala em filosofia e crianças, o primeiro nome que nos aparece é o do educador e filósofo norte-americano, Matthew Lipman, que acreditava ser possível desenvolver experiências filosóficas para crianças. Ao final da década de 60, Lipman escreveu textos com histórias que denominou de “problemas filosóficos”; com uma linguagem acessível para as crianças, ele imaginava ser possível dialogar com elas sobre diferentes temas. Para isto, ele acreditava que era necessária uma pedagogia para o bem pensar, buscando um pensar crítico, criativo, ético e político. Perceber e trazer a filosofia para dentro de uma sala de aula com crianças é torná-las capazes de dialogar, de questionar, de confrontar ideias e de pensar sobre seus sentimentos.

Lipman observou o fato de que os jovens universitários já chegavam à faculdade com um pensamento “fechado”. Pensava então, que deveria ser na escola primária e secundária que o exercício para o pensar bem deveria acontecer. Para isso, o autor fazia uso de pequenas histórias, as chamadas “novelas filosóficas”, desenvolvendo assim, através do diálogo, a capacidade de raciocínio das crianças, onde o professor ou a professora seriam um facilitador/a nessa assim chamada por ele “comunidade de investigação”. Tânia S. de Souza (2013, p 17) comenta que, para o autor,

[...] o diálogo a parte mais importante, e ele deve acontecer com base no respeito mútuo, no reconhecimento dos participantes, na consideração das razões que sustentam as ideias propostas. Assim, o “diálogo investigativo” é a conversação na qual o aluno possa aprender a se posicionar diante de situações, a ouvir os colegas, a respeitar as demais opiniões, a refletir sobre as respostas dadas, a justificar as afirmações, a reconhecer e corrigir seus erros, pensando neles como hipóteses, tentativas de acertos.

O ensino de filosofia com crianças consiste em acreditar que elas desenvolvem pensamentos e visões de mundo que precisam ser ouvidas e respeitadas. E ainda, que estes pensamentos são recheados de emoções e sensações que perpassam a aprendizagem, tornando-a, então, significativa.

Embora a prática de filosofia para crianças de Lipman aconteça desde a década de 70, sabemos que ela ainda não está presente na maioria das escolas brasileiras, seja como conteúdo, seja como postura filosófica. Haja visto o espanto de algumas pessoas, até mesmo do ramo do magistério, quando se fala que pesquisa filosofia e infância. Eis o legado deixado pelos velhos barbudos.

Quando penso em filosofia com crianças, penso em uma filosofia da sensibilidade. Porque só a filosofia não bastou para tornar pessoas humanas. Crianças são seres questionadores em sua essência e, de algum modo, isso vai se perdendo à medida que crescem.

Ser professor/a vai além de repassar conteúdo ou ensinar apenas a ler e contar. A escola como ambiente de cuidado vai além de apenas um ambiente seguro ou um local onde se garante uma boa refeição. Ela é um espaço que precisa ir além do cuidado com o corpo. É necessário cuidar de nossa essência humana.

Com a chegada da pandemia Covid-19, isto acabou se tornando difícil. O distanciamento necessário escancarou entre tantas mazelas a fundamental importância da escola na vida de muitas crianças e adolescentes. Por maiores que sejam as tentativas, não há no mundo tecnologia capaz de substituir o cotidiano escolar, as interações, o olho no olho, o colo quando necessário, a palavra amiga e o abraço fraterno.

De maneira alguma acredito que a figura de professores e professoras seja de “*salvadores da pátria*” e que todos os problemas da sociedade estão em suas mãos para serem resolvidos. Mas é necessário que estes profissionais, conscientes de sua formação e influência sobre a vida de tantas pessoas, estejam engajados na construção de uma sociedade mais aberta às diferenças e por uma educação mais acolhedora. Também é esse engajamento que nos faz aceitar o desafio de que mesmo ela, a filosofia, não aparecendo na grade curricular, nos faz tomar uma posição filosófica perante o mundo e

perceber a filosofia nos mais simples detalhes da vida, e se aproveitar desses instantes para torná-la mais próxima dessas crianças que já possuem em sua essência a característica questionadora e que infelizmente são desestimuladas com o passar do tempo.

Foi quando recordei de uma conversa com uma professora bailarina que tirou as vendas de meus olhos e me disse: “*A filosofia não precisa estar aparecendo. Ela já está lá.*” E foi num fim de tarde, com um suco de clorofila que nem era tão bom assim, logo substituído por um café, entre confidências de que acredito que a filosofia e a arte podem contribuir para a formação de seres humanos melhores, iniciamos o sonho de tentar colocar em prática este projeto.

O processo educativo serve para libertar pessoas e não as aprisionar. Desta forma, os profissionais da educação, analisarão de forma criteriosa suas ações na escola, pois, como Freire escreve na Carta aos professores (2001), não nascemos prontos como professores, vamos nos aperfeiçoando, e esse aperfeiçoamento é constante, cheio de tentativas e acertos.

[...] A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática.

Assumir esse papel de eterno aprendiz nos faz descer de um pedestal de detentores do saber e nos aproxima de nossos/as estudantes. E é esse descer, essa proximidade com nossos/as estudantes, mais precisamente com as crianças, que se faz necessário se almejamos uma educação libertadora, que enxergue para além do corpo sentado à nossa frente, com o único objetivo de anotar os conteúdos que lhes são transmitidos. Desejamos uma escola que proporcione aos/as estudantes o ato de questionar, problematizar, experimentar, falar e ouvir. Mas infelizmente o que vemos em escolas do ensino fundamental é o contrário. Vemos muitas vezes corpos sendo domesticados e falas sendo silenciadas, em busca de um comportamento padrão.

O que nos leva a não nos surpreender com a ausência da disciplina de filosofia nos primeiros anos do ensino fundamental I na maioria das escolas brasileiras. Ora, se a filosofia é a disciplina que abre espaço aos questionamentos do mundo, é melhor que não ensinemos crianças a perguntar, para que se mantenha a ordem dos fatos, não é mesmo? Mas elas vêm na contramão, e um garoto de cabelos claros e olhos azuis, em nosso

encontro “*O brinquedo mais genial do mundo*”, do dia 17/09, já com aulas no modo presencial, explica que “*a gente precisa ser curioso porque tudo é questionável*”.

Por isso, nossa proposta foi que o diálogo entre a filosofia e as artes acontecesse, de modo que as crianças pudessem refletir e expressar seus pensamentos. Acreditar que são meros receptáculos de conteúdo é demasiado violento. Nossas crianças possuem maneiras de enxergar o mundo, trazem suas bagagens e experiências familiares para a escola, e é nesse ambiente que, por mais falhas que existam, a criança poderá desconstruir conceitos e reelaborar novos. Almejamos, então, por um espaço de escuta, mas também por um espaço de fala, onde suas vozes possam ser ouvidas.

Neste sentido, o papel da professora e do professor é fundamental para criar um ambiente propício para a real busca e construção do saber. Ser professor/a vai além de repassar conteúdo ou ensinar apenas a ler e contar.

Possibilitar espaços onde a filosofia possa se fazer presente e ainda dialogar com a arte é acreditar que é possível existir pessoas melhores e uma sociedade melhor para se viver.

1.4 O TEMPO DO PERGUNTAR

Sabemos que a filosofia possui uma vasta contribuição ao longo da história da humanidade, passando pela filosofia antiga, medieval, moderna e contemporânea. Porém, foi apenas na década de 70 que crianças aparecem como seres que podem ter uma proximidade com essa área tão fechada em seus personagens homens – os grandes pensadores.

A filosofia tem como característica o espanto pelo saber, a vontade de realizar perguntas e o olhar com admiração para o belo. O que percebemos é que os anos passam e isso vai se perdendo. Tornamos a filosofia inalcançável, aquela matéria chata da escola e que não serve para nada.

Muitos são os relatos de adolescentes de que as aulas de filosofia não servem para nada, que as aulas são chatas ou que servem para dormir. A crítica adulta a essas falas não levou em conta que eles mesmo, os adultos, podem ser os culpados pelas mazelas deste ensino tardio da filosofia. Como esperar que alguém que nunca entrou em contato com pensadores e/ou formas de pensar diferentes do senso comum gostem de uma hora para outra da disciplina?

Talvez tenha sido esse mesmo o plano de quem não quer um povo ávido por aprender, pois sabemos que o pensamento é também uma forma de prisão ou liberdade.

Pois bem, a criança quando vive seu momento de infância, é curiosa por natureza, deseja descobrir as coisas e precisa passar por experiências que a façam pensar, refletir e sentir para modificar esse mundo. E tudo isto com um detalhe especial: crianças extravasam suas emoções, e por anos, numa filosofia que não tinha espaço para as emoções, apenas para a razão, também não teria espaço para as crianças.

Num mundo adulto que evidencia a razão como sendo a característica de maturidade e reflexão, abrir espaço para o sentir, para as sensações das crianças, para ouvi-las, não seria algo que combinaria com uma racionalidade pura.

Ora, se analisarmos como as crianças foram vistas ao longo da história da humanidade, veremos que eram seres sem alma, depois não dotadas de razão e por último, adultos em miniatura.

Foi no ano de 1985 que as ideias de Matthew Lipman chegaram ao Brasil, como uma inovação e esperança para o “*pensar melhor*” dos estudantes. Muitas foram as pesquisas realizadas em que apontavam para o bom desempenho escolar das crianças que tiveram contato com a filosofia, pois passaram a perguntar mais.

Este perguntar é a infância da filosofia. Estado primeiro de toda pessoa curiosa que questiona o mundo em que vive, por que vivemos, onde vivemos e se vivemos? E é dentro do espaço escolar, este que embora valorize mais as respostas decoradas, que podemos incentivar o livre pensamento, ou ainda, o pensar melhor.

Lipman (1990, p. 95) afirma que:

[...] a razão da criança é impotente se faltarem as condições que alimentam a reflexão e que, por sua vez, respondem a ela. Se a escola, a família, o professor e o currículo não cultivarem o pensamento e não o tratarem devidamente, a probabilidade de a criança ser capaz de se envolver em raciocínio ético é bastante remota. Igualmente importante é que as crianças aprendam a raciocinar junto com seus colegas, pois a única maneira de lidar com a inibição frente aos colegas não é o esforço inútil de tentar eliminá-la, mas sim, o empenho em fazê-la racional, e isto pode ser alcançado transformando a sala de aula numa comunidade de raciocínio.

Outro nome importante da filosofia, agora *com* crianças, é Walter Kohan, filósofo argentino, professor na Universidade do Rio de Janeiro e admirador assumido dos ideais de Paulo Freire.

Em sua fala na aula inaugural do Prof-filo em 2021, ele nos acolheu com sábias e gentis palavras de reflexão sobre o que fazemos com o tempo do pensar. Naquele

contexto, um tempo de pandemia, seria possível “*um tempo do pensar ou ainda ensinar filosofia?*”

Kohan transforma sua fala em arte quando sintetiza e explica que dentro da escola, embora o tempo do *chronos* reine, é o tempo *aión* que devemos buscar junto às nossas crianças. Se desejamos uma escola da pergunta se faz necessário o tempo para que ela nasça, e este não respeita os ponteiros do relógio.

O tempo *aión* é o tempo suspenso no ar, marcado pela eternidade ou pela memória, como uma criança a brincar sem noção do início e término de sua brincadeira. É um tempo prazeroso, de descoberta, de troca com quem está próximo. É o tempo do perguntar. Kohan (2007, p. 98) conclui:

Não se trata de nos infantilizar, de voltar à nossa tenra infância, de fazer memória e reescrever nossa biografia, mas de instaurar um espaço de encontro criador e transformador da inércia escolar repetidora do mesmo. Quem sabe, tal encontro entre uma criança e uma professora ou entre uma criança e outra criança ou, ainda, entre uma professora e outra professora possa abrir a escola ao que ela ainda não é, permita pensar naquilo que, a princípio, não se pode ou não se deve pensar na escola, e fazer dela espaço de experiências, acontecimentos inesperados e imprevisíveis, mundo do devir e não apenas da história; tempo de *aión*, e não somente de *chrónos*.

O que temos feito com o tempo do perguntar das nossas crianças?

Como professora e brasileira, me sinto no dever de reservar algumas linhas de meu trabalho ao patrono da educação deste país.

Paulo Freire é referência na educação de jovens e adultos, numa época em que esse país tinha a maioria de sua população analfabeta, e conseguiu o grande feito de tornar acessível o mundo das letras às pessoas que tiveram isso roubado de sua infância.

Era advogado, e hoje, considerado um dos maiores pensadores dos últimos tempos, sofre ataques por quem desconhece suas ideias, ou por ignorância, ou por maldade. Ignorância porque há quem nunca o tenha lido, até mesmo entre profissionais da educação, e tomam para si discursos alienantes produzidos por *fake news*. Maldade, porque existe um grupo ao qual as ideias de Paulo Freire combatiam, e dessa maneira, é óbvio que ele os incomoda.

Incomoda porque seu objetivo maior era, para além de alfabetizar, tornar as pessoas conscientes da sociedade em que vivem; ou seja, para além da leitura das palavras, ele almejava a leitura de mundo.

Sendo assim, como professora que não se contenta apenas em ensinar o bê-á-bá, acredito que a escola é o ambiente (por mais normatizador que se apresente) em que

devemos observar e questionar o mundo que nos cerca. E isto começa, sim, desde pequeninos.

Alguém pode supor que Paulo Freire não se preocupava com a educação de crianças. Ledo engano. Ao alfabetizar adultos, ele devolvia a infância, a vontade de aprender, o sonho de uma vida melhor, a possibilidade de que os filhos destes aprendessem ainda crianças. Somente quem ensina alguém a ler e escrever entende da magia que estou descrevendo aqui.

Freire era um sonhador convicto. Mas um sonhador com os pés no chão. Conhecia muito bem a realidade de nosso país, foi exilado durante a ditadura e no atual momento é visto como a personificação do comunismo, num país que nunca nem chegou perto disso.

Silva e Fasano, na obra *Paulo Freire e a educação das crianças* salientam que já em 1959,

[...] denuncia que a sociedade brasileira, historicamente marcada pelo autoritarismo, não reconhecia as crianças como sujeitos, impedindo-as, desde cedo, de participarem das decisões referentes à sua vida, à família e à comunidade. Sua denúncia revela as relações autoritárias, antidialógicas, e, portanto, opressoras, às quais meninos e meninas estão submetidos (as). (2020, p. 70)

Freire tinha profundo respeito e valorizava a criança e sua forma de enxergar e ler o mundo, pois sua crença no ser humano incluía também os pequeninos. Deste modo, ouvi-los é parte fundamental no processo de construção de um futuro diferente e possível para este mundo. Ouvir seria a representação da confiança, significa firmar a palavra para que o diálogo se estabeleça e a mudança possa surgir.

O diálogo é característica humana: com ele podemos anunciar um novo mundo, problematizamos situações, sonhamos, imaginamos e transformamos. Essas características não combinam com uma educação autoritária e sem amorosidade. O ato de ouvir envolve acolhimento, e nesse sentido, ouvir as crianças é abrir-se para um mundo de possibilidades, onde elas não serão meros receptores de conteúdo, mas verdadeiras protagonistas de suas aprendizagens. Nessa atitude, deixamos de vê-las como possíveis “vir a ser” (FASANO, et al. SILVA, 2020, p.71) para enxergar o que elas realmente são! A criança de Freire é *perguntadeira*. (FASANO, et al. SILVA, 2020, p.71,)

CAPÍTULO II

O FILOSOFAR EM TEMPO DE PANDEMIA

A pandemia nos trouxe uma face do mundo que não conhecíamos. Do descaso, da falta de empatia, da falta de sensibilidade com o outro, da falta do convívio e cuidados coletivos e da banalidade sobre a morte.

Também trouxe a angústia para se juntar ao desespero, de como aplicar um projeto de mestrado tendo o distanciamento como ordem e necessidade.

Foram necessários dias, aulas, trocas de ideias, conversas para que a possibilidade de sua aplicação acontecesse. E assim se deu.

Tendo inicialmente um sentimento de azar por tal situação, logo este foi substituído pela possibilidade de no caos, pensarmos e agirmos sob essa situação. Tentando de diversas maneiras chegar até as crianças de modo que com elas e para elas, fosse possível refletir sobre nossas vidas e o momento penoso que vivemos.

Filosofar em tempo de pandemia teve um peso ainda maior, pela busca do real sentido do que estávamos desenvolvendo e sobre o papel da escola e seus personagens.

2.1 POR UMA FILOSOFIA DA PERGUNTA

Pensar o ensino de uma atitude filosófica perante a vida já nos anos iniciais do ensino fundamental é fazer florescer o que a educação tem de imprescindível em sua função. A educação serve para libertar, e não aprisionar. Educação serve para tornar as pessoas livres, para ressignificar sua existência humana, para repensar sua cultura e seus valores de maneira crítica-reflexiva, e para isso é preciso manter vivo o deslumbramento pelo aprender.

Deste modo, é preciso refletir sobre que educação estamos praticando, sobre que tipo de sujeitos estamos formando e para quê? Que tipo de educação estamos trabalhando quando não temos a arte como uma livre expressão do humano e quando não oferecemos um espaço para a reflexão?

Percebemos então que o ambiente escolar é demasiado conservador e que propostas de ensino que fujam a esta regra são vistas com olhares de reprovação. Faz-se necessário um olhar cuidadoso acima do currículo, pois ele é quem delimita o que devemos ensinar, e muitas vezes as maiores lições para uma vida saudável e feliz não estão contidas nele.

Desejamos que seja possível pensar numa escola do sonhar, onde sentimentos de paz e equidade se tornem possíveis nas relações, como comenta Freire (2014, p. 71):

Também acredito na força das verdadeiras relações entre as pessoas para a soma de esforços no sentido da reinvenção das gentes e do mundo. E não há como negar que a experiência dessas relações envolve, de um lado, a *curiosidade* humana, centrada na própria prática relacional, de outro, a curiosidade alongando-se a outros campos. O envolvimento necessário da curiosidade humana gera indiscutivelmente, achados que, no fundo, são ora o próprio *processo relacional*, que abre possibilidades aos sujeitos da relação da produção de interconhecimentos.

O projeto *O diário filosófico como experiência do sentir*, teve como proposta inicial tornar a criança e a filosofia próximas durante o período de pandemia através de uma pequena apresentação (vídeo), onde o personagem Tales de Mileto conversava com as crianças sobre temas trazidos na obra *O Mundo de Sofia*. Foi um monólogo filmado e apresentado a elas através dos meios tecnológicos possíveis.

Durante as aulas, foram apresentados temas a serem pensados e discutidos, com uma linguagem apropriada para a infância, de modo que elas registrassem em seus *Caderno de Ideias* suas impressões sobre os temas. Neste mesmo caminho, propusemos atividades práticas como desenhos, pinturas, modelagens, entre outros. A intenção era que as crianças se expressassem da maneira mais confortável para elas, para que as reflexões acontecessem de maneira leve. E a proposta final foi um teatro com temas escolhidos e organizado pelas próprias crianças. Eis o protagonismo que almejamos. Que elas compartilhem o aprendizado e que o tornem visível, numa perspectiva de alegria por imaginar um mundo melhor.

Ora, a criança passa por sua primeira infância explorando o mundo e tudo que a cerca, e quando chega nos anos iniciais da escolarização, esse espaço se reduz ao espaço da mesa e sua cadeira. Não é à toa que as aulas de educação física, por exemplo, são recebidas com gritos de alegria, pois será nesse espaço que seus corpos poderão explorar o mundo. Então, o que se propõe é que as aulas de artes e filosofia se tornem significativas com a intenção de proporcionar para as crianças uma experiência diferenciada de aprendizagem e de possibilidades de perceber, pensar e agir no mundo.

A filosofia, assim, aparecerá de maneira concreta, expressada pelas crianças com suas produções, e num exercício constante da prática do diálogo, no fazer-se ouvir e no ouvir o outro/a. A prática do diálogo é peça importante na construção de uma educação que vise o questionamento e a criticidade, sendo possível gerar zonas de conflito, porém

necessárias para um aprofundamento do pensamento. Fato este que, se observarmos nossas escolas, não acontece. O ensinamento vem de cima pra baixo, do professor ou da professora, e geralmente, perguntas (quando feitas) são ironizadas, porque em algum momento, perguntar não fez mais sentido. Triste da sala de aula em que a pergunta não está presente, deixando a escola sem alcançar seu próprio fim.

Desta maneira, o projeto *O diário filosófico como experiência do sentir*, teve como proposta um aprendizado leve e encantador, tendo as crianças como protagonistas desse processo, e à professora cabe a função de mediar tais descobertas.

2.2 COMO PEQUENAS SOFIAS

Na sabedoria dos mais velhos há uma frase que diz que “*na vida há um tempo para tudo*”. A pandemia nos forçou a parar e observar mais nosso cotidiano a ponto de percebermos e nos darmos conta de que o próprio processo de ensinar e aprender possui seus estágios, ou como poderemos adaptar aqui, como se fossem estações do ano, tempos que precisam ser vividos e contemplados em suas particularidades.

O ano de 2021 iniciou e a pandemia seguiu vitimando milhões de pessoas no mundo todo e, em nosso país, pelo atraso das negociações na compra de vacinas, aliado a uma política negacionista; o plano de extermínio seguia a todo vapor. A angústia por colocar o projeto que teria como base o diálogo entre filosofia e arte com crianças no ensino fundamental I parecia cada vez mais distante.

Sem previsão de retorno, sem condições tecnológicas, me peguei várias vezes a pensar: “quão azarada sou, por acabar entrando em um mestrado profissional em um tempo de pandemia”. Pensamento este que precisou ser substituído logo por “tentar fazer o que é possível”, e no meu caso, o possível foi um celular, o aplicativo WhatsApp e um livro já lido. Eles teriam que ser minhas ferramentas para chegar até minhas crianças, e nesse momento de pandemia, o que se pretendeu realizar foi proporcionar um tempo em que a tabuada ou a concordância nominal não fossem cobradas. Um momento que eles e elas pudessem externar seus pensamentos e seu sentir.

O distanciamento que a situação pandêmica nos impôs nos afastou da presença e do convívio escolar. Na angústia em como aplicaria um projeto *para e com* crianças de maneira remota, via WhatsApp, durante uma de nossas aulas do mestrado, na disciplina de Seminário de Pesquisa, o professor apaixonado por seu fusca amarelo sugeriu trabalhar com literatura e citou algumas obras possíveis. E uma delas era a obra *O Mundo de Sofia*,

de Jostein Gaarder. Livro que eu já havia lido e estava atrás de mim, em minha estante durante todo aquele tempo das aulas.

O projeto então se desenvolveu, tendo como fio condutor as cartas que *Sofia*, a personagem principal, recebia de seu professor. Mas como estas cartas chegariam até às crianças? Para aquele momento pandêmico, as cartas seriam os vídeos encenados pelo professor de artes Jonas Vicenzi, que gentilmente atendeu ao convite para personificar aquele que falaria com as crianças durante esse momento de aulas remotas. Foram encaminhados vídeos curtos ao grupo de WhatsApp da turma e suas respostas seriam escritas nos *Cadernos de Ideias*, que foram entregues para cada criança ou seu responsável em uma das entregas de atividades remotas realizadas na escola (Figura 1).

Figura 1 - Caderno de Ideias



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Foi da maneira que desejávamos? Não! Mas, assim como *pequenas Sofias*, no lugar de cartas, as crianças recebiam vídeos de um também professor, assim como no livro, que foi batizado com o nome de *Tales*, por este ter sido um dos primeiros nomes encontrado na história da filosofia. Sendo assim, todos seus escritos não seriam para a professora, mas para o personagem carinhosamente assumido pelo meu amigo e professor

de arte, Jonas Vicenzi, com participação especial até mesmo de seu cachorro, *Urso* (Figura 2).

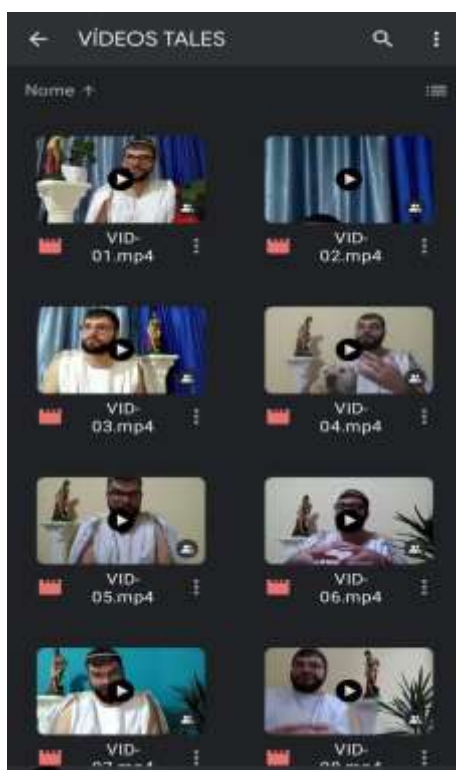
Figura 2 - Tales (professor Jonas Vicenzi) e Urso, seu cachorro.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

A cada vídeo encaminhado era feita uma rápida introdução para, em seguida, o envio do mesmo, com Tales falando diretamente para com as crianças (Figuras 3 e 4).

Figura 3 - Vídeos feitos por Tales (professor Jonas Vicenzi)



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Figura 4 - Modo de envio dos vídeos de Tales



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Como educar para a sensibilidade se não existe o olhar presente? O cuidado, o zelo, a orientação diária? E ainda ouvindo de pessoas despreparadas que não estaríamos trabalhando? Foram meses de tentativa de aplicação do projeto via WhatsApp, onde o apoio da família seria importantíssimo. A preocupação agora se voltava para a linha tênue entre esse apoio e a influência que as crianças poderiam sofrer dos adultos com os quais convive sobre os temas a serem discutidos.

2.3 COMO FOLHAS NO OUTONO E O FRIO DO INVERNO.

*E no meio de um inverno eu finalmente
aprendi que havia dentro de mim
um verão invencível.
Albert Camus*

Ainda estávamos no outono e as folhas a caírem das árvores eram como o despencar de sonhos. Estava animada com as aulas, mas desesperada com a perspectiva da não aplicabilidade do projeto. Um projeto que agora deveria ser repensado desde seu início. Repensado e refeito, agora aos moldes de um período pandêmico.

Dia 01 de setembro de 2020.

Esta data que para mim é muito cara, pois seria o aniversário daquele a quem chamei de pai e que me inspirou em minha profissão, também marcou o início das minhas aulas no mestrado Prof-Filo.

Pois bem, meu caminhar inicial no mestrado em filosofia se dá pelo incômodo por não enxergar esta disciplina nos primeiros anos do ensino fundamental I das escolas públicas de minha cidade, junto com a maneira como a arte é reduzida a apenas ao caderno de desenho. Entre discursos de que uma criança precisa somente aprender a *ler e contar* e que qualquer inovação de apresentação artística demanda muito tempo e *mata* muita aula, minha inquietude crescia.

Se em condições normais a filosofia é negligenciada nos anos iniciais da escolarização, de modo que ela não acontece a contento, durante a pandemia o desafio de torná-la evidente foi maior. Se ao sonhar o projeto imaginávamos a presença, o contato, as trocas, as expressões corporais, os registros e tantas outras situações, a pandemia veio e nos disse um sonoro “Não!”.

A pandemia nos limitou ao contato físico. Se antes estávamos na escola todos os dias, com conversas e trocas, com abraços e beijos, agora tudo estava reduzido à tela de um celular.

Seguimos. Não foi a contento. Muitas não realizavam nem as tarefas do dia a dia, outras deixavam para fazer tudo de uma vez só, sem ter assim um momento real de reflexão. Era como atravessar uma noite longa e gelada de inverno, onde o desespero e a tristeza tomavam conta.

A pandemia trouxe à tona a necessidade que temos uns dos outros e escancarou a importância da escola na vida de muitas crianças, pois educação se faz na presença. Se como adultos, e eu, como também estudante, embora com acesso à internet e aulas online, senti falta de ser aluna estando numa mesa em sala, de tomar um café no intervalo e trocar ideias com colegas e professores, imagine uma criança.

Tentamos realizar alguns encontros via Google Meet com a turma, antes mesmo do projeto iniciar, como teste (Figura 5). Mas não houve participação significativa da maioria da turma. Fosse porque não tinham internet móvel naquele dia ou por não ter internet mesmo, ou porque os responsáveis estavam com o celular em seus trabalhos e as crianças não tinham aparelho para acessar em casa, ou ainda simplesmente porque não sabiam como lidar com o Meet. O propósito do projeto era alcançar o maior número de crianças, (nesse caso toda a turma) e se os encontros acontecessem desta maneira virtual, isto não seria possível, haja visto que das 25 crianças da turma, não chegavam a dez participando das reuniões.

Figura 5 – Tentativa de Google Meet



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Desta maneira, enviando e mantendo os vídeos no grupo, as crianças poderiam acessar e assistir no momento mais oportuno para elas e suas famílias.

Nesse momento, a preocupação e os questionamentos sobre a forma como eu estava desenvolvendo o projeto com elas, sem o diálogo direto, a troca de ideias, sem o convívio, o olho no olho, me entristecia, por não estar *com* elas, e nesse sentido eu estava fazendo filosofia *para* elas, não existindo uma experiência de saber realmente enriquecedora.

Esta preocupação me acompanhou durante toda a jornada do ensino remoto.

Se Lipman, nas décadas de 60 e 70, nos apresenta a ideia de uma metodologia filosófica *para* trabalharmos com as crianças, na atualidade temos Walter Kohan, que nos oferece uma nova perspectiva de trabalho *com* crianças. Não existe mapa ou receita pronta, mas um ingrediente é essencial: a abertura para a experiência do pensamento. E os pensamentos são maleáveis, mudam, transformam-se e isso não combina com uma escola rígida e autoritária. Cantalice e Cirino (2020, p. 08) explicam:

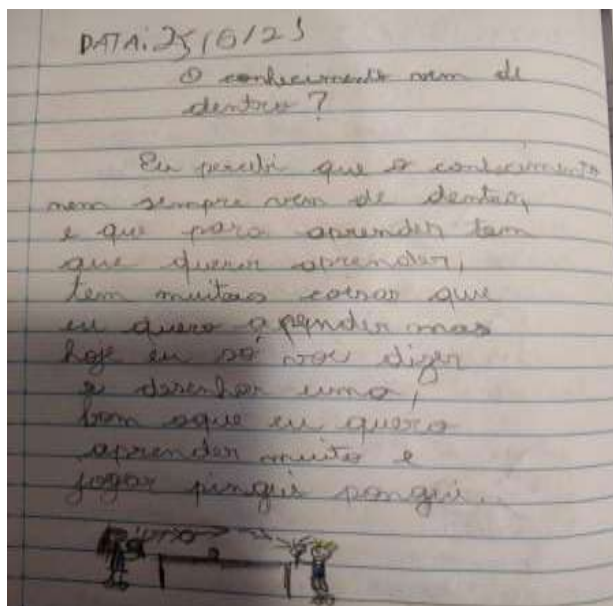
O que percebemos como sendo uma “exigência” é a disponibilidade e abertura para a “experiência do pensamento”, para a experiência filosófica sendo considerada como uma relação do sujeito com o saber, dada no encontro com o outro e consigo mesmo, assim sendo é uma atividade que está pautada no permanente processo de busca do saber.

Dessa forma, estaria eu sendo fiel à minha proposta de trabalho? Será que realmente eu estava aproximando a filosofia de minhas crianças? Conseguiria eu instigá-las ao pensamento e à reflexão estando longe delas? Como eu conseguiria cultivar a sensibilidade estando afastada delas? Estas, entre outras, foram algumas das minhas angústias na aplicação do projeto de maneira remota. Até que, já encerrado o projeto, pego um dos cadernos e começo a ler.

Ao folhear os escritos das crianças, me deparo com um texto escrito após o vídeo/encontro IV, de 25 de junho de 2021, encaminhado de maneira ainda remota, sob o título *Mais inteligente é aquele que sabe que não sabe*, que abordava a questão do conhecimento vir de dentro ou não. A criança, um menino de onze anos, explica que para ele nem sempre o conhecimento vem de dentro e que para aprender é necessário querer. E que entre tantos desejos que possui, naquele momento sua maior vontade era aprender a jogar pingue-pongue. Vale ressaltar que nesse período não estávamos no ambiente escolar, mas no pátio da escola existe uma mesa para a prática desse esporte. Ele descreve,

então, sua memória saudosa de um tempo escolar que ele deseja voltar. Razão e emoção, envoltos pelo desejo de aprender algo que lhe traz uma boa sensação (Figura 6).

Figura 6 - Relato de um estudante.

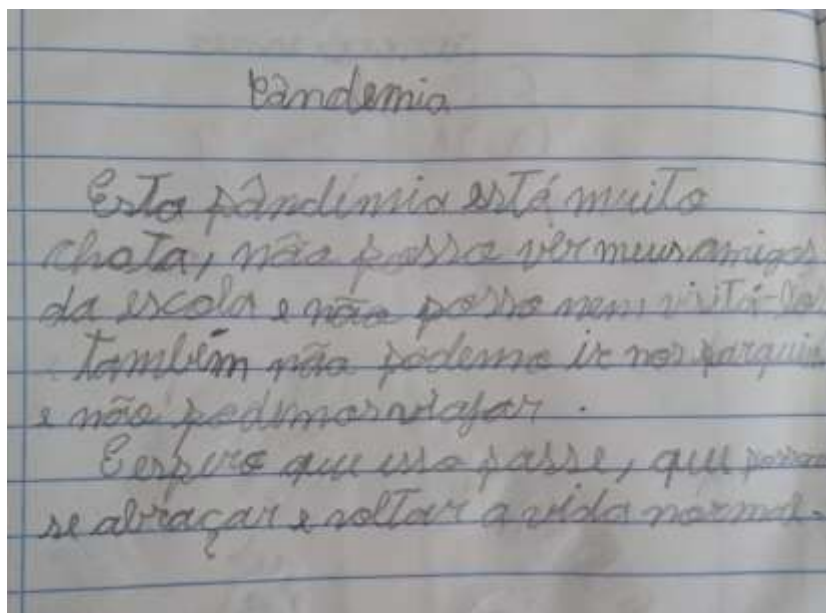


Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Ela assim escreveu: *Eu percebi que o conhecimento vem sempre vem de dentro, e que para aprender tem que querer aprender, tem muitas coisas que eu quero aprender, mas hoje eu só vou dizer e desenhar uma, bom o que eu quero aprender muito é jogar ping-pong.*

Ao analisar as pequenas produções realizadas neste período do ensino remoto, podemos observar as angústias pelas quais as crianças passaram. Neste momento, não haviam as trocas de ideias, eram registros solitários de um momento em que nos foi tirado tudo. Entre preocupações adultas por manter o sustento da casa, por não ter onde deixar as crianças, me pergunto quantos foram os adultos que ouviram os dramas de suas crianças? (Figura 7)

Figura 7 - Relato de um estudante.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

A criança escreve: *Esta pandemia está muito chata, não posso ver meus amigos da escola e não posso visitá-los, também não podemos ir nos parquinhos e não podemos viajar. E espero que isso passe, que possamos se abraçar e voltar a vida normal.*

Somos seres de relação por natureza e, nesse momento, por mais que tentássemos deixar as telas mais humanizadas, nada substitui o convívio diário. Lorieri (2002, p. 124) aponta para a importância desta relação em nossa formação humana:

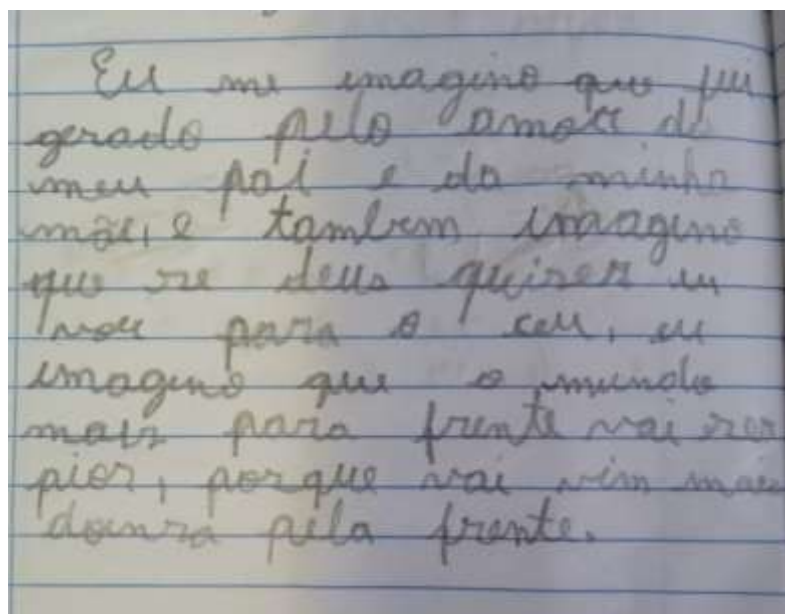
[...] Partimos da convicção de que todo ser humano só se torna humano na “pista” de outros seres humanos: isto é, as pessoas tornam-se pessoas, de alguma forma, nas relações que estabelecem com outras pessoas, além das relações que estabelecem com a natureza e com o ambiente cultural geral do qual participam. Não é só isso: tais relações “relacionam-se entre si”, configuram-se mutuamente, determinam-se mutuamente e configuram e determinam, de alguma maneira, o modo de ser das pessoas. Os seres humanos são seres de relações e se fazem humanos nas múltiplas relações que estabelecem e nas quais estão envolvidos.

Por maiores que fossem os esforços tecnológicos para tentar a aproximação com os/as estudantes, com um discurso de que isto seria os “*novos tempos*” ou a “*modernização da escola*”, olhava com receio para essa tentativa de romantizar a catástrofe. No noticiário passa uma reportagem, entre tantas outras, onde uma criança precisava subir em uma árvore, na zona rural, para alcançar o sinal de internet e acompanhar as aulas. Inadmissível normalizar isto! Podem pensar que pareço meio

pessimista e que não vejo o lado bom das coisas ou o esforço de todos e todas. Mas não é isso. Apenas não gosto de idealizar a tragédia.

Tragédia evidenciada na escrita da próxima criança. Em seu pouco entendimento de mundo, mas já passando por uma pandemia e talvez ouvindo seus familiares, ela conclui: *Eu me imagino que fui gerado pelo amor do meu pai e da minha mãe, e também imagino que se deus quiser eu vou para o céu, eu imagino que o mundo mais para frente vai ser pior, porque vai vir mais doenças pela frente.* (Figura 8) E sabemos que ela tem razão. Se o mundo continuar com essa exploração desenfreada da natureza, essa posição individualista, sem percepção de coletivo e de entendimento mínimo da ciência, outras pandemias virão.

Figura 8 - Relato de um estudante.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Retomando a ideia do projeto, este teve como propósito levar momentos de relativa leveza para as crianças, onde elas não precisariam se preocupar com fórmulas matemáticas ou regras gramaticais. Mas, de maneira simples, pensar em acontecimentos que se passam em nossa volta, vivenciar [...] um saber sem conteúdo (FERRARO, 2018, p.24) e buscar práticas que a escola pouco desenvolve: os sentimentos.

O caminho que seguimos foram alguns capítulos da obra *O Mundo de Sofia*, sem a necessidade de apresentar nomes de nenhum filósofo às crianças, mas instigá-las a pensar e refletir ainda mais, escrever sobre o que sentiam. Em nenhum momento desejei que soubessem que determinado questionamento vinha deste ou daquele filósofo. Mas

que elas trilhassem seu caminho de pensamento, que percebessem o quanto é interessante apreciar pequenos fatos do nosso cotidiano e até mesmo grandes mistérios da humanidade.

É o instinto da busca pela descoberta e de apreciação pelo novo. Momentos que a escola muitas vezes não proporciona, pois vive preocupada com as respostas e não com as perguntas. Durante este tempo de pandemia e de aulas remotas via WhatsApp, foi um momento de ocupar a cabeça com pensamentos que fossem além das lições propostas, com o contato, mesmo que virtual, com um personagem diferente.

Porém, os vídeos que meu amigo professor de artes realizou não deixaram de explorar essa temática de maneira lúdica. Ele encarna um personagem, encanta as crianças e elas assistem a algo diferente e refletem sobre os questionamentos que ele trouxe.

Pode parecer pouco, mas já é algo que, nesse momento de pandemia, chegava de maneira diferente para as crianças. E esse *diferente* está em pensar a escola para além do espaço concreto, como ambiente que extrapola e que explore de nossas crianças o vislumbrar de práticas não convencionais.

Os vídeos/encontros foram organizados com o seguinte cronograma, sem perspectiva de retorno às aulas presenciais (ainda naquele momento):

Tabela 1 - Cronograma dos vídeos/encontros durante o ensino remoto.

Data:	Temas:
14/05/2021	Apresentação do projeto <i>O diário filosófico como experiência do sentir e Caderno de Ideias</i> .
28/05/2021	1. Nada pode surgir do nada.
11/06/2021	2. O brinquedo mais genial do mundo.
18/06/2021	3. O adivinho tenta adivinhar algo que na verdade não dá para adivinhar.
25/06/2021	4. Mais inteligente é aquele que sabe que não sabe.
02/07/2021	5. Da matéria que compõe os sonhos.
09/07/2021	6. Um fantasma ronda o mundo.

16/07/2021	Recesso
23/07/2021	7. Um barco carregado de genes navegando pela vida.
30/07/2021	8. A grande explosão.
06/08/2021	9. O anseio de voltar à verdadeira morada.
13/08/2021	10. Proposta de carta/mensagem/vídeo, realizado pelas crianças, falando sobre o encontro de que mais gostou e porquê.

A angústia agora se dava por saber se a proposta teria dado certo.

Dia 13 de agosto de 2021 chegou, numa sexta-feira, a nos trazer a sorte de realizarmos o último encontro de maneira presencial, com metade do número das crianças em sala, pois estávamos no chamado *ensino híbrido*⁶. Sorte porque nenhuma experiência substitui a riqueza que é estar neste chão, o chão da escola, próximo às crianças, embora todos os cuidados devido à pandemia que ainda nos rondava.

2.4 PRIMAVERA, ASSIM COMO AS FLORES, AS CRIANÇAS RETORNAM...

*Sejamos como a primavera que renasce cada dia mais bela...
Exatamente porque nunca são as mesmas flores.
Clarice Lispector*

Final de agosto de 2021.

Segundo semestre de um ano letivo durante uma pandemia, e a pressa da sociedade pelo retorno às aulas presenciais é assunto em todas as esferas de comunicação. Na televisão, nas rádios, nas redes sociais e nas conversas de esquina. Tudo o que mais se deseja é que essas professoras e professores *voltem* a trabalhar (como se não estivéssemos trabalhando o tempo todo) (Figura 9).

⁶ O ensino híbrido é uma metodologia que mescla ensino presencial e remoto, no caso do Brasil pandêmico, metade da turma ia para a escola presencialmente durante uma semana e outra metade permanecia em casa, remotamente.

Figura 9 - Professora Helayne, de volta à sala de aula, com os devidos cuidados contra o vírus, durante entrega e recebimento de atividades remotas.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Por toda parte, anúncios de volta às aulas nos jornais e nas redes e a alegria dos pais e responsáveis por terem onde deixar suas crianças. Isto, e não uma preocupação sensata por seu desenvolvimento intelectual. O que do meu ponto de vista foi assustador, pois, por maiores que fossem os cuidados, nem todos os adultos estavam com previsão de vacinação, e as crianças não tinham a mais longínqua previsão. Junto ao chamamento para o retorno às aulas, nos deparamos com escolas pedindo para que os alunos e alunas fossem às aulas bem agasalhados, levando mantinhas, porque a ventilação nas salas seria necessária, ou seja, portas e janelas abertas, num mês que ainda fazia muito frio. Se isto não é romantizar a tragédia, não sei o que é. Quantas e quantas vezes vi crianças indo de chinelo de dedo pra escola no inverno; quantas e quantas vezes levei crianças até a direção para encontrar um moletom pra ela vestir e não passar frio. Mas o importante é que ela *esteja* na escola. Em que condições? Não importa.

A volta precoce para os assentos escolares – precoce porque, a meu ver, com a baixa porcentagem de pessoas vacinadas ainda nos meses de junho e julho nesse país, mais o fato de vários professores e professoras não terem tomado a segunda dose da vacina, não há que se chamar de outra coisa que não seja *precoce* – me faz pensar, refletir e me incomodar com o papel que a sociedade dá para escola. O de formação para o mercado de trabalho. Nada mais.

Retornamos ao ensino presencial. Foi um misto de sentimentos. Assim como um jardim florescendo, ver as crianças adentrando as salas de aula foi um momento de contemplação da vida. Algo simples, do antigo cotidiano que agora estava modificado. A

turma foi dividida em dois grupos, em que frequentavam uma semana sim e outra não, mantendo o distanciamento social, uso de máscaras, chão delimitado entre as carteiras e o uso do álcool em gel (Figura 10). Ainda não nos era possível vivenciar toda a beleza desta estação. Assim como a estação das flores, caracterizada por uma temperatura amena, desta forma também foram nossos primeiros dias de retorno.

Figura 10 - Sala de aula durante o ensino híbrido.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

A felicidade do reencontro, o ímpeto por um abraço, a necessidade de estar perto para conseguir ensinar, precisavam ser contidos pelos cuidados que deveríamos tomar.

Mas, de volta à escola, seria impossível não aproveitar o fato de agora estarmos juntos, embora toda restrição que a pandemia nos exigiu, e como o cantar de passarinhos num dia ensolarado de primavera, nosso peito se encheu de esperança por tentar mais uma vez a aplicação do projeto.

A escola pode ser mais que apenas as disciplinas que ocupam um espaço hierarquizado, e podemos enxergar as crianças para além dos diagnósticos precoces que lhes são dados. Como influência que somos, ouvir e dialogar com elas é fundamental.

Mas para que esse dialogar aconteça, se faz necessário pensar, e muitas vezes isso demanda da professora um *parar e ouvir*, coisa que pouco acontece quando se tem conteúdo para vencer. Sim, somos aprisionadas nessa corrente que é o sistema que nos cobra por notas, relatórios, portfólios, etc.

2.4. VERÃO E O NOVO COTIDIANO

*Tudo flui, nada permanece.
Heráclito.*

Agosto de 2021. Aguardava minha segunda dose da vacina que viria no início de setembro. As aulas híbridas agora são uma realidade, assim como o sentimento de estar em sala com as crianças era um misto de alegria, medo e preocupação pela constatação de ver a negligência intelectual familiar que a maioria passou durante esse período de aulas remotas, via WhatsApp.

Um fato é indiscutível: a importância da escola na vida das crianças. Ficou mais que evidente que quem se preocupa realmente com a educação são as professoras e professores, e que a participação da família no processo aprendizagem faz toda a diferença na vida escolar. E isto também aconteceu com o projeto. Muitos dos *Cadernos de Ideias* voltaram assim como foram. E isto foi desolador.

Várias são as perguntas que rondavam a cabeça desta professora: as crianças não gostaram da proposta? Não tinham acesso à internet? Os pais não tinham paciência para assistir aos vídeos e conversar com as crianças sobre o tema? Ou simplesmente não quiseram fazer, assim como tantas outras tarefas de outras disciplinas?

Ao mesmo tempo em que na primeira semana que retornamos ao ensino presencial, com o primeiro grupo de crianças, um menino perguntou: *“Profe, eu fico pensando, como poderia deus ter criado Adão e Eva, e estes tendo seus filhos, se no resto do mundo não havia outras pessoas, com quem eles teriam se relacionado para surgir novas pessoas?”*

Eis a riqueza de estarmos em sala de aula, estarmos próximos e nos ouvirmos. Nesse momento, o sentimento de tristeza pelo vago retorno das atividades no *Caderno de Ideias* é tomado pela vontade de continuar.

Quando retornamos ao ensino híbrido, com a turma dividida em dois grupos e que funcionou por apenas duas semanas, as sensações eram plurais. Sentíamos alegria por estarmos no ambiente escolar e, ao mesmo tempo, a apreensão e angústia por todos os cuidados que a pandemia exigia, a vacinação lenta da população, as pessoas antivacinas entre nós... tudo isso tornou a volta numa verdadeira situação “sob pressão”, onde o exercício de manter a cabeça plena era um movimento diário, pois a preocupação agora se voltava para além da aprendizagem, mas para todo cuidado que a situação nos impôs.

Durante o reencontro, nos corredores e salas de aula, o sorriso escondido pela máscara era evidente nos olhinhos pequenos que, ao mesmo tempo, pareciam assustados com toda a nova rotina: álcool em gel nas mãos, distanciamento, fita no chão pra não sair do lugar, recreio sem poder brincar e a vontade de abraçar que agora não era possível, substituído por um abraço simbólico. Nestes primeiros dias, pedi para que as crianças escrevessem sobre como estavam se sentindo ao retornarem para a escola, numa atividade que não consta na programação do projeto, mas que creio era importante relatar aqui, pois não deixa de ser um momento de reflexão e expressão do que estavam sentindo e de quanto a escola é uma parte significativa da vida delas.

Na semana que iniciou em 23 de agosto de 2021, o ensino passou a não ser mais híbrido. As crianças não seriam mais divididas. Passamos a estar numa sala com 23 crianças presencialmente, e apenas dois alunos ainda seguiam no ensino cem por cento remoto.

Reiniciamos o projeto!

Retomamos nossos encontros, agora em sala de aula, no dia 03 de setembro de 2021. Sala com janelas e porta sempre abertas para ventilação, sofrendo com a interferência do ambiente externo; álcool em gel na entrada da sala e sempre à disposição na mesa da professora, mesas e cadeiras delimitadas no espaço da sala por fitas fixadas no chão e o uso constante máscaras.

Nossos encontros aconteciam todas as sextas-feiras, no espaço de duas aulas, ou seja, duas horas. Assistíamos aos vídeos do personagem Tales, (que para algumas crianças era notório que foi novidade) e em seguida conversávamos sobre os conteúdos trazidos por ele para, em seguida, registrarem no *Caderno de Ideias* seus pensamentos.

Neste primeiro encontro pedi para que as crianças escrevessem sobre quem são elas no mundo, como se fossem se apresentar para o Tales. Vale ressaltar que em nenhum momento tive acesso a estes escritos antes do encerramento do projeto, fosse no período de aulas remotas ou durante o ensino presencial. As crianças realizavam seus escritos e seus cadernos eram guardados no armário.

O desenho a seguir (Figura 11) é de um menino que durante todos os encontros do projeto (remoto ou presencial) se mostrou muito interessado, vinha até mim para contar algumas situações de seu cotidiano, participava no grande grupo fazendo colocações muito plausíveis e, no encerramento, liderou seu grupo de teatro que tinha como tema a ser apresentado o *bullying* - tema este escolhido pelas próprias crianças e que, segundo ele, foi uma situação vivenciada por ele próprio.

Figura 11 - Desenho de um estudante durante o ensino presencial.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Para o meu espanto, tempos mais tarde com o projeto já encerrado, quando fui ler suas anotações no *Caderno de Ideias*, a mesma atividade solicitada durante o ensino remoto foi registrada assim:

Figura 12 - Desenho do mesmo estudante, durante o ensino remoto.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

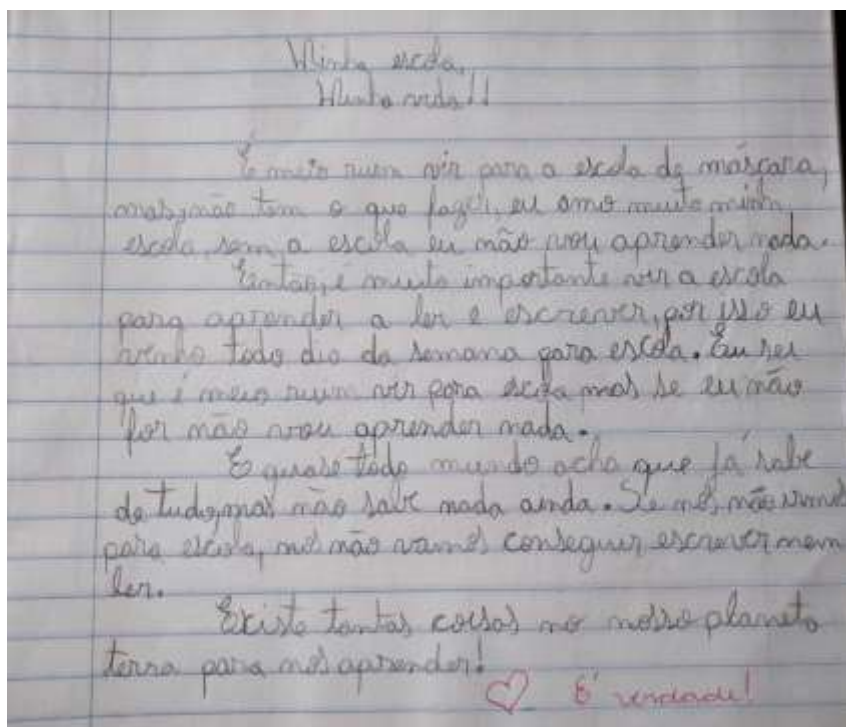
Percebemos aqui a necessidade, por exemplo, de se discutir gênero com as crianças. Talvez o “*Caderno de Ideias*” foi o espaço em que ele se sentiu à vontade para expressar como ele sonha estar e/ou ser um dia. E em casa, sem os olhares dos demais,

ele expressou seu legítimo desejo. Uma escola que ouve, que dá espaço para a expressão, que olha para além de uma simples cabeça que segura um lápis, que eu acredito. É conhecer nosso aluno ou aluna para além dos dados solicitados apenas no ato da matrícula. É realmente se envolver com a criança, criar laços.

O mundo adulto tem uma resistência grande em compreender o mundo das crianças, e ao analisar os primeiros escritos nos *Cadernos de Ideias*, lá estão palavras como “ansiedade” e “depressão”. Palavras que são do mundo adulto, mas que já permeiam o mundo infantil. O que estamos fazendo com nossas crianças para que se sintam assim? De maneira alguma estou dizendo que a culpa seria desse ou daquele..., mas sim que é preciso observar que mundo, que escola estamos oferecendo para as crianças que não as acolhe, não lhes ouve. Que escola é essa que só está preocupada com os índices para agradar o sistema e esquece que estamos lidando com pessoas em formação?

Nessas escritas, podemos perceber que a alegria por estar de volta à escola se mistura com toda a situação que a pandemia nos impôs (Figuras 13, 14 e 15).

Figura 13 - Relato de um estudante.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Aqui a criança escreve de maneira a expressar seu entendimento de como é importante o espaço escolar e o que aprendemos nele, embora pareça não estar muito

contente com algumas situações. Vale ressaltar que essa criança era solitária, de poucos amigos e apresentava muito questionamentos para a professora, como por exemplo, sobre o aborto. Com o título, *Minha escola, minha vida*, ela conta:

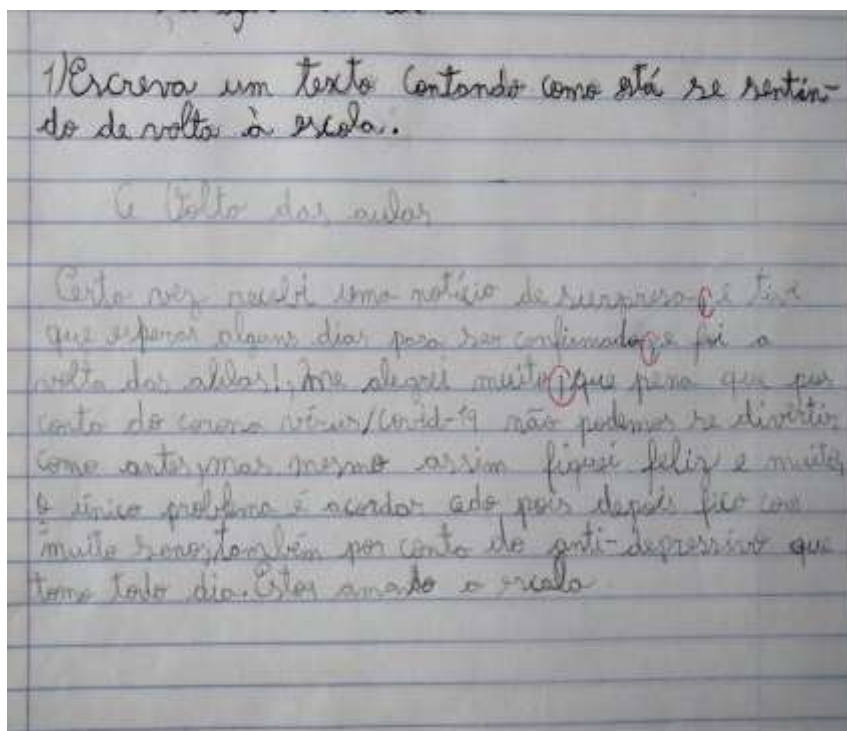
É muito ruim vir para a escola de máscara, mas não tem o que fazer, eu amo muito minha escola, sem a escola eu não vou aprender nada.

Então, é muito importante vir a escola para aprender a ler e escrever, por isso eu venho todo dia da semana para a escola. Eu sei que é meio ruim vir para escola mas se eu não for não vou aprender nada.

E quase todo mundo acha que já sabe tudo, mas não sabe nada ainda. Se nós não irmos para a escola, nos não vamos conseguir escrever nem ler.

Existe tantas coisas no nosso planeta para nós aprender!

Figura 14 – Relato de um estudante.



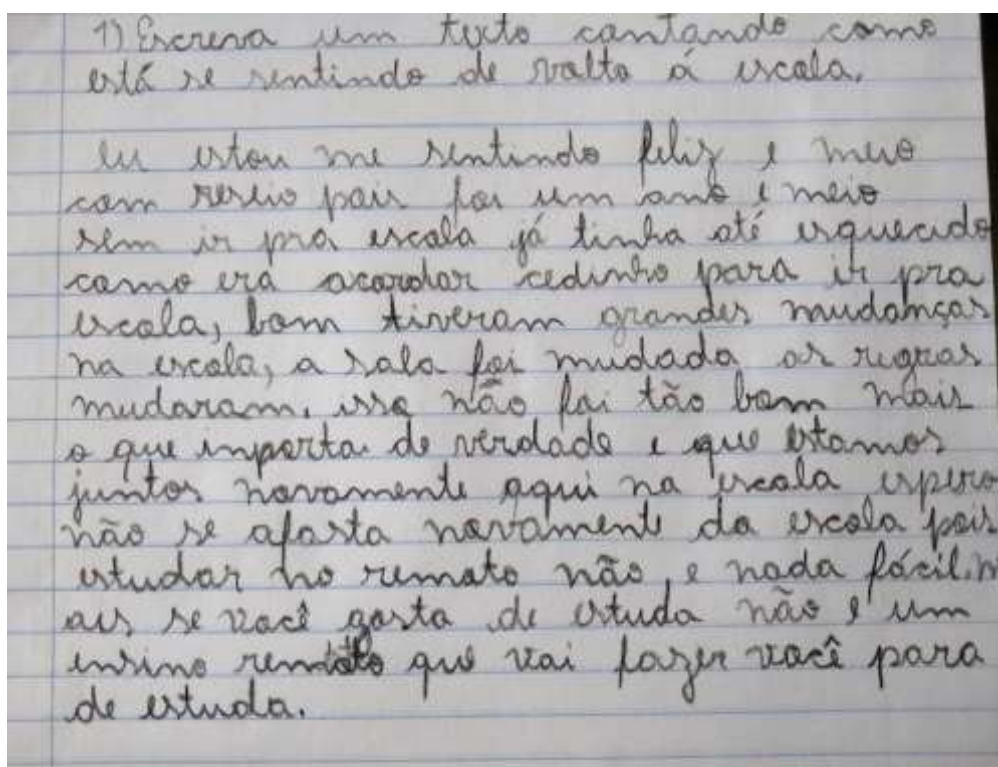
Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Já neste relato, a criança conta sobre a alegria de receber a notícia sobre o retorno das aulas presenciais, mas também uma certa frustração por saber que a escola estaria diferente em seu funcionamento, com algumas restrições devido a pandemia. Ela finaliza contando que sente muito sono devido aos medicamentos que toma. Realidade cada vez mais presente em nossa sociedade e dentro da escola. Uma realidade que a pandemia

tornou muito presente e que como professores devemos ter o cuidado ao olhar para nossas crianças e nomeá-las como apenas “preguiçosas”:

Certa vez recebi uma notícia de surpresa e tive que esperar alguns dias para ser confirmada e foi a volta das aulas! Me alegrei muito, que pena que por conta do corona vírus/covid 19 não podemos se divertir como antes, mas mesmo assim fiquei feliz e muito, o único problema é acordar cedo pois depois fico com muito sono também por conta do antidepressivo que tomo todo dia. Estou amando a escola.

Figura 15 - Relato de um estudante.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Aqui vemos a realidade nos pensamentos de muitas crianças, um misto pela alegria do retorno e o medo pelos cuidados, pois o perigo do vírus ainda nos rondava. Também é possível perceber a dificuldade que foi o ensino remoto para as crianças e sua vontade de estar na escola para estudar. Embora a própria criança escreva que se você quer aprender, você se empenha frente as adversidades. Será que ela quer nos dizer que a vontade faz as coisas acontecerem? Ela relata:

“Eu estou me sentindo muito feliz e meio receio pois foi um ano e meio sem ir pra escola já tinha até esquecido como era acordar cedinho para ir pra escola, bom tiveram grandes mudanças na escola, a sala foi mudada as regras mudaram, isso não foi tão bom

mais o que importa de verdade e que estamos juntos novamente aqui na escola espero não se afastar novamente da escola pois estudar no remoto não e nada fácil mais se você gosta de estuda não e um ensino remoto que vai fazer você para de estuda.”

Se nós adultos tivemos dificuldades para contornar este cenário de aflição, as crianças terão para sempre marcado em suas lembranças o tempo que lhe foi furtado. Pode parecer “*meio ruim*” ir para a escola, ter que “*acordar cedo*”, mas logo isto é substituído pelo fato de estarmos juntos, convivendo, conversando, se encontrando, nos vendo.

O número de crianças que desenvolveram algum grau de ansiedade durante esse período de isolamento⁷ é um alerta para a importância da convivência da coletividade e do papel da escola nisto. “*Estou amando a escola*” não é uma declaração para o prédio escolar, é a expressão de um sentimento por estar de volta onde outros também estão, pois “*o que importa de verdade é que estamos juntos novamente*”.

Para além da escrita, o desenho também pode ser uma maneira de externar o que estamos sentindo. Aqui podemos observar todo o novo cotidiano que tomou conta da vida dessa criança (Figura 16).

Figura 16 - Desenho de uma estudante retratando sua nova realidade.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

⁷ Segundo Thais Carrança, na BBC News, 34% dos estudantes, em 2022, estão com dificuldade de controlar suas emoções.

Em um dos vídeos encaminhado via WhatsApp, tratávamos sobre o porquê de existir diferenças sociais, e essa criança comenta, a partir de sua experiência de vida, que as oportunidades não são as mesmas para todos, e que ajudar ao próximo poderia ser uma das maneiras de resolver os problemas sociais (Figura 17). Estamos falando aqui de comida. A fome ensina. A criança escreve: *A diferença é que muitas pessoas têm muito dinheiro e outras tem muito pouco, e não é todo mundo que tem oportunidade de ficar rico, ser empresário, dono de empresas, firmas, lojas e etc, muitos moram nas ruas, não tem o que comer e a solução é um ajudar o outro, doar alimentos é um exemplo.*

Figura 17 - Relato e desenho de um estudante.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Este menino apresentava uma extrema preocupação pela saúde da avó, que o cria, depois dele sofrer maus tratos de sua mãe⁸. Em conversas rápidas que tínhamos via WhatsApp ou até mesmo quando buscava suas tarefas na escola, ele deixava evidente sua vontade de retornar ao ensino presencial, relatava as dificuldades que sua família estava

⁸ Hoje, o menino vive em uma casa de abrigo, pois sofreu maus tratos da avó também.

passando, a morte de um familiar e sua responsabilidade misturada com o sentimento de gratidão por sua avó. Ele escreve já observando as diferenças sociais existentes:

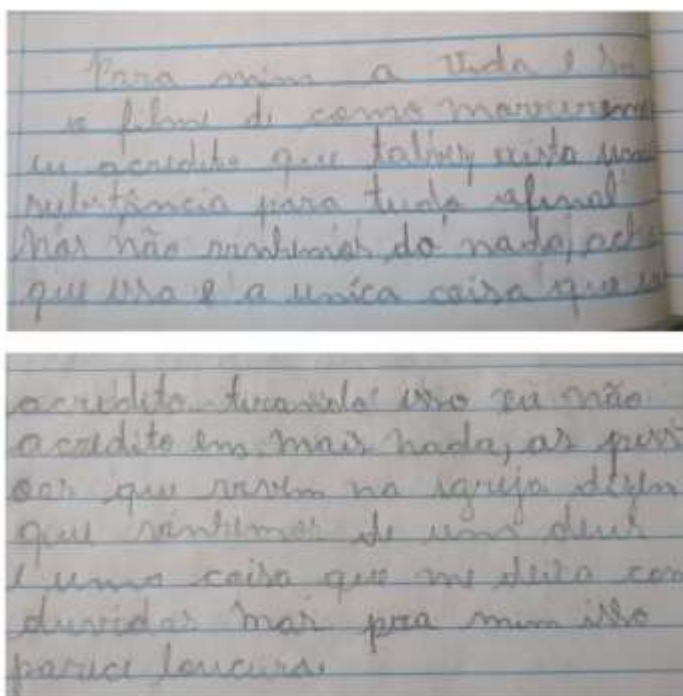
A diferença é que muitos tem muito dinheiro e outros tem muito pouco, e não é todo mundo que tem a oportunidade de ficar rico, ser empresários donos de empresas, firmas, lojas etc, muitos moram nas ruas, não tem o que comer e a solução é um ajudar o outro, doar alimentos é um exemplo.

Um ano antes, em 2020, eu trabalhava com esta mesma turma e, num dado momento, entre tantas tarefas enviadas remotamente, uma menina de características marcantes pergunta num bilhete: por que a escola não trata de assuntos como a depressão? Sua história familiar é um pouco conturbada e, ainda assim, ela foi um grande destaque durante as aulas do projeto, pois trazia questionamentos surpreendentes para sua idade. Questionamentos que talvez não encontrassem resposta em sua casa.

Certa vez, ao final de uma aula, ela se aproximou de minha mesa e queria saber o que eu pensava a respeito do aborto. Por ter o contato do telefone das crianças, eu acompanhava alguns status dela e via coisas um tanto quanto precoces para sua idade. A relação com sua mãe era muito difícil, aparentava ser muito distante, e durante o encontro 1, já em sala de aula, com o título *Nada pode surgir do nada*, ela escreve: *Para mim a vida é só um filme de como morreremos, eu acredito que talvez exista uma substância para tudo afinal nós não ‘vinhemos’ do nada, acho que isso é a única coisa que eu acredito tirando isso eu não acredito em mais nada, as pessoas que vivem na igreja dizem que ‘vinhemos’ de um deus e uma coisa que me deixa com dúvidas mas pra mim isso parece loucura.* (Figura 18).

Esta menina tentou o suicídio em 2022.

Figura 18 - Relato de uma estudante.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Em sua reflexão sobre de onde teríamos vindo, ela escreve: *Para mim a vida é só um filme de como morreremos, eu acredito que talvez exista uma substância para tudo afinal nós não vinhamos do nada, acho que isso é a única coisa que eu acredito tirando isso eu não acredito em mais nada, as pessoas que vivem na igreja dizem que vinhamos de um deus e uma coisa que deixa com dúvidas mas para mim isso parece loucura.*

À medida que os encontros aconteciam, as trocas de ideias e os debates se tornavam cada vez mais ricos. Em uma das rodas de conversa - que algumas vezes aconteciam mudando as disposições das carteiras, outras com todos sentados no chão - a pergunta se existia filósofas mulheres apareceu, junto com a vontade de saber se *Tales*, nosso amigo filósofo dos vídeos, um dia também foi criança. Colocar os grandes pensadores nesta posição de “*ser criança*” acabou por torná-los mais próximos, tirando-os de uma posição longínqua e dizendo para as crianças que elas também podem filosofar. Aproveitei a curiosidade das crianças e apresentei a coleção *Pequenos filósofos*, junto com o livro de Hipátia⁹.

⁹ Hipátia (ou Hipácia) de Alexandria foi a primeira mulher documentada como tendo sido matemática, além de filósofa. Foi chefe da escola platônica em Alexandria (Egito), onde lecionou, além da matemática, filosofia e astronomia.

Figura 19 - Roda de conversa com as crianças.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

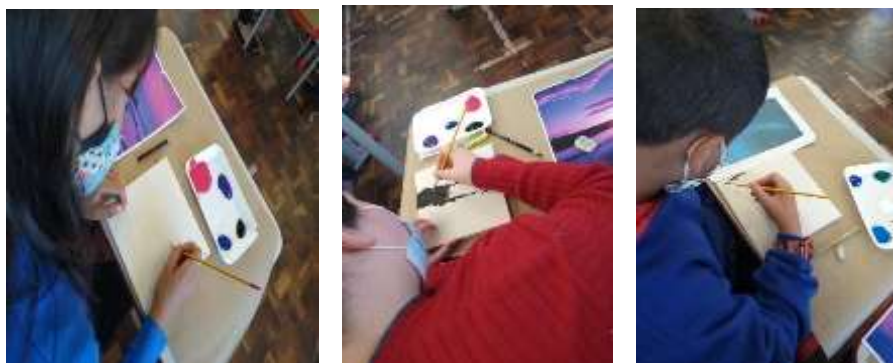
Avançamos. A realização do projeto parecia estar dando certo, embora toda a apreensão dos cuidados ainda fosse necessária. Elas aguardavam ansiosamente pelas aulas de sexta-feira para encontrarem com *Tales*, mesmo por vídeo. E como tentativa de incluir as artes como suas expressões de pensamentos e sentimentos, que antes estavam reduzidas aos desenhos nos *Cadernos de Ideias*, vieram atividades com argila (Figuras 20 e 21), pintura em tela (Figuras 22, 23 e 24) e peças de teatro organizadas pelas próprias crianças (Figuras 25, 26 e 27). Até que alguém diz, parecendo adivinhar o que já estava nos meus planos: *Profe, bem que o Tales podia vir conhecer a gente, né?!.*

Figuras 20 e 21 - Modelagem com argila - Expressão do eu.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Figuras 22, 23 e 24 - Pintura em tela - expressão livre.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Figuras 25 e 26 - “Mito da caverna” e “A menina e o fósforo”, respectivamente.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Figura 27 - “Respeito às diferenças” - *Bullying*.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

A partir daquele momento o projeto já não me pertencia mais. Já estava nos meus planos trazer o *Tales* até a escola, mas ainda não sabia como fazer devido a pandemia. Prometi que ele viria sem a certeza da data e a real possibilidade de sua vinda, mas as crianças passaram a se organizar para receber o novo amigo. Eu orientava nas tarefas, dava uma sugestão ou outra, mas quem organizava as apresentações de teatro eram as próprias crianças. Deixei livre a escolha do tema; poderia ser uma passagem de nossos encontros ou algum outro assunto que desejassem. Elas formaram seus grupos e a montagem da apresentação partiu toda das crianças. Ensaaiavam na sala - as linhas no chão já não faziam mais sentido, embora o uso das máscaras ainda fosse necessário.

Os títulos das peças de teatro foram: *O mito da caverna*; *A menina e o fósforo* e *Respeito às diferenças*, tendo até mesmo dois *mestres de cerimônia* para apresentar ao *Tales* às obras criadas pelas crianças.

Dia 03 de dezembro chegou com a alegria que o verão traduz. Preparamos a sala: mesas afastadas num canto da sala, as construções feitas com argila e as telas pintadas, as cadeiras dispostas de maneira circular para que todos pudessem se ver, um espaço, no meio, onde seriam encenadas as peças de teatro, e uma cadeira ao fundo para a chegada do convidado ilustre, *Tales*.

As crianças estavam eufóricas por conhecer pessoalmente aquele que durante o período de ensino remoto conversava com eles via celular, aquele que depois revisitamos em sala de aula e pudemos pensar e dialogar mais sobre suas palavras e ideias trazidas.

Foi muito bonito ver a alegria das crianças ao conhecer o personagem. Muitas não sabiam como agir, seguravam inicialmente o abraço, fosse por timidez ou pelo distanciamento obrigatório. Mas em alguns momentos era inevitável. Escola é contato.

Queriam mostrar seus trabalhos, contar sobre o vídeo que mais gostaram, saber se ele veio do passado. Entregamos uma caixa de presente para o *Tales* onde cada criança contribuiu de alguma forma com uma lembrança (Figuras 28, 29 e 30). Tivemos um momento para escrevermos uma carta para nós mesmos, para abrimos daqui dez anos. *Tales* também participou e colocou sua cartinha na caixinha carinhosamente chamada de *Cápsula do Tempo* (Figura 31, 32 e 33).

E assim encerramos o Projeto *O diário filosófico como experiência do sentir*. Dentro de uma sala de aula, como tantas outras, que possuem uma potência de encantar os saberes; saberes estes que vêm permeados de sentimentos, porque, se não fosse assim, não veríamos olhos sorridentes em rostos mascarados.

Figura 28 - Professor Jonas caracterizado como *Tales* na sala de aula com as crianças.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Figuras 29 e 30 - *Tales* com as crianças.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Figuras 31, 32 e 33 - Professora Helayne, *Tales* e uma estudante realizando a atividade da *Cápsula do Tempo*.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

CAPÍTULO III

A CRIANÇA, A INFÂNCIA E O FILOSOFAR.

Pensar uma escola que pense uma educação para além de corpos sentados em suas cadeiras não é algo inovador, mas incrivelmente ainda precisamos repetir que é necessário. A escola como um ambiente que exerce certa repressão sob os corpos deve ser também a escola que liberta. Afinal, se o sistema nos aprisiona e se temos noção das amarras que nos prendem, são elas que devemos chacoalhar. E chacoalhar depende de movimento. Então, que coloquemos os corpos a se movimentar em busca da utopia necessária. Paulo Freire (2014, p. 73) afirma que “a educação é simultaneamente uma certa teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético. Essas três dimensões estão sempre juntas, momentos simultâneos de teoria e prática, de arte e política.”

Quando penso em corpos em movimento penso no simples ato de brincar. Este ato que aos poucos e sorrateiramente vai sendo banido do tempo de infância de nossas crianças. Se criança “*arteira*” é uma criança que brinca, logo, quando uma criança brinca ela faz arte, seja imitando uma brincadeira, estipulando regras em seus jogos, criando com massinhas de modelar ou outro material, dançando, etc. É da natureza de seu corpo estar em movimento, mas ao chegar na escola são colocadas em carteiras para o momento de concentração, enquanto suas perninhas balançam por debaixo da mesa.

Durante a pandemia, onde e como esses corpos se movimentaram, brincaram e se expressaram?

Acredito ser o espaço da escola inicialmente, mesmo num tempo cronometrado que foge ao entendimento das crianças, o local privilegiado para que se busque a expressão corporal, a livre experiência do pensar e também do sentir. E se não for dentro de uma escola, onde crianças terão esta oportunidade? Me refiro neste momento, as crianças menos favorecidas, onde muitas vezes nem uma escola com boa estrutura lhes alcança. Ou até mesmo o discurso empreendedor que chega sorrateiramente a furtar o espaço humano dentro da escola, servindo a lógica do mercado.

Buscamos com esse projeto, num momento singular da humanidade, proporcionar espaços de diálogo, de pensamentos, de reflexões, de sentir e se expressar, e isto não obedece ao tempo da escola, que serve ao tempo do mercado. Walter Kohan diz (2000, p. 268):

Acredito na autonomia dos professores e das crianças; na concepção de uns e outros como produtores e não como receptores de filosofia; na percepção do professor como alguém que pensa sua prática, e, portanto, os métodos, materiais e sentidos da prática da filosofia; na pesquisa como companhia indissociável do ensino; na abertura para o que as crianças e professores têm a contribuir para a filosofia; na sensibilidade para aqueles que mais precisam da filosofia e não podem ter acesso a ela; na resistência frente a toda forma de imposição externa, seja do mercado, da política, da religião ou de onde for; na pergunta permanente sobre o que se faz e por que fazê-lo; eis aqui alguns princípios que me parecem irrenunciáveis ao institucionalizar a prática da filosofia com crianças.

Uma escola em que ainda se discute onde colocar o alfabeto na parede é uma escola engessada. Onde se diz que deve estar na frente para melhor visualização, é como imaginar que crianças tenham o pescoço duro e não podem olhar para o lado. Elas não têm!

O que se deseja é liberdade dos corpos, é olhar pro lado, pra frente, pra trás, de todos os ângulos; é levantar da carteira e dançar, se expressar, sentir, se ver no outro, é se respeitar, é brincar. Freire (1999, p.118) explica:

O grande problema que se coloca ao educador ou à educadora de opção democrática é como trabalhar no sentido de fazer possível que a necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade. Quanto mais criticamente a liberdade assume o limite necessário tanto mais autoridade tem ela, eticamente falando, para continuar lutando em seu nome.

Ao retornar para a escola com moderada segurança e proximidade dos corpos, o primeiro passo foi ouvir as crianças. Deixar que expressassem tudo o que sentem e sentiram durante este tempo em suas casas, seja na comunicação oral ou em forma de desenhos, e até pinturas.

É essa autonomia por pensar, por sentir, por se movimentar, sair de suas carteiras, olhar para os lados, que devemos desenvolver com as crianças, num espaço que as instigue e lhes mostre que aprender pode ser, e é, libertador. E que a capacidade de se admirar pelas coisas e de se questionar pode seguir com elas para sempre.

3.1. CRIANÇAS, ESTES PEQUENINOS SERES.

Para pensarmos a educação de crianças é importante compreendermos como a concepção destes pequenos seres foi construída ao longo da história. Para isso, busquei os escritos do historiador Philippe Ariès, na necessidade de compreender o pensamento

humano na elaboração do que viria a ser uma criança e, mais tarde, como deveria ser sua educação.

Acreditar que seres tão pequeninos e que hoje nos inspiram sentimentos de afeição e cuidados, durante muito tempo, não tinham papel importante no meio humano. Imaginar que as crianças recebiam certo cuidado apenas nos primeiros tempos de vida e que assim que conseguissem ter pouca autonomia já eram vinculadas ao mundo adulto nos causa espanto. Até mesmo sua morte não era tão sentida. (Pausa para imaginar a forma como tratamos nossas crianças num momento pandêmico atual com o atraso da vacina pediátrica).

No prefácio do livro *História Social da Criança e da Família*, de Philippe Ariès, assinado por Maisons-Laffitte, é explicado:

[...] A criança era portanto diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais. Seria então interessante comparar a criança ao anão, que ocupa um lugar importante na tipologia medieval. A criança é um anão, mas um anão seguro de que não permanecerá anão, salvo em caso de feitiçaria. O anão não seria em compensação uma criança condenada a não crescer, e mesmo a se tornar imediatamente um velho encarquilhado? (2011, p. XIII)

Durante a leitura deste autor, é possível constatar que muitas maneiras de agir e pensar dos séculos XVI, XVII e XVIII ainda persistem em alguns comportamentos adultos em relação às crianças - no trato de sua educação, no entendimento do que é ser criança, nas violências que sofrem. Vale ressaltar que o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) é um documento muito recente em nosso país e que sofre ataques daqueles que ainda não compreenderam sua função – garantir vida digna para crianças e adolescentes. Percebemos o quanto de resquícios ainda possuímos de um mundo que não concebia a criança como um ser de necessidades de existência, de cuidados, de compreensão de mundo, de um ser questionador e também sensível.

Por anos, estudiosos tentam formular a melhor educação e observam as crianças como ratinhos de laboratório, sem ouvi-las e sem considerá-las gente. Como se para além de seres considerados sem razão, também não tivessem vontades, logo seriam corpos vazios prontos a serem ocupados e moldados segundo o que os adultos desejam que ela se torne. Cirino e Cantalice (2020, p. 02) explicam:

A relação entre a filosofia e a infância, historicamente, registra mais aspectos relacionados a uma visão negativa da criança como ser incapaz, vivenciando um estado da vida ainda inacabado, o qual não tem controle das emoções e dos

desejos. Por muitos séculos, a criança foi considerada na tradição filosófica como um ser sem razão. Também podemos perceber a característica da infância na perspectiva daquilo que ela virá a ser, no sentido de modelagem de uma educação pensada pelo prisma da possibilidade de que podemos fabricar através das crianças o adulto que desejamos formar.

Ao analisar os escritos de Philippe Ariès, historiador que tratou da Idade Média, podemos observar a contribuição da igreja no processo de moralizar as relações entre as pessoas, e desse ponto surge a necessidade de se educar as pessoas, o que se inicia com os pequeninos. Nasce a educação, este instrumento moralizante que busca sua real função por séculos, na procura de educar o bom homem e a boa mulher.

Destaca-se que foi a partir do século XVI que se iniciou a preocupação com a vida das crianças, esses seres pequeninos, e que a preocupação maior inicial foi com sua alma, antes mesmo de seu corpo. A igreja passou a se preocupar com o que aconteceria com suas almas após a morte; eis que surge o batismo. Foi assim, também, que iniciaram os registros, realizados pelos párocos¹⁰. As pessoas agora passam a ter sua existência confirmada por um papel escrito.

Com isso, Ariès surge o sentimento de família, o sentimento de pertencimento e, agora, de cuidado com estes pequenos seres que chegam. Estes registros, fossem nos documentos da igreja, para confirmar o batismo, fossem nos retratos, dava “à família maior consistência histórica” (2011, p.3)

A compreensão destes fatos contribui para que possamos entender a visão que temos hoje sobre as crianças e a educação. Entendê-las como seres históricos, do qual também já fomos, é um desafio que assumimos para tornar esse mundo melhor. Sabemos que ser criança não significa ter infância, e é esse desconforto que conduziu esta pesquisa.

Deste modo, em seus estudos, Ariès aponta (2011, p. 06):

Os textos da Idade Média sobre esse tema são abundantes. *Le Grand Propriétaire de toutes choses* trata das idades em seu livro VI. Aí, as idades correspondem aos planetas, em número de 7: “A primeira idade é a infância que planta os dentes, e essa idade começa quando a criança nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado de *enfant* (criança), que quer dizer não-falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem nem formar perfeitamente suas palavras, pois ainda não tem seus dentes bem ordenados nem firmes [...]”.

Um ser não falante ou que não conseguia expressar suas vontades de maneira objetiva, não seria um ser digno de atenção, pois não lhe seria atribuído o uso da razão.

¹⁰ Sacerdotes encarregados da direção espiritual de uma paróquia.

Existia para alguns como forma de paparicação, para outros como incômodo. Ariés (2011, p. 85,) explica:

[...] Antes, a infância era muito ignorada, considerada um período de transição rapidamente superado e sem importância. Essa ênfase dada ao lado desprezível da infância talvez tenha sido uma consequência do espírito clássico e de sua insistência na razão, mas acima de tudo foi uma reação contra a importância que a criança havia adquirido dentro da família e dentro do sentimento de família.

O historiador, ainda, constata que o uso da palavra infância servia também para designar todos aqueles que ainda eram dependentes, ou seja, “ligada à ideia de dependência” (Idem)

[...] Só se saía da infância ao se sair da dependência, ou, ao menos, dos graus mais baixos da dependência. Essa é a razão pela qual as palavras ligadas à infância iriam subsistir para designar familiarmente, na língua falada, os homens de baixa condição, cuja submissão aos outros continuava a ser total: por exemplo, os lacaios, os auxiliares e os soldados. [...]

Observa-se aqui que a ideia de infância estava ligada a uma condição, fosse da criança dependente de cuidados ou da condição social do sujeito. O termo *Enfant*, segundo o dicionário de Furetière (2011, p.12), era também usado de maneira amigável, usado em saudações ou para persuadir alguém a realizar algo. O autor explica: “[...] Um capitão dirá aos seus soldados: ‘coragem, *enfants*, aguentem firme’”. (Ibidem)

Não vamos nos ater nesse momento nas expressões que foram sendo utilizadas (*petits, moyes e grands* – pequenas, médias e grandes), mas sim em observar como a noção de o que seria ser uma criança e o que seria ser infante foram designações construídas ao longo da história.

3.2. INFÂNCIA, A POTÊNCIA DO SABER.

Se ser criança é a definição cronológica que marca nossa tenra idade e é caracterizada pelo sentimento de infância, nos debruçamos agora sobre que infância é esta.

Vivemos num país em que o trabalho infantil é uma realidade vergonhosa. O desrespeito ao momento inicial da vida de uma criança é um ato violento que lhe rouba a inocência e a imaginação. Esta violência pode ser exposta ou velada. Velada porque vivemos tempos em que não se tem paciência com elas, assim como nos séculos

anteriores, e, se anos antes a babá eletrônica era a televisão, hoje, celulares tomam conta da vida dessas crianças, antes mesmo de aprenderem a ler ou escrever.

Subir em árvores, explorar o ambiente, pisar em poças d'água, ralar o joelho, brincar de casinha ou de carrinho, têm sido momentos cada vez mais escassos nessa era tecnológica dos dedinhos ágeis e olhos voltados para a tela.

A internet é uma ferramenta importante nos dias de hoje. Faz parte de nosso cotidiano. Mas perceber os malefícios que ela também nos causa e, nesse modo específico, para as crianças faz parte do processo de compreensão do mundo atual.

No retorno das aulas presenciais em agosto de 2021, me deparei com crianças que não sabiam e não conheciam canções infantis e apresentavam dificuldade de se expressar corporalmente. Mas, na hora do intervalo, davam um espetáculo com as dancinhas da internet. A sexualização precoce dos corpos também é algo a nos preocupar, num país que tem alto índice de prostituição infantil e pedofilia.

Muitas são as situações em que nos deparamos com comportamentos adultizados, vemos graça e não refletimos sobre as influências que a criança sofre e que consequências isso pode trazer para seu desenvolvimento. É como se voltássemos no tempo, em que esses pequeninos seres nos causam o prazer de sorrir e então lhe consideramos algum sentimento. Ariés (2011, p. 100) explica:

[...] Um novo sentimento de infância havia surgido, em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e relaxamento para o adulto, um sentimento que poderíamos chamar de 'paparicação'.

Veja: “para o adulto”. Block diz que somos fruto de nosso tempo. Que infância estamos proporcionando para nossas crianças neste tempo? Ou: por que a roubamos delas?

3.3. O FILOSOFAR E/OU DA EDUCAÇÃO

A educação, direito garantido a milhares de brasileiros segundo a Constituição de 1988 deste país, é tema sempre em voga nas conversas dos mais variados grupos de pessoas, seja na família, na escola ou numa conversa descontraída. Não há quem não tenha alguma fórmula ou exemplo a dar sobre a maneira como educamos as crianças, e muitas são as vezes em que ouvimos *mas no tempo dos nossos avós* ou *no meu tempo não era assim*, como justificativa para afirmar que antigamente a educação era boa.

Mas que educação boa é esta do passado que causou diversos traumas com base na violência, fosse física ou verbal?

Ora, se o olhar sobre as crianças sofreu modificações ao longo do tempo, esse mesmo olhar também se voltou sobre a educação, afinal, educamos para quê?

Deste modo, com todo o apanhado histórico de estudos que podemos consultar, voltamos nosso olhar para dentro dos corredores das escolas. Estamos vivendo tempos sombrios. Como se já não bastasse a pandemia que assolou nosso país e todo o atraso decorrente de um pensamento negacionista, vemos surgir os ataques às instituições de ensino, sejam de ensino fundamental ou superior, o desmonte da educação pública com seus investimentos congelados por vinte anos e o desacato ao patrono da educação deste país. O sucateamento e a destruição da educação é um projeto.

Junto a isso, não vamos romantizar, custa-nos acreditar que entre nossos pares exista quem compactue com discursos assombrosos de uma educação que, segundo eles, deveria ser mais autoritária. E, assim, espalham-se pelo Brasil escolas militarizadas, e com elas as salvas de palmas de pais e mães sedentos por uma educação que discipline seus filhos e suas filhas.

Que ordem é essa que esse senso de conservadorismo busca? Que autoridade é essa que pais e mães não possuem mais sobre seus filhos e filhas? Que sociedade se almeja quando a violência escancara a falta de sensibilidade ensinada por nós, adultos, para as crianças?

Neste sentido, nada do que se propôs aqui é novidade. Perceber as crianças como portadoras de pensamentos e sensibilidades é algo que vem sendo estudado por muitas pessoas, por muitos anos. Cantalice e Cirino (2020, p. 03) descrevem:

Essa visão negativa da filosofia com relação à infância começa a mudar a partir do século XVI com o pensamento dos filósofos Michel de Montaigne, Rousseau, Schiller, entre outros, e ganha força no século XX, especialmente na área da filosofia quando o filósofo norte americano Matthew Lipman começa a se preocupar com a necessidade de uma educação filosófica iniciada, ainda, na educação infantil.

Nossas escolas ainda sofrem com o autoritarismo velado pelo discurso de que uma boa educação é aquela que impera o silêncio. O silêncio é importante durante as reflexões que fazemos acerca dos fatos do cotidiano. Mas como posso acreditar que o silêncio seja bom dentro de um ambiente que deveria ter como regra a descoberta, o movimento, a

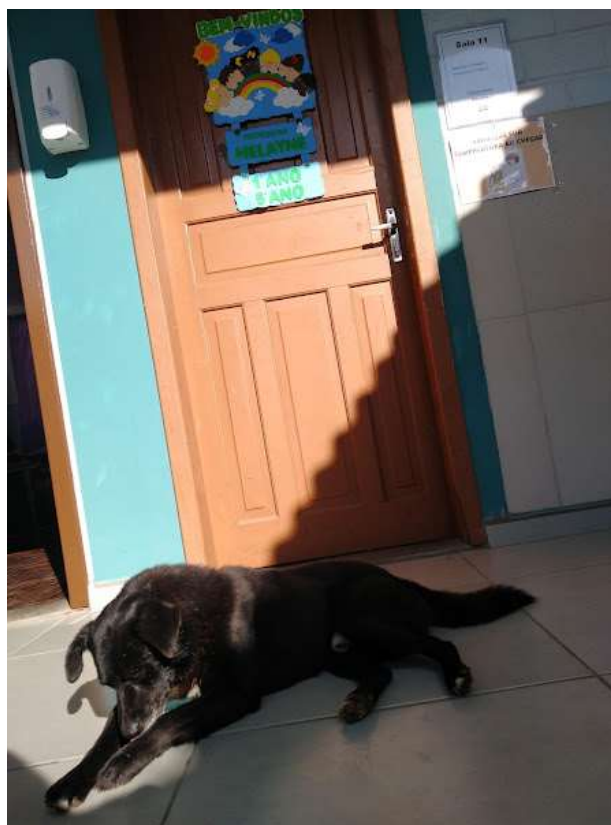
fala, a escuta, os questionamentos, a quebra de paradigmas, a desconstrução de saberes arcaicos, a evolução do pensamento, o respeito ao próximo? Como conhecer o outro se não o ouço?

Abrir um espaço para o diálogo com nossas crianças significa proporcionar o que todo ser humano tem de natural, que é a curiosidade, a pergunta e que muitas vezes os adultos, talvez cansados ou sem paciência, não proporcionam para esses pequeninos seres, que são sedentos por conhecer o mundo que os cerca, momentos de investigação. Falta um olhar sensível para com eles. Logo, quem se dá conta da importância desta fase na vida humana, para a formação de pessoas, olha, escuta e orienta com carinho.

Os *Cadernos de Ideias* foram essa escuta, embora distante, com elas, as crianças em suas casas. Não era uma atividade valendo nota, não era uma lição de casa, não era um trabalho para entregar, não era uma atividade para colocar uma resposta copiada do livro. Era simplesmente o momento em que as crianças teriam para registrar suas emoções e pensamentos no papel. Talvez conversassem com seus pais sobre os temas trazidos e recebessem auxílio sobre o que escrever. Talvez, desenhavam suas letrinhas solitariamente em suas folhas, a tornar concreto o que tinham escondido em suas cabecinhas. Nunca saberemos.

O que posso descrever aqui é a euforia pelas aulas *do Tales* (como elas chamavam), a curiosidade por assistir ao próximo vídeo, principalmente dos que não haviam assistido no período das aulas remotas por questões particulares, e o empenho delas, sentadinhas em suas cadeiras, debruçadas sobre o caderno ao realizarem seus registros, em silêncio, ou melhor, em conversa com elas mesmas. Um momento de reflexão. Em um destes momentos, a sala quieta, as cortinas balançavam ao vento, a porta estava aberta e um cachorro surge e senta-se na passagem. Uma das crianças disse: *Profe, ele quer pensar com a gente!* Era um momento tranquilo em nossa sala, as crianças continuaram fazendo sua atividade e o cachorro permaneceu ali, inerte, como que resguardando aquele momento. Penso que não consigo aqui, descrever a beleza desse instante, onde ao encerrar a aula algumas crianças passavam por ele e lhe faziam carinho, como que agradecendo pelo cuidado.

Figura 34 – Cão ao visitar a sala.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Também guardo em minha memória o espírito de cooperação das crianças, ao organizarem suas pequenas peças de teatro, suas discussões sobre como ficaria melhor, o que cada uma teria que fazer, os possíveis cenários e figurinos, suas falas, o nervosismo que rondava, as risadas quando alguma delas esquecia sua fala.

A experiência com argila e a pintura dos pequenos quadros, foi um momento mágico até mesmo para a professora, que também ousou brincar com a tinta. Foram momentos de descontração, mas com a seriedade de preparar algo para quando o Tales viesse nos visitar.

Figura 35 e 36 – Trabalhos com argila e pintura de quadros realizados pelas crianças.



Algumas pessoas poderiam olhar para estes momentos e pensar que estávamos, como alguns gostam de dizer: matando tempo. Muito pelo contrário! Estávamos dando vida ao nosso tempo, vida ao momento que estávamos vivendo, criando memórias de um laço que será revisto daqui dez anos, quando nos encontrarmos para abrir nossa cápsula do tempo.

Em todas essas situações, fosse na escrita, no desenho, no ensaio do teatro, na modelagem da argila ou na pintura dos pequenos quadros, as vozes das crianças estavam lá. Para além de simples atividades, lá estavam as expressões de seus pensamentos e sentimentos.

Nos *Cadernos de Ideias* ficaram registrados suas esperanças, seus medos, suas perguntas, seus desenhos de um período que esperamos, não passemos novamente. Angústias e pequenas alegrias de um momento da história mundial em que elas, na simplicidade de seu entendimento, não querem que volte. E o que haveria de ser mais

humano que a demonstração dessas sensações em seus registros? Assim, em todos as redações é possível perceber a relação da filosofia com a arte, quando as crianças escrevem sobre suas dúvidas frente ao mundo e esboçam sua imaginação por um mundo melhor por meio de manifestações artísticas.

Nestes escritos simples é possível ver a filosofia ali, viva como uma característica especificamente humana a ser desenvolvida. Mas ela, por si só, não se basta. É preciso passar pelas formas de expressar os sentimentos humanos, por meio da arte.

Por isso a arte é o instrumento capaz de unir razão e sensibilidade, para o pleno desenvolvimento humano em sua liberdade, almejado por Friedrich Schiller.

Portanto, a escola embora seja um prédio que recebe milhares de histórias de vida, precisa ser um ambiente que também acolhe. Que recebe essas vidas e que as transforme, com um olhar de espanto e encantamento pela vida.

3.4. SCHILLER, SEGUIMOS A TRILHA DESCOBERTA.

Difícil mensurar neste momento que impactos a realização deste projeto surtiu nas vidas das crianças da turma do 5º ano. Mas é possível descrever, talvez com pouca precisão, o impacto causado na professora que aqui escreve.

Leciono há mais de dez anos e sempre carrego comigo a pergunta: “educar para quê?”. Várias são as respostas possíveis: para ser alguém na vida; para se ter um bom emprego; para passar no vestibular; pra virar gente; pra não ficar em casa, etc.

Se buscarmos os pilares da educação segundo a UNESCO, veremos que são eles: *aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver e aprender a ser*. São quatro pilares que sustentam a formação de um indivíduo e que, se pararmos para analisar criteriosamente, não estão em equilíbrio, basta observarmos a crise pandêmica onde o senso de coletivo não existiu para muitas pessoas, logo o pilar do *conviver* está em desequilíbrio.

Para que esta boa convivência possa existir, ou seja, para que eu enxergue o outro, se faz necessário eu enxergar a mim mesmo, a entender minha existência, compreender meu papel no mundo, para que *sendo*, respeite o *ser* de outrem.

A escola, este ambiente onde muitos seres convivem, foi designado como o espaço para o uso e desenvolvimento da razão. O que talvez deixamos de lado ou esquecemos, é que as pessoas que estão ali dentro possuem histórias particulares, vivências e sentimentos que interferem em suas ações, pensamentos e interesses.

Neste sentido, somos seres de emoção, antes da racionalidade. Ora, um bebê não pensa ou racionaliza que quer um colo. Ele sente e ele pede. Se expressa! E já nesse período vemos comportamentos de pessoas a julgar o que é apropriado ou não, entre dar o colo ou deixar o bebê chorando.

O que pretendo exemplificar aqui é que já desde pequeninos somos induzidos a não nos expressarmos em nossa natureza. Deixá-lo chorando o tornará forte. E nessa força deixamos de nos expressar, de evidenciar nossa sensibilidade.

E é aqui que me encontro com Schiller. Se eu pudesse viajar no tempo e me encontrar com ele, diria que as coisas não vão tão bem como gostaríamos, que o mundo se tornou cruel, que as pessoas banalizam o sofrimento alheio, que a busca pela razão e por somente ela ainda está em alta, que nossas escolas, que mais parecem hospitais com suas paredes brancas e pálidas, ainda possuem professores soberbos arrotando autoritarismo.

Mas também lhe diria que existem aqueles que acreditam no que ele se inspirou um dia. Que uma educação estética é possível, que as crianças adoram viver essas experiências e que embora o espaço escolar não tenha se modificado muito, é possível proporcionar tais vivências e ver o humano em sua plenitude.

Diria a ele que a ciência evoluiu muito, mas que ainda precisamos nos melhorar como seres humanos e no convívio com a sociedade. Que os tiranos continuam entre nós, mas que ao encontrar nossos pares, toda tentativa vale a pena. Que assim como ele, não sei se atingi meu objetivo, visto que em educação os resultados aparecem a longo prazo, mas que a caminhada, a tentativa ainda persiste por uma educação que busque o pleno desenvolvimento do humano e sua sensibilidade.

Schiller, este filósofo tão subestimado, nos deixou contribuições de seus questionamentos sobre o mundo e a formação humana que nos perseguem até hoje. Perceber a correria que virou nosso cotidiano, esse tempo do relógio que nos aprisiona, não nos deixando vislumbrar por um instante a subjetividade das pequenas belezas diárias, tornou nosso mundo e as pessoas que habitam nele, prisioneiras de um utilitarismo em que tudo precisa servir para algum fim.

Sendo assim, servindo para um fim, homens e mulheres se tornam apenas peças de engrenagem da sociedade capitalista que vivemos. Neste sentido, apenas agem como se é esperado, sem refletir ou até mesmo sentir o que estão vivendo.

[...] A utilidade é o grande ídolo do tempo; quer ser servida por todas as forças e cultuada por todos os talentos. Nesta balança grosseira, o mérito espiritual da arte nada pesa, e ela, roubada de todo estímulo, desaparece do ruidoso mercado do século. (SCHILLER, p.23)

É assustador nos depararmos com esse utilitarismo invadindo nossas escolas sob o discurso da modernização e deixarmos de apreciar o simples, o lúdico, a brincadeira.

Ora, se a escola é um local de desenvolvimento humano, ela não deve ser vista ou ter como objetivo apenas a lógica do mercado, com a falácia de que o empreendedorismo irá resolver todas as mazelas sociais, tirando do Estado a função de prover vida digna e oportunidade para todos e todas. Schiller comenta na Carta IV, página 30, “O Estado não deve honrar apenas o caráter objetivo e genérico nos indivíduos, mas também o subjetivo e específico; [...]”

É nesse ambiente sim, que crianças, jovens e adolescentes, também adultos aprendem a ler, calcular, a se especializar para o mercado de trabalho, mas de nada adianta se antes de excelentes profissionais não forem ótimos seres humanos.

A humanização da pessoa passa pela educação do olhar, pela educação da sensibilidade, para que até a razão possa ser expressada como arte genuinamente humana.

Schiller explica em sua Carta VIII, página 46, “[...] que toda a ilustração do entendimento só merece respeito quando reflui sobre o caráter; ela parte também, em certo sentido, do caráter, pois o caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração.”

Só nos tornaremos pessoas mais humanas, quando houver uma harmonização entre a racionalidade e o sensível, e isto só se desenvolve através de uma educação estética.

Deste modo, volto a minha questão sempre presente: educamos para quê? Paro por um momento e mudo minha pergunta: agora quero refletir sobre o porquê virei professora? O porquê faço o que faço? E obtenho como resposta que para além da vida ter me levado por esse caminho, talvez pela influência do meu pai, posso dizer também que é pelo gosto pela leitura, gosto pelos livros, pela palavra, seja ela falada ou escrita. Ser professora me mantém nesse mundo. Nesse mundo também da escrita, da vontade de aprender coisas novas, o sentido do pesquisar, também se faz necessário falar, e se tem uma coisa que professora gosta é falar, trocar ideias e discutir. O diálogo faz parte do nosso cotidiano, seja durante uma aula, na sala dos professores, ou no corredor com as crianças, com pais, mães e avós no portão da escola; a fala está lá.

Algumas vezes nos deparamos com algumas dificuldades no caminho: desrespeito, desvalorização, violência... e o que nos mantém ainda dentro da escola, ou melhor, o que ainda me mantém na docência?

E sem sombra de dúvidas digo que é o fato de gostar de gente, de ter esperança no ser humano, de acreditar que os pequenos seres ao qual sou professora durante um ano de suas vidas, se tornarão adultos melhores que a nossa geração. Que é possível tornar esse mundo melhor se as pessoas se tornarem melhores, mais humanas. É acreditar na educação.

De maneira alguma, desejo aqui romantizar minha profissão, pois trabalhamos porque precisamos de sustento, é uma necessidade econômica e ainda assim, escolhi ser professora. E porque muitos como eu, escolhem essa profissão tão desvalorizada neste país?

A esperança! Não vejo outra explicação plausível.

Sendo assim, vejo o ato de ensinar como uma arte e arte exige esforço. Se para tocar um violão você precisa de anos de estudos, dedicação e prática, quem disse que ao se formar na graduação, por exemplo, você estará pronto? Não, continuamos nos especializando, estudando técnicas e dinâmicas para encantar nossas crianças, aprendendo novas canções para alegrá-las, brincadeiras para lhes divertir, fazendo cursos de aperfeiçoamento para ajudar em suas dificuldades e isso, sim, necessita dedicação e anos de prática, logo, uma arte, a arte de ensinar.

Entender a educação como uma arte é olhar para a criança que está a minha frente e ver seu potencial, como Michelangelo disse: *Eu vi um anjo dentro do mármore e talhei a pedra até libertá-lo*. É olhar para uma criança e imaginar que além de marcarmos suas vidas positivamente, imaginarmos elas como futuros professores, enfermeiros, médicos, mecânicos, engenheiros, cientistas, mas acima de tudo, pessoas melhores numa sociedade melhor. E isto pressupõe não vermos isso se realizando. E é aqui que a semente da esperança é deixada. Ora, muitas das pessoas que realizaram a fundação das catedrais na era medieval, não chegaram a vê-las prontas.

Talvez o entendimento de nossa profissão passe pelo sentido de missão. Mas não uma missão romantizada de que temos que trabalhar por amor, e sim a ideia de que devemos ter um propósito cada vez que acordamos cedo e seguimos para nossas escolas e que muitas vezes não é fácil, mas que se colocarmos uma pitada de afeto, as transformações, sejam elas no micro ou no macro, podem acontecer, pois professor e professora podem e devem ser boas referências, bons exemplos, semear sementes. Nos

inspiramos em quem para nós é exemplo. Num mundo onde nossas crianças e adolescentes recebem um bombardeio de vida tecnológica, onde mais elas podem adquirir o gosto pela leitura se não na escola? E assim deve ser pelo gosto ao aprender, por vivenciar experiências artísticas, pelo engajamento da curiosidade e o perguntar espontâneo.

Quando eu ingressei no Programa de Mestrado Profissional em Filosofia foi um momento em que eu queria compreender porque algumas pessoas não valorizam as falas das crianças que são impregnadas de filosofar, que escola é essa que só quer que elas leiam e contem mecanicamente, sem vivenciar as artes como experiência do desenvolvimento humano, o que acontece com nossa sociedade que vimos nos últimos anos se embrutecendo de maneira desenfreada, onde falhamos como escola, na formação destas pessoas?

O último fato ocorrido no dia 08 de janeiro de 2023, com pessoas totalmente insanas, sem respeitar as ordens estabelecidas da república e o ataque à arte, cultura e história de nosso país, prova que temos muitas sementes a espalhar para que as próximas gerações se tornem seres humanos, no mínimo, mais equilibrados.

Conseguir entrar no Mestrado Profissional em Filosofia foi então uma alegria pela possibilidade em estudar e desenvolver um projeto direto no chão da escola. E de repente, esse chão não existia mais. Perdi o chão ao perder o chão da escola. A pandemia veio com o discurso de inovação pedagógica tecnológica e eu só sentia medo. Algumas pessoas poderiam dizer que era *medo do novo*, mas era medo do vírus, por mim, pelos meus familiares e pelos meus alunos e alunas.

Foram dias angustiantes, pois junto do medo do vírus, tinha aflição sobre como aplicar o projeto e o questionamento constante sobre o sentido de tudo que fazíamos. Tabelas, notas, relatórios, tudo distante, tudo remoto... Não consigo imaginar o desenvolvimento humano desta forma, mecânico e distante.

Retornar para a sala de aula foi um respiro de esperança, com um sorriso abafado pelo uso das máscaras. Mas voltamos! Quantos de nós não voltaram?

Tinha então, a possibilidade de realizar o projeto agora em sala de aula e ao vivenciar tal experiência, percebemos que não há melhor lugar para a troca de ideias que o olhando para o outro, enxergando minhas crianças, dando a devida atenção, ouvindo-as.

Neste momento, concluindo essa etapa do mestrado, continuo me sentindo um ser inacabado que precisa buscar por mais aprendizagem, ou seja, preciso continuar

exercitando a minha arte de ensinar e aprender, para continuar espalhando sementes de uma educação que me melhore e melhore aos que estão a minha volta, seja ensinando língua portuguesa, matemática, história ou artes, mas sempre com o brilho nos olhos e uma atitude filosófica que encante minhas crianças. Seguimos a trilha...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de lecionar, de dedicar sua vida ao ensinamento do outro pode ser um ato mecânico, mas também pode ser um ato constantemente questionador de si próprio, para o outro. Esse dedicar-se ao outro nos remete a uma responsabilidade afetiva que poucos tem, referente não apenas às crianças, mas ao mundo que estamos deixando para os que ainda virão.

Foi esse exercício de pensar e repensar, de observar os fatos ocorridos dentro de uma escola, de ouvir falas de professoras, que me fazem e me fizeram constantemente questionar minha ação como educadora. Preponderantemente, agora no ensino remoto, durante a pandemia a busca pelo real sentido para tudo o que eu fazia era algo constante em meus pensamentos. Como estreitar laços de convívio e aprendizagem sem estarmos próximos? Como tratar do desenvolvimento humano que envolve o cuidado estando longe, mantendo a distância que o isolamento nos obrigou?

O projeto teve seu início na incômoda ausência da disciplina de filosofia na grade curricular do ensino fundamental I, e ao seu desenvolvimento pude perceber que muito mais importante que a filosofia estar aparecendo é você possuir uma postura filosófica frente à vida. Esta que nasce conosco, permanece em nossa infância e que, seja por motivos diversos, acabamos perdendo.

Neste sentido, professoras e professores que buscam manter vivo este espírito da vontade de aprender devem ser influência para aqueles e aquelas que convivem algumas horas do dia conosco, por alguns anos.

A instituição escola de alguma maneira precisa passar pela vida de quem a frequenta, seja criança, adolescente, jovem ou adulto. Essas pessoas não podem simplesmente passar pela escola e não tirar nada de bom nas experiências que ali tiveram. Precisamos criar memórias de aprendizagem afetuosas.

Vivemos tempos de angústia e incertezas sobre os dias de amanhã. Tempos em que a banalidade da violência nos ataca e nos amedronta. Que seja possível sonhar e

colocar em prática o desejo de Schiller por uma educação que englobe o ser humano de maneira total. Desejo que esta razão, tão valorizada por séculos pelos senhores barbudões, dialogue com o sensível, pois a razão sozinha não basta para nos tornar pessoas mais humanas. E que o espírito infante, questionador, incomodado e barulhento, como crianças a brincar no parque, se mantenha vivo em nós. Schiller (2017, p. 21) afirma:

[...] Defenderei a causa da beleza perante um coração que sente seu poder e o exerce, e que tomará a si a parte mais pesada de meu encargo nesta investigação que exige, com igual frequência, o apelo não só a princípios, mas também a sentimentos.

Difícil mensurar se este projeto surtiu bons frutos. Não houve só flores no caminho, pois para além de todo transtorno da pandemia, tivemos que conviver com situações de tentativa de suicídio, meninas se envolvendo com homens mais velhos, agressões físicas e um protótipo de arma branca. Um destes fatos ocorreu exatamente na última semana de aplicação do projeto, fato que me levou às lágrimas. Onde eu teria falhado? O que deixei de falar ou de explicar - ou ainda, de ouvir?

Me dou conta que não conseguirei resolver todos os problemas que envolvem a existências dessas crianças e que os rápidos momentos que passamos juntos, por mais afetuosos que fossem, não substituem o papel da família ou um profissional especializado para lidar em algumas áreas.

Mas a vida, essa estrada do filosofar, tem dessas coisas. Precisamos estar preparadas/os para situações adversas também dentro da escola. Alguns momentos tristes surgem para valorizarmos os felizes e belos. Quero guardar na lembrança os sonhos que estas crianças me diziam que tinham, os sorrisos de alegria escondidos atrás das máscaras, os ímpetos de abraços que eram mais fortes que nós, cada toque de mão demonstrando parceria, a alegria de pintar uma tela, a euforia por mexer com argila e a iniciativa e empenho nos ensaios de teatro.

Encerro esta escrita com um *até logo*. O projeto *O diário filosófico como experiência do sentir* fica suspenso no tempo *aión*, e daqui dez anos nos reencontraremos para daí sim, dizer se valeu a pena.

Observação: 24 de agosto de 2022 – Uma colega professora conta que um dos meninos que se envolveu na confusão da agressão, agora seu aluno, lhe falou com ternura do arrependimento que sente por ter se descontrolado naquela última semana do projeto.

REFERÊNCIAS:

ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. 2ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

BITETI, Mariane; MORAES, Marcelo José Derzi. Vidas e saberes periféricos como Potências Transgressoras. Rio de Janeiro: Revista de Investigación en Geografía, 2019.

BOAL, Augusto. A estética do oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. Jogos para atores e não atores. 16ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BOAL, Augusto. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CANTALICE, Gizolene de Fátima Barbosa da Silva; CIRINO, Maria Reilta Dantas. Filosofia e infância: formação docente para atuar em filosofia para/com crianças. REFilo, Santa Maria, v.6, p. 1-10, outubro, 2020.

CARRANÇA, Thais. Crise de saúde mental nas escolas: 'Alunos estão deprimidos, ansiosos, em luto e faltam psicólogos'. BBC News, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62613309>. Acesso em: 27/08/2022.

CERLETTI, Alejandro. O ensino de filosofia como problema filosófico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

CIRINO, Maria Reilta Dantas Cirino; CUNHA, Edna Olímpica da Cunha. Experiência e escrita na pesquisa com crianças. 3er Congresso Latinoamericano de Filosofia de la Educación. S.d.

FERRARO, Giuseppe. A escola dos sentimentos: da alfabetização das emoções à educação afetiva. 1ª edição. Rio de Janeiro: NEFI, 2018 – (Coleção: Ensaios; I).

FREIRE, Paulo. Cartas de Paulo Freire aos professores. Scielo, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/QvgY7SD7XHW9gbW54RKWHcL/?lang=pt>. Acesso em: 22/07/2022.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 11ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1920.

FREIRE, Paulo. Pedagogia dos sonhos possíveis. 1ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. Política e educação: ensaios. 4ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GAARDER, Jostein. O mundo de Sofia. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

- GADOTTI, Moacir. A filosofia para crianças e jovens e as perspectivas atuais da educação. In: KOHAN, Walter O. e GALLO, Silvio. (org) Filosofia para crianças. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HAUBERT, Laura Elizia. Apontamentos sobre a questão do tempo na Grécia: Καρός, Χρόνος e Αίωv. Revista Prometheus, n. 31, p. 53-71, 2019.
- KOHAN, Walter. O. Infância, estranheiridade e ignorância – Ensaio de Filosofia e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- KOHAN, Walter O. Filosofia no ensino médio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- LEAL, Bernardina; KOHAN, Walter Omar. Filosofia para crianças: Em debate. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- LEAL, Bernardida; KOHAN, Walter Omar; RIBEIRO, Álvaro. Filosofia na escola pública. 2º edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- LIPMAN, Matthew. A filosofia vai à escola. 3ª edição. São Paulo: Summus, 1990.
- LORIERI, Marcos Antonio. Filosofia: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.
- NOGUEIRA. Renato. O ensino de Filosofia e a Lei 10.639. Pallas. 2014.
- NOYAMA, Samon. A tarefa infinita: Schiller e o problema da escrita. Ouro Preto: UFOP, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Almedina, 2020.
- SCHILLER, Friedrich. A educação estética do homem: numa série de cartas. São Paulo: Iluminuras, 2017.
- SILVA, Carina Zanelato. A Educação Estética em Friedrich Schiller. Caderno de Letras, n. 29, pp. 11-34, 2017.
- VELASCO, Patrícia Del Nero. O que é isto – o PRO-FILO? O que nos faz pensar. [s.i.], V.28, N.44, P.76-107, julho, 2019.

ANEXOS

ANEXO I

O DIÁRIO FILOSÓFICO COMO EXPERIÊNCIA DO SENTIR REFLEXÕES ACERCA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A SENSIBILIDADE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I, DURANTE A PANDEMIA.

Professora Helayne Cândido.

VÍDEO/ ENCONTRO 1: APRESENTAÇÃO/ “NADA PODE SURGIR DO NADA”.

DATA: 28/05/2021

Olá, eu sou o Tales.

Quero ser amigo de vocês e conversar sobre muitos assuntos.

Infelizmente, por causa da pandemia, teremos que nos comunicar através de vídeos. Mas eu sei que vocês receberam um caderno chamado “Caderno das Ideias” e será nesse caderno que vocês escreverão para mim. Não vejo a hora de ler!

Eu estava dias atrás no balanço da minha casa, pensando sobre a vida. Agora, nesses tempos de pandemia, a gente pensa muito, né?

Comecei a pensar sobre de onde viemos e para onde vamos? Vocês já pararam pra pensar nisso?

Será que existe uma substância básica da qual tudo é feito? Como surgem as plantas e os animais? E até mesmo, eu e vocês?

Eu sempre gostei muito de observar a natureza e as transformações que ocorrem nela. Sim, pois nosso planeta já passou por várias modificações. Mas como essas modificações são possíveis? Como elas acontecem?

Você já parou pra pensar nisso?

Vocês já observaram, por exemplo, a água? Ela pode se transformar em gelo, em vapor e pode voltar a ser água na forma líquida novamente. Ou alguém de sua família quando vai fazer um bolo e pega vários ingredientes (trigo, açúcar, ovos, etc) e os transforma num delicioso bolo?

Ou seja, nada é igual o tempo todo, não é mesmo?

Vejam vocês! Desde que nasceram, já mudaram muito também!

Tudo está em movimento. Veja nosso mundo, está passando por uma grande e brusca mudança. Estamos tendo que mudar nossos hábitos para preservar nossas vidas.

E será que mudaremos nossa maneira de nos relacionarmos com a natureza e com as pessoas?

Escreva pra mim!

Escreva sobre o que você pensa sobre a origem do mundo, as mudanças que aconteceram nele (boas ou ruins) e o que seria, para você, um mundo ideal.

ANEXO II

O DIÁRIO FILOSÓFICO COMO EXPERIÊNCIA DO SENTIR REFLEXÕES ACERCA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A SENSIBILIDADE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I, DURANTE A PANDEMIA.

Professora Helayne Cândido.

VÍDEO/ENCONTRO 2: “O BRINQUEDO MAIS GENIAL DO MUNDO.”

DATA: 11/06/2021

Olá, turma!

Como vocês estão?

Hoje quero contar para vocês que eu estava em meu quarto, organizando umas caixas antigas e em uma delas eu encontrei peças de Lego. Peguei uma delas e olhando para ela, me lembrei de quando era criança e de quantas coisas eu conseguia construir com aquelas pecinhas. Até passei um tempo brincando com elas novamente e pensando que seroa o Lego o brinquedo mais genial do mundo?

Comecei a montar qualquer coisa que me viesse à cabeça com aquelas pecinhas de vários tamanhos e formas e enquanto eu mexia com elas, ficava pensando sobre o que eu estava fazendo, sobre como é fácil construir coisas com elas, que mesmo as peças sendo diferentes, elas poderiam ser combinadas e encaixadas.

O mais legal é que poderia construir, desmontar e construir outra coisa diferente. Isso não é genial? Diferentes pecinhas podem construir um brinquedo. Fiquei pensando: será que seria assim com as outras coisas do planeta? Será que existem partículas invisíveis que se combinam e formam as coisas assim como as peças de Lego? Essa minha roupa, será que minúsculas e diferentes partículas invisíveis, como se fossem pedrinhas, se uniram para formá-la? Fico imaginando se na natureza não existe uma infinidade dessas partículas, lisas, redondas, quadradas, que se encaixam como um quebra-cabeça para criar os objetos que vemos.

Ah! Como eu queria estar com vocês para gente poder brincar de Lego. Seria tão legal! Mas como não podemos ainda, quero sugerir uma atividade pra vocês fazerem no “Caderno de Ideias”, aquele caderno que vocês devem cuidar com muito carinho.

A atividade se chama Pontilhismo. É desenhar só com pontos. Vamos imaginar esses pontos como partículas, certo? Cada um de vocês vai criar um desenho usando apenas pontos. Estou louco para ver as criações de vocês!

Depois, no “Caderno de ideias” ainda, escreva para mim como você acha que as coisas são formadas? Será que tudo é formado por pequenas partículas como as peças de Lego? Ou não? Escreva pra mim!

Um abraço e até nosso próximo encontro.

ANEXO III

O DIÁRIO FILOSÓFICO COMO EXPERIÊNCIA DO SENTIR REFLEXÕES ACERCA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A SENSIBILIDADE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I, DURANTE A PANDEMIA.

Professora Helayne Cândido.

VÍDEO/ENCONTRO 3: “O ADIVINHO TENTA ADIVINHAR ALGO QUE NA VERDADE NÃO DÁ PARA ADIVINHAR.”

DATA: 18/06/2021

Olá, amiguinhos e amiguinhas!

Como vocês estão?

Hoje, eu quero contar para vocês que para matar as saudades de um primo distante, fiz uma chamada de vídeo com ele (meet). Ele se chama Jonas e gosta de fazer perguntas e pensar sobre as coisas, assim como eu. Acho que por isso nos damos tão bem!

Num determinado momento de nossa conversa, Jonas me perguntou se eu acreditava em destino. Se eu achava que as doenças, como o Covid-19, poderia ser um castigo. Ou se existem forças invisíveis que direcionam os fatos da história do mundo.

Mais ou menos como as pessoas que acreditam em signos e astrologia, superstições... Vocês acham que nosso destino, nosso futuro está escrito?

Vocês acham que se cruzarmos com um gato preto isso representa azar? Ou que se bater três vezes na madeira traz sorte ou que o número 13 é má sorte?

Isto seria superstição? Que palavra estranha, né?

Se a gente acredita em Deus, isto é fé. Mas se a gente acredita em astrologia ou na sexta feira 13, o nome muda pra superstição.

Quem tem o direito de chamar de superstição a crença dos outros?

Você acha que seu destino, seu futuro já está pré-determinado ou você faz seu próprio destino?

Escreva sobre isso pra mim, me conte o que você pensa sobre sua vida. Ela é fruto de suas escolhas ou você é fruto de seu destino?

Depois faça um desenho sobre como você se imagina no seu futuro, daqui dez anos.

ANEXO IV

O DIÁRIO FILOSÓFICO COMO EXPERIÊNCIA DO SENTIR REFLEXÕES ACERCA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A SENSIBILIDADE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I, DURANTE A PANDEMIA.

Professora Helayne Cândido.

VÍDEO/ ENCONTRO 4: “MAIS INTELIGENTE É AQUELE QUE SABE QUE NÃO SABE.”

DATA: 25/06/2021

Olá, criançada! Tudo bem com vocês?

Hoje vim contar para vocês que fui passear com meu cachorro (nome dele ou dela) no parque.

De repente, ele encontrou um envelope e trouxe para mim.

Parecia ser uma carta, que alguém poderia ter perdido. Eu abri, para ver se encontrava alguma informação e dentro do envelope encontrei um pequeno papel onde estava escrito:

“Será mais inteligente aquele que sabe que não sabe?”

“O verdadeiro conhecimento vem de dentro?”

Fiquei pensando sobre como hoje as pessoas possuem algumas verdades e não estão abertas ao diálogo, para talvez reformular suas ideias e opiniões. O quanto ouvimos hoje sobre Fakenews, as tais notícias falsas que são espalhadas e que muitas pessoas aceitam como sendo verdade ou conhecimento, sem nem sequer estudar sobre o fato em si.

Fiquei pensando que saber que não se sabe também é uma forma de conhecimento e desta forma, estar aberto a aprender é umas das belezas do ser humano.

E sobre a segunda pergunta, *“se o conhecimento vem de dentro?”*, pensei... o conhecimento não vem de fora, com alguém nos ensinando? Nossas professoras, nossas pais estão sempre nos ensinando. Como assim, ele vem de dentro?

Pensei nas vezes que minha mãe tentava me ensinar algo, mas que eu não estava muito interessado. Ou até mesmo na escola, quando eu estava em sala de aula e a professora ensinava algo, mas minha cabeça estava tão longe que eu não consegui prestar a atenção na aula. Eu queria mais era estar no campinho jogando bola.

Percebi então, que a gente só aprende quando está aberto a aprender. Ou seja, quando a vontade de aprender vem de dentro de mim. Quando eu me dou conta que sou um aprendiz, que tenho muito a aprender e então me movo na busca pelo conhecimento, ou seja, pela vontade de aprender.

Escreva em seu “Caderno de Ideias” o que você pensa sobre isso e sobre alguma coisa que gostou de aprender e desenhe algo que você gostaria de aprender, descrevendo o que é. (cozinhar, dançar, pintar, etc)

ANEXO V

O DIÁRIO FILOSÓFICO COMO EXPERIÊNCIA DO SENTIR REFLEXÕES ACERCA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A SENSIBILIDADE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I, DURANTE A PANDEMIA.

Professora Helayne Cândido.

VÍDEO/ ENCONTRO 5: “Da mesma matéria que compõe os sonhos.”

DATA: 02/07/2021

Olá, criançada!

Tudo bem com vocês?

Hoje, vim contar para vocês que esta semana estive observando muito o meu amigo Urso. Ele está comigo por muitos anos (_____) e tem como costume diário, acordar e ir até a porta de casa e colocar a patinha nela, como se me pedisse para abri-la.

Ao observar isso, ao longo desses anos, fiquei pensando qual a diferença entre o cachorro e o ser humano. Pessoas e animais são seres vivos da natureza com muitos pontos em comum, mas com uma diferença fundamental: a razão.

A razão que nós entendemos como sendo a inteligência. Seria o ser humano o ser mais inteligente que habita o planeta o Terra? Mas como podemos afirmar isso se as pessoas usam sua inteligência para a violência, para guerras, para fazer o mal para os outros. Afinal, eu não vejo animais assim na floresta. Vejo animais com espírito de comunidade, de solidariedade, de proteção e espírito de caça para sua sobrevivência.

De que adianta tanta inteligência se for para fazer o mal, não é mesmo?

Então, vamos lá! Pegue seu “Caderno das Ideias” e escreva para mim. Capriche! Quero textos bem escritos onde vocês coloquem tudo o que pensam. E sei que vocês têm muitos pensamentos e questionamentos nessas cabecinhas, assim como eu.

O que você acredita ser uma pessoa inteligente?

A inteligência e só ela, basta para que sejamos pessoas boas?

Qual seria o ingrediente que nos faz sermos bons uns com os outros?

O que você acha que nos diferencia dos animais?

Depois, você pode fazer um desenho sobre isso.

Se você tiver um animalzinho de estimação, mande uma foto pra mim. Vou adorar conhecer seu amiguinho.

Manda pra profe Helayne que ela me repassa.

Se você não tem, me conte que animalzinho gostaria de ter, pode ser no caderno.

ANEXO VI

O DIÁRIO FILOSÓFICO COMO EXPERIÊNCIA DO SENTIR REFLEXÕES ACERCA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A SENSIBILIDADE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I, DURANTE A PANDEMIA.

Professora Helayne Cândido.

VÍDEO/ ENCONTRO 6: “Um fantasma ronda o mundo.”

DATA: 09/07/2021

Olá, criançada!

Tudo bem com vocês? Esperam que estejam todos bem!

Hoje vim contar para vocês que certo dia, eu estava saindo do mercado e vi uma menina vestindo trapos, com o rosto pálido, embora coberto pelo uso da máscara e estava vendendo caixas de fósforos. Provavelmente, para ajudar nas despesas da sua casa.

Ninguém dava atenção a ela. Fui ao seu encontro e comprei algumas caixinhas de fósforo dela.

Fui embora bem preocupado, pensando em porque aquela menina tinha que viver naquela condição e que providencias poderiam ser tomadas para melhorar a vida dela.

Vocês já pararam pra perceber que algumas pessoas possuem tanto e outras tão pouco. Por que será que existem tantas diferenças sociais? Vocês já tiveram vontade de ter alguma coisa e não poderem porque os pais de vocês não poderiam comprar?

Vejamos, nossa sociedade é feita de pessoas muito ricas, os grandes empresários. E de pessoas pobres. Outras até mesmo vivem na miséria.

Seria essa condição de vida determinada por uma força superior? Ou seria a nossa vida resultado das condições que temos? Será que todas as pessoas possuem as mesmas condições e oportunidades para serem o que quiserem, para terem o que desejam?

Porque algumas crianças podem brincar e outras, como a menininha que encontrei no mercado, precisam vender fósforos ou outras coisas? Porque algumas crianças podem comer tudo o que quiserem e outras não?

Vamos lá! Pegue seu Caderno das Ideias. Escreva para mim o que você pensa sobre esses questionamentos que eu trouxe hoje. Você pode escrever para mim qual você acha que seria a solução para diminuir as diferenças sociais, ou seja, para tornar a vida das pessoas mais digna, onde todos e todas tivessem as mesmas oportunidades e condições para viver, com segurança, saúde e educação. Afinal, o lugar da minha amiguinha que eu encontrei no mercado é na escola e na segurança de sua família e não trabalhando tão pequenina.

Depois faça um desenho do que você acredita ser um mundo ideal, sem tantas diferenças.

ANEXO VII

O DIÁRIO FILOSÓFICO COMO EXPERIÊNCIA DO SENTIR REFLEXÕES ACERCA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A SENSIBILIDADE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I, DURANTE A PANDEMIA.

Professora Helayne Cândido.

VÍDEO/ ENCONTRO 7: “Um barco carregado de genes navegando pela vida.”

DATA: 23/07/2021

Olá, criançada!

Tudo bem com vocês? Esperam que estejam todos bem!

Hoje quero contar para vocês que num desses dias que estivemos longe, sem nos ver por causa do recesso, eu sonhei que estava na entrada de uma caverna, limpando e preparando um animal que minha tribo havia caçado, provavelmente, para o jantar.

Acordei assustado, já estava atrasado para o trabalho e saí correndo. Mas no caminho, fiquei pensando sobre meu sonho. Como seria viver no tempo das cavernas? Como seria se uma pessoa dos dias de hoje viajasse no tempo e fosse para a Idade da Pedra, como viveria?

Fiquei pensando como era a vida das pessoas naquele tempo, antes disso que hoje chamamos de cultura. Aliás, você sabe o que quer dizer essa palavra? A cultura é aquilo que nos identifica, que nos faz sentir parte de um grupo, revela nossos costumes, nossas crenças e nossos gostos, entre tantas coisas...

Vocês já pararam pra pensar em quanto tempo, quanta coisa aconteceu ao decorrer dos anos para que chegássemos aos dias de hoje, com os costumes que temos hoje? Já pararam pra pensar que muitos fatos foram acontecendo na história da humanidade e que foram modificando as sociedades até chegarmos nos dias de hoje?

E pasmem! O tempo não para! Muitas modificações estão acontecendo nos nossos dias. Muitas coisas estão diferentes do passado hoje e estarão diferentes do que será o futuro.

É como se houvesse um grande barco navegando pelo tempo, carregando a história. A cada parada desse barco, pessoas entram e saem dele. Dentro dele ficam informações que ajudam os próximos navegadores a continuarem a viagem, de maneira mais fácil.

O mundo, as sociedades e os costumes se modificam com a evolução da humanidade. Ora, não nos vestimos e nem nos comportamos como as pessoas que moravam nas cavernas, não é mesmo? Ou seja, evoluímos. E estamos em constante evolução.

Você, certamente não é como uma criança do tempo das cavernas e com certeza tem mais acesso ao conhecimento que as crianças daquele tempo. Mas, você já se imaginou vivendo naquele tempo? Ou no tempo dos castelos, na Idade Medieval?

Se pararmos pra pensar, rapidamente constatamos que hoje possuímos uma vida mais confortável, não dormimos em cavernas e nem precisamos caçar para nos alimentarmos.

Se existisse uma máquina do tempo e você pudesse fazer um amigo do tempo das cavernas o que você contaria para ele, sobre os dias atuais? Ou o que você perguntaria para ele?

Escreva sobre isso, no “Caderno da Ideias”. Quero ver como está a imaginação!

E ainda: vamos fazer um desenho rupestre. Vocês sabem o que é? Era a maneira como nossos antepassados da idade da pedra, usavam para deixar registros de seu cotidiano nas paredes das cavernas. Eles marcavam as superfícies rochosas com os próprios dedos ou algum objeto pontiagudo, fabricavam suas tintas extraindo da natureza e usavam o carvão que sobrava das fogueiras que acendiam.

E vocês vão fazer algo parecido com o que eles faziam. A professora Helayne vai encaminhar um vídeo explicativo para vocês. Prestem a atenção e caprichem!

Quero ver os lindos trabalhos que vocês farão!

ANEXO VIII

O DIÁRIO FILOSÓFICO COMO EXPERIÊNCIA DO SENTIR REFLEXÕES ACERCA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A SENSIBILIDADE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I, DURANTE A PANDEMIA.

Professora Helayne Cândido.

VÍDEO/ ENCONTRO 8: “Nós também somos poeira estelar”

DATA: 30/07/2021

Olá, criançada!

Tudo bem com vocês? Esperam que estejam todos bem!

Numa noite dessas, eu estava deitado, olhando e admirando as estrelas!

Elas começaram a aparecer no céu palidamente e fiquei pensando como nós somos pequenos frente ao universo, que a Terra, o nosso planeta, é um dos muitos planetas que orbitam ao redor do Sol.

Será que nosso planeta é o único com vida? Será que é o único em todo o universo? Num universo tão grande, será que estamos sozinhos no espaço?

Vocês sabiam que as estrelas que vemos hoje, já se apagaram? Sua luz apenas demora para chegar até aqui, afinal, estamos há milhões e milhões de quilômetros de distância. Ou seja, quando olhamos para o céu, estamos olhando para o passado.

Alguns povos da antiguidade, quando os estudos científicos não eram avançados, explicavam o surgimento do universo e do nosso planeta, através de mitos. O mito nada mais é que uma maneira que um determinado povo, em uma determinada época, usar para explicar os fatos. Mito não é realidade. Mas usa de características do que é real para explicar alguns acontecimentos.

Vocês já ouviram falar da teoria do Big Bang? Alguns cientistas, após muitos anos e anos de estudos, explicam que nosso planeta surgiu após uma grande explosão. E a terra foi passando por modificações até chegarmos aos tempos de hoje.

O que teria sido essa matéria que explodiu e originou o nosso planeta neste universo? De onde ela veio? Para onde ela vai?

Vamos lá! Pegue seu “Caderno de Ideias” e escreva para mim!

O que você pensa sobre a origem do planeta? Como você acha que ele se originou? Você conhece algum mito que explique a origem do universo? Vamos lá! Me conte! Escreva para mim. Se não conhece nenhum, pesquise, na internet, em livros, conversando com seus pais, com seus avós.

Então vejamos, vamos nos organizar: primeiro vocês pesquisam um mito sobre o surgimento do universo e escrevem sobre ele no Caderno das ideias. Depois, vocês escrevem como vocês pensam que o se deu o surgimento do planeta no universo. E por último, vamos fazer um desenho bem lindo?! Caprichem nos textos!

ANEXO IX

O DIÁRIO FILOSÓFICO COMO EXPERIÊNCIA DO SENTIR REFLEXÕES ACERCA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A SENSIBILIDADE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I, DURANTE A PANDEMIA.

Professora Helayne Cândido.

VÍDEO/ ENCONTRO 9: “O anseio de voltar à verdadeira morada.”

DATA: 06/08/2021

Olá, criançada!

Tudo bem com vocês? Espero que estejam todos bem!

Estamos quase chegando ao fim de nossos vídeos/encontros aqui pelo WhatsApp. E já estou começando a sentir saudades.

Eu imagino o quanto deve estar sendo difícil para vocês, estudar desta maneira remota. O como deve estar sendo difícil se concentrar nas tarefas escolares, estando longe da escola.

Tanta coisa acontecendo junto com essa pandemia, afinal vocês devem ouvir os comentários dos pais e das mães de vocês a respeito de como a vida está difícil, não é mesmo?

E as vezes, estudar matemática, geografia, língua portuguesa e todas as matérias, decorar regras, memorizar conceitos, fatos e datas, são coisas importantes, mas ocupam tanto nosso tempo que acabamos esquecendo de pensar e mais ainda, de refletir.

Somos tomados pelas responsabilidades escolares e aposto que também pelos afazeres da casa, não é mesmo? Imagino que vocês ajudem seus pais e suas mães em pequenas tarefas domésticas.

Pois bem, nossa vida é sempre tão atarefada que não paramos para refletir e vamos absorvendo informações da internet e da televisão sem questionar.

Hoje, nesse QUASE encerramento de nossos encontros, quero pensar e refletir com vocês:

O que é ser humano? O que é o mundo? Existe vida após a morte?

Talvez essas perguntas sejam mais importantes que $2 + 2$, rs

Por favor, não me entendam mal. Estudar é muito, muito importante! Mas pensar e refletir sobre nossa vida, sobre os acontecimentos do passado e do presente, pensar o futuro, tudo isso também é muito importante, porque afinal, isso é o que nos diferencia dos animais e das máquinas. Nosso pensamento! Foi através do pensamento e da ação, que várias pessoas que vieram antes de nós, foram transformando o mundo.

Na escola, parece que sempre estamos preocupados apenas com as respostas. Mas precisamos sim, é fazer mais perguntas!

Não podemos perder nossa capacidade de nos admirarmos com as coisas, como quando éramos crianças pequenas e nos espantávamos com o simples voar de uma borboleta, com o brincar num balanço ou aprender a andar de bicicleta ou se encantar com o canto dos pássaros, observar as folhas com gotas de orvalho, parecendo pequenos pingos de cristal.

Eu mesmo, adoro me encantar com as belezas e os pequenos milagres do mundo.

Por exemplo: como pode o padeiro ser capaz de assar cinquenta bolos iguais? Por que todos os cavalos são iguais? Será que as pessoas possuem uma alma imortal? E por último, homens e mulheres, meninos e meninas pensar igual?

É esse espanto, essa admiração, essa vontade de conhecer e de aprender que devemos manter vivas em nós.

Então, agora, vamos pegar o Caderno das Ideias e vamos escrever! Porque para estar aberto a aprender é preciso ter a audácia da pergunta.

Escrevam para mim sobre os questionamentos, as perguntas que vocês possuem que vão além da escola. Como as que citei ali em cima: “O que é ser humano? O que é o mundo? como pode o padeiro ser capaz de assar cinquenta bolos iguais? Por que todos os cavalos são iguais? Será que as pessoas possuem uma alma imortal? E por último, homens e mulheres, meninos e meninas pensam igual?”

Podemos fazer ainda mais perguntas: como pássaros voam? Como aviões voam? Por que envelhecemos? Por que não somos crianças para sempre? Será que existe a terra do Peter Pan? Por que existe violência? Por que existem as guerras? Por que criaram as armas? Por que a paz é tão difícil? Por que o sol aparece de dia e a lua a noite? Por que temos que ir à escola? Enfim, existe uma infinidade de perguntas que podemos fazer, quero ver quais serão as de vocês!

Você possui mais perguntas além destas? Quais? Escreva para mim! Estou curioso!

E claro! Caprichem no desenho sobre o que escreverem.

Na próxima semana, será nosso último vídeo/encontro e logo a professora Helayne vai pedir para vocês entregarem o caderno para ela. Estou doído para ler o que vocês produziram.

Caprichem!

ANEXO X

O DIÁRIO FILOSÓFICO COMO EXPERIÊNCIA DO SENTIR REFLEXÕES ACERCA DE UMA EDUCAÇÃO PARA E COM SENSIBILIDADE

Professora Helayne Cândido.

VÍDEO/ ENCONTRO 10: “Uma centelha de fogo.”

DATA: 13/08/2021

Olá, criançada!

Tudo bem com vocês? Espero que estejam todos bem!

Hoje chegamos ao nosso último vídeo/encontro.

Que falta sentirei de vocês!

Hoje eu trouxe para gente pensar juntos, os seguintes tópicos:

Eu quero que vocês peguem o Caderno de ideias e façam:

1. Uma lista do que as pessoas podem saber. E em seguida, uma lista do que as pessoas só podem acreditar;
2. O que você entende por consciência? Você acha que a consciência é a mesma para todas as pessoas?
3. O que você entende por prioridades de valores?
4. Enumere três fatores que você acredita serem importantes para orientar a vida de uma pessoa.

Já parou pra pensar nisso tudo?

É... pensamos em tantas coisas em nossos encontros não é mesmo? Pensamos e refletimos! E o mais importante: **ESCREVEMOS!**

Escrever é a arte de sentir com as palavras. Expressamos nossos sentimentos no papel. E o sentimento que sinto agora já é de saudades de vocês!

Não nos conhecemos pessoalmente, mas já desenvolvi um carinho por vocês!

Então, após vocês responderem estas perguntinhas, eu gostaria que vocês escrevessem uma mensagem para os alunos que serão do 5º ano, ano que vem. Como se fosse uma cápsula do tempo.

Talvez vocês não os conheçam, mas imagine a emoção deles ao receber as mensagens de vocês por exemplo, contando como foi a experiência das aulas remotas durante a

pandemia, como foi me conhecer, como foram nossos encontros, como foi passar por toda essa experiência de maneira distante.

E agora a parte mais legal! Eu gostaria de ver os rostinhos de vocês!

Será que vocês gravariam um vídeo rapidinho para mim, contando qual foi o encontro que vocês mais gostaram? Eu vou adorar conhecer os rostinhos de vocês e saber do que mais gostaram!

Hoje nos despedimos, mas eu desejo que eu tenha deixado uma *centelha de fogo* na vontade de vocês sempre buscarem aprender e conhecer mais sobre os acontecimentos do mundo, que vocês questionem sempre, duvidem sempre, sintam suas emoções e expressem elas em forma de desenhos, de pintura e do abraço, que por ora, não podemos nos dar, mas sintam meu abraço/ carinho virtual aqui pra vocês.

Caprichem!

ANEXO XI

Para acessar aos vídeos desenvolvidos neste projeto, entre em contato pelo email:
nanycandido1@gmail.com